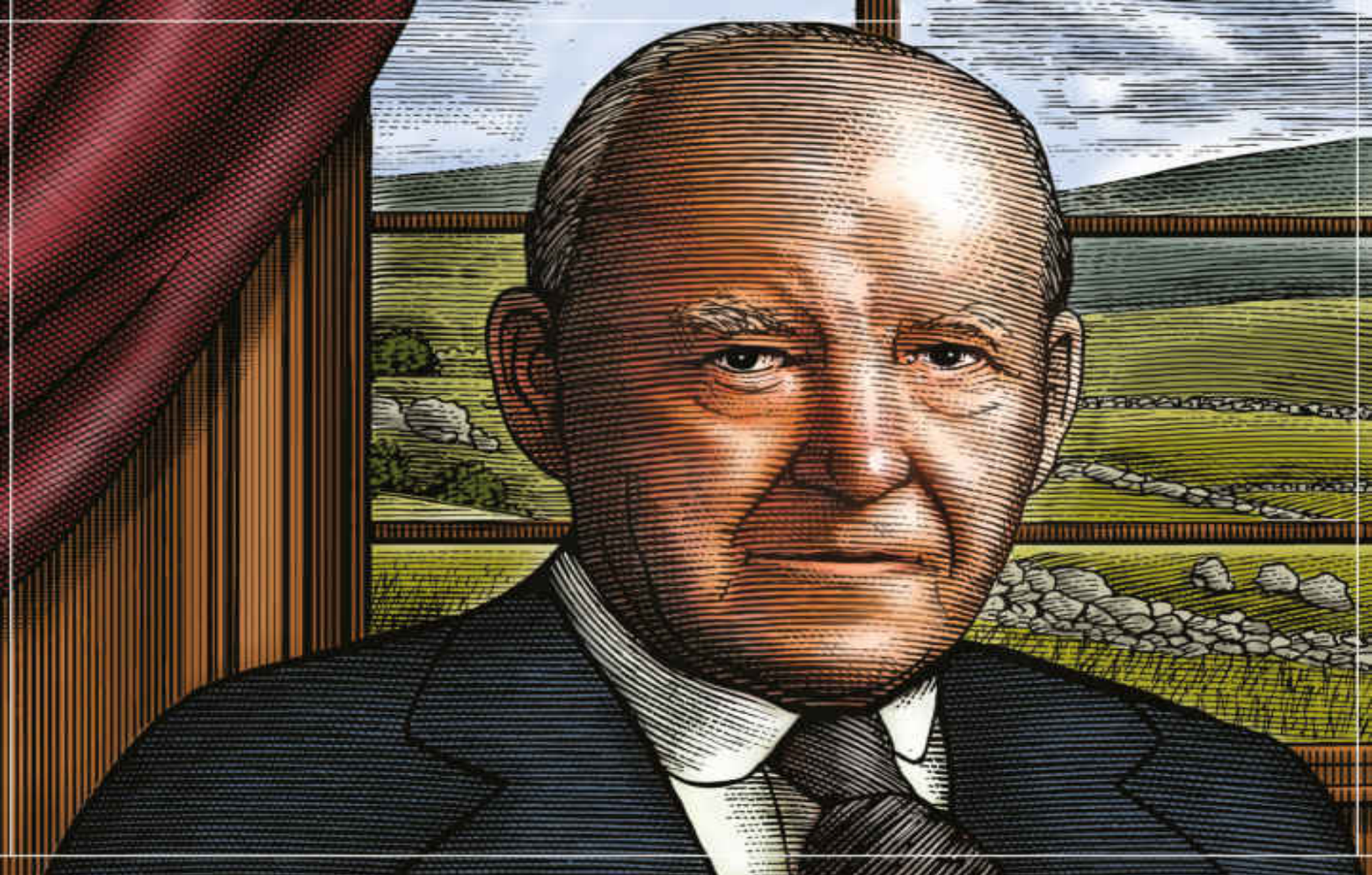




A Pregação Apaixonada *de*

Martyn Lloyd-Jones

STEVEN J. LAWSON


FIEL
Editora

UM PERFIL DE HOMENS PIEDOSOS

STEVEN J. LAWSON

A pregação apaixonada de

Martyn
Lloyd-Jones

UM PERFIL DE HOMENS PIEDOSOS



A pregação apaixonada de

Martyn LloydJones –

Um perfil de Homens Piedosos

Traduzido do original em inglês “*The Passionate Preaching of Martyn LloydJones*” por Steven J.

Lawson Copyright © 2016 por Steven J. Lawson ■

Publicado por Reformation Trust, Uma divisão de Ligonier Ministries,

400 TECHNOLOGY PARK, LAKE MARY, FL 32746

Copyright © 2016 Editora Fiel Primeira edição em português: 2016

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora Fiel da Missão Evangélica Literária
Proibida a reprodução deste livro por quaisquer meios, sem a permissão escrita dos editores, salvo
em breves citações, com indicação da fonte.



Diretor: James Richard Denham III Editor: Tiago J. Santos Filho Tradução: Elizabeth Gomes
Revisão: Elaine R. O. Santos Ilustração: Steven Noble Diagramação: Rubner Durais Adaptação da
Capa: Rubner Durais Ebook: Yuri Freire

ISBN: 978-85-8132-404-3



Caixa Postal, 1601

CEP 12230-971

São José dos Campos-SP

PABX.: (12) 3919-9999

www.editorafiel.com.br

Este livro é carinhosamente
dedicado a meu irmão,

DR. MARK A. LAWSON

cristão dedicado, talentoso médico,
amante da história britânica, o primeiro
a me encorajar a publicar esses estudos teológicos e de história da
igreja
nesta série de Perfis de
Homens Piedosos.

SUMÁRIO

Apresentação: Seguidores dignos de serem seguidos

Prefácio: O manto de médico

Capítulo 1: Uma vida em chamas

Capítulo 2: Soberanamente chamado

Capítulo 3: Biblicamente fundamentado

Capítulo 4: Distintamente expositivo

Capítulo 5: Cuidadosamente estudado

Capítulo 6: Divinamente focado

Capítulo 7: Doutrinariamente fundamentado

Capítulo 8: Teologicamente reformado

Capítulo 9: Espiritualmente poderoso

Conclusão: Queremos hoje pessoas como Lloyd Jones

Seguidores Dignos de Serem Seguidos

No decorrer dos séculos, Deus levantou providencialmente uma extensa linha de homens piedosos, os quais ele usou de maneira poderosa, em momentos estratégicos, na história da igreja. Estes indivíduos valorosos procederam de todas as classes sociais – desde os prédios luxuosos das escolas de elite até as oficinas empoeiradas de artesãos. Surgiram de todos os pontos do mundo – desde locais de alta visibilidade em cidades densamente populosas a obscuros vilarejos dos mais remotos lugares. Apesar das diferenças, estas figuras cruciais têm muito em comum.

Antes e acima de tudo, cada um destes homens possuía uma fé inabalável no Senhor Jesus Cristo. E mais pode ser dito a respeito destes homens extraordinários. Cada um deles tinha profundas convicções sobre as verdades que exaltam a Deus, conhecidas como *doutrinas da graça*. Embora tivessem diferenças secundárias em questões de teologia, andavam ombro a ombro na defesa dos ensinamentos bíblicos que engrandecem a soberana graça de Deus na salvação. Estes líderes espirituais sustentavam a verdade fundamental de que “do SENHOR é a salvação” (Sl 3.8; Jn 2.9).

As doutrinas da graça humilharam a alma destes homens diante de Deus e inflamaram seu coração com grande paixão por Deus. Estas verdades da soberania divina deram coragem a estes homens para se

levantarem e promoverem o avanço da causa de Cristo em sua geração. Qualquer avaliação da história de redenção revela que aqueles que adotam estas verdades reformadas obtêm confiança extraordinária em seu Deus. Com uma visão amplificada quanto à expansão do reino de Deus na terra, eles avançaram ousadamente para realizar a obra de dez, vinte ou trinta homens. Estes indivíduos magníficos subiram com asas como águias e voaram acima de seu tempo. As doutrinas da graça os fortaleceram para que servissem a Deus no momento da história que lhes fora designado por Deus, deixando um legado piedoso para as gerações posteriores.

Esta série, *Um Perfil de Homens Piedosos*, destaca personagens-chave na incessante procissão de homens da graça soberana. O propósito desta série é examinar como eles utilizaram os dons e as habilidades dados por Deus para impactar seu tempo e promover o reino do céu. Sendo corajosos seguidores de Cristo, seus exemplos são dignos de serem imitados hoje.

Este volume enfoca o homem considerado o maior responsável por restabelecer a pregação expositiva em grande parte da igreja no século XXI, Martyn LloydJones. Este expositor que arrebatava almas ministrou na Capela de Westminster, Londres, e apresentou uma nova geração aos Puritanos, ao Grande Despertamento e à Teologia Reformada. Foi LloydJones que revitalizou a pregação bíblica, numa época em que o ímpeto espiritual de muitos púlpitos da Inglaterra era notavelmente ausente. O “Doutor” se destacava em seu púlpito estratégico, pregando com uma força espiritual que por muito tempo esteve ausente da igreja. LloydJones se firma como exemplo do que Deus pode fazer por meio de um homem que honra e difunde a sua Palavra. Ele é digno de nossa consideração nas páginas que aqui seguem.

Antes de prosseguir, quero agradecer à equipe de publicações de *Reformation Trust*, por sua dedicação nesta série de Perfis de Homens Piedosos. Permaneço grato pela contínua influência de meu antigo professor e atual amigo, Dr. R.C. Sproul. Devo também expressar minha

gratidão a Chris Larson, tão instrumental na direção desta série. Quero agradecer a Kevin Gardner, por sua editoração desta obra. Além do mais, sou devedor à equipe de trabalho de *One Passion Ministries*, que tem apoiado meus esforços em produzir este livro.

Quero expressar minha gratidão à minha assistente executiva de ministério, Kay Allen, que digitou o documento, e Dustin Benge, diretor de operações do *One Passion Ministries*, que me ajudou no preparo deste manuscrito. Sem a habilidosa ajuda dessas pessoas, este livro não estaria em suas mãos, leitor. Agradeço a Deus por minha família, que me apoia em meu ministério de pregação e produção literária. Minha esposa, Anne, tem feito enormes sacrifícios e me dado muito apoio, permitindo que eu exerça o chamado de Deus para minha vida. O céu revelará isto. Nossos quatro filhos adultos, Andrew, James, Grace Anne e John, permanecem como colunas de força para mim neste trabalho.

Que o Senhor use este livro para dar coragem a uma nova geração de crentes, que leve seu testemunho de Jesus Cristo, e de Deus, para este mundo. Por meio do perfil de Martyn Lloyd Jones, que você seja fortalecido a andar de modo digno de seu chamado. Que você seja zeloso em seu estudo da Palavra escrita de Deus, para a exaltação de Cristo e o avanço de seu reino. Para aqueles entre vocês que pregam, que o façam com “a lógica pegando fogo e a teologia em chamas”.

Soli Deo glória!

– Steven J. Lawson
Editor da Série

O manto do médico

Uma metrópole vibrante como Londres é uma cidade que possui muitas atrações para qualquer um que ame a história da igreja. Dentro deste vasto centro urbano se encontram muitas lembranças de um glorioso passado do cristianismo. Toda vez que viajo a Londres, sou estimulado pelos muitos lugares em que heróis da fé viveram e morreram. Muitos até mesmo entregaram suas vidas em martírio neste solo inglês, para o avanço do evangelho por todo o mundo. Em especial, sou atraído aos Campos de Bunhill, onde muitos notáveis puritanos foram enterrados, incluindo John Bunyan (m.1688), John Owen (1616–83) e Isaac Watts (1674–1748). Perto dali se encontra Smithfield, onde foi executado o primeiro mártir, queimado por Maria, a Sanguinária: John Rogers (c.1500–1555). Os jardins de Whitehall contêm a imponente estátua do Pai da Bíblia em língua inglesa, William Tyndale (1494–1536).

A Biblioteca Britânica contém apenas um fragmento, conhecido como fragmento de Cologne, do Novo Testamento de 1525, de Tyndale, bem como uma rara edição de 1526. No Northwood Cemetery é onde está sepultado o corpo do príncipe dos pregadores, Charles Spurgeon (1834–92).

Em recente viagem de pregação a Londres, havia um lugar que eu ainda não visitara e continuava sendo essencial. Eu tinha de ir à Capela Westminster, onde David Martyn LloydJones pregara e influenciara o

mundo evangélico. Tomando o metrô, fiz meu percurso à pé até este prédio histórico, uma curta caminhada do Palácio de Buckingham. Ao me aproximar da Capela no nível da rua, senti como se estivesse voltando no tempo. A fachada da Capela permanece exatamente como era nos dias do “Doutor”, completa com sua torre distinta. Batendo várias vezes à porta, não tive resposta. Mas a persistência teve sua recompensa, quando um zelador atendeu e permitiu que eu entrasse. Ele me conduziu até o santuário, onde LloydJones expôs a Palavra de Deus por trinta anos.

Subi até a plataforma e voltei-me para ver os bancos da congregação, a fim de ver como seria ficar em pé diante de onde o Doutor outrora se colocava, ao pregar com tanta fidelidade. Fitei uma galeria de dois patamares que envolve todo o santuário como se uma nuvem de testemunhas fizesse círculo em volta do púlpito por todos os lados. A vista inspirava espanto, e como eu sou pregador, só de ver, eu tive vontade de pregar.

Ao fundo do palanque estava o púlpito do qual LloydJones outrora pregara. Não mais em uso, a tribuna sagrada foi relegada a um lugar ao fundo, fora de vista. Eu me aproximei do púlpito e coloquei minhas mãos sobre ele. O zelador percebeu que eu estava embevecido pela descoberta e me perguntou se eu queria ver o vestibulo onde o Doutor recebia pessoas interessadas, depois de sua pregação. Imediatamente, eu disse que sim. Ele me conduziu para trás da área do púlpito, e passamos por uma porta para uma sala simples, sem adornos, contendo como móveis apenas uma pequena escrivaninha e cadeira. Na parede acima da escrivaninha havia um retrato do grande pregador inglês Charles Haddon Spurgeon. Eu podia imaginar o Doutor em uma sala muito semelhante a esta ao receber graciosamente os visitantes que queriam falar com ele.

Meu guia perguntou se eu gostaria de ver a bíblia que LloydJones usava para pregar. Eu, claro, respondi afirmativamente. Ele trouxe o que, para mim, era uma das joias da coroa da Inglaterra, a Bíblia de púlpito da qual o

Doutor expunha a verdade. Sentei em sua escrivaninha e abri suas páginas para Romanos 1. Minha mente correu de volta até aquela distinta série de sermões que ele entregou através do livro de Romanos, que durou quatorze anos e reformulou o cenário da pregação evangélica—uma série que pregou usando esta mesma bíblia.

O zelador, então, perguntou se eu gostaria de ver a toga negra genebrina que LloydJones usava no púlpito. Isto ia além do que minha alma podia suportar. No armário, colocada num cabide, estava a toga usada por este pequeno galês. O zelador a tirou e, antes que eu pudesse exercer autocontrole, perguntei se eu poderia vesti-la. Pego de surpresa, ele concordou em me deixar colocá-la. Naquela hora, os pensamentos voaram para o tempo em que Spurgeon viajou pela Europa e foi à Genebra, Suíça, onde o magistral reformador João Calvino havia pregado. Os anfitriões de Spurgeon perguntaram-lhe se ele queria vestir a toga negra de pregação de Calvino. Ele hesitou em negar porque não quis jogar água fria sobre o entusiasmo deles. Trouxeram-lhe a toga do Reformador e puseram-na sobre os largos ombros de Spurgeon. O grande pregador londrino comentou que este foi um dos grandes momentos de sua vida. Eu me senti igual, vestindo a toga do Doutor.

Aqui estava eu na capela de Westminster, sentado à mesa de LloydJones, vestindo a sua toga, abrindo a sua Bíblia de púlpito, fitando o primeiro capítulo de Romanos, onde certa vez o seu dedo apontou quando ele pregou a Palavra. Neste grande momento, eu estava esperando que algo desse grande homem do País de Gales, fizesse parte de mim. Então, meus pensamentos foram a este livro que eu estava designado a escrever sobre LloydJones. Ansiava que por estas páginas sobre o Doutor, então ainda não escritas, Deus se agradasse em colocar o manto de LloydJones sobre uma nova geração de pregadores.

Este livro sobre LloydJones enfoca a vida e pregação desse homem incrível. Oro para que Deus o utilize para acender um fogo na sua alma,

para cumprir o seu chamado sobre a sua vida. É chegada a hora de homens fiéis a Deus se erguerem em púlpitos por todo o mundo para pregar a Palavra. A necessidade nunca esteve maior. Num dia que clama por igrejas que cedam ao espírito da era, e usa o entretenimento para atrair as multidões, a primazia da pregação bíblica deve ser restaurada onde quer que o povo de Deus se reúna para adorar. Como foi no tempo de LloydJones, assim permanece hoje a necessidade de pregadores como arautos da Palavra, no poder do Espírito Santo, a fim de alimentar o rebanho e evangelizar os perdidos.

Que a vida e ministério de David Martyn LloydJones sirva como inspiração à sua alma e que você se entregue àquilo que Deus o chamou a fazer. Nenhum sacrifício será grande demais a fim de cumprir as boas obras que ele nos tem dado a realizar.

Soli Deo Gloria!

Steven J. Lawson
Dallas, Agosto de 2015

Uma vida em chamas

*Martyn Lloyd Jones foi, sem dúvida, o maior expositor bíblico do século XX. De fato, quando o capítulo final da história da igreja for escrito, creio que o Doutor permanecerá como um dos maiores pregadores de todos os tempos.*¹

– JOHN MACARTHUR

Figura diminuta, baixa e compacta, ele entrava no púlpito da Capela de Westminster, em Londres, usando uma negra toga genebrina comum. Mais de duas mil pessoas vinham até a Capela no dia do Senhor para ouvir uma robusta exposição da Escritura, feita por este renomado pregador de galês. Não havia truques, posturas teatrais, nada de diversão para atrair as multidões. Não havia testemunhos de personalidades famosas para prender a atenção das pessoas. Não havia exibições dramáticas. Era uma congregação que adorava e orava, ansiosa por ouvir a pregação de um homem de Deus, falando das insondáveis riquezas da Palavra de Deus. Nesta época, a pregação bíblica era considerada irrelevante. No entanto, este galês inflamado se dirigia à congregação três vezes por semana com autoridade determinada, que não era sua. Ele expunha a Bíblia duas vezes aos domingos e uma vez às sextas-feiras à noite, e cada vez levava os homens a se encontrarem face a face com a glória de Deus. Por meio de sua pregação, as almas eram levadas à baixo para, então, serem elevadas. Os

pecados eram expostos e a graça estendida. As pessoas se convertiam e as vidas eram transformadas.

Devido à exposição penetrante que fazia, esta figura formidável passou a ser reconhecida em seu tempo como o “maior pregador da cristandade”.² O pregador era David Martyn LloydJones. Conhecido afetuosamente como “o Doutor”, este médico transformado em pregador tornou-se o maior expositor do século XX. “Existe pouca dúvida”, escreve o pregador escocês Eric J. Alexander , “de que o Dr. Martyn LloydJones foi o maior pregador que o mundo de língua inglesa tenha visto no século XX”.³ A localidade estratégica de seu púlpito em Londres e distribuição global dos seus sermões impressos significava que a influência da mensagem pregada por LloydJones estendia-se muito além de sua cidade, para a igreja evangélica da Grã-Bretanha e, eventualmente, por todo o mundo. Muitos relacionam o ressurgimento da teologia reformada dos dias modernos à direta influência da pregação de LloydJones, em Westminster.

Afirmando este dinâmico impacto, Peter Lewis escreve: “Na história da Grã-Bretanha, a pregação de Martyn LloydJones é destacada. Ele toma seu lugar em uma longa linha de grandes pregadores desde a Reforma Protestante, que representaram a reforma e renovação da igreja, a evangelização e o despertamento do mundo”.⁴ Em meio ao declínio espiritual na Inglaterra, após a II Guerra Mundial, este talentoso expositor manteve-se com a minoria, em seu compromisso com a pregação bíblica.

Mais que qualquer outro, LloydJones é diretamente responsável pela recuperação da verdadeira pregação bíblica durante a segunda metade do século XX, e os efeitos de seu ministério continuam até os dias de hoje. Devido a um legado assim iluminado, certas perguntas devem ser feitas: Quem era esse pregador britânico do século XX? O que caracterizou sua prolífica vida e ministério? Quais eram as forças que formaram a sua pregação? O que distinguiu a sua pregação expositiva? O que podemos

aprender de seu ministério de púlpito? Para responder tais perguntas, começamos neste capítulo com uma visão geral da vida de Lloyd Jones.

NASCIDO E CRIADO NO PAÍS DE GALES

David Martyn LloydJones nasceu em 20 de dezembro de 1899, em Cardiff, País de Gales. Segundo dos três filhos de pais que falavam galês. Os seus pais, Henry e Magdalen, viviam vida simples, de trabalho árduo. Em 1906, a família mudou-se para Llangeitho, pequeno vilarejo em Cardiganshire (hoje Ceredigion), no sul de Gales, onde seu pai era gerente do armazém geral. Ali, sua família passou a participar da igreja calvinista metodista que fora estabelecida por Daniel Rowland, um dos ardentes pregadores do avivamento galês durante o século XVIII. Nesta denominação distintamente reformada, LloydJones foi introduzido às transcendentais verdades da soberania de Deus sobre toda a vida. Embora ainda não estivesse convertido, essa exposição inicial começou a colocar o fundamento para uma cosmovisão centrada em Deus.

Os metodistas calvinistas tinham um histórico de grandes pregadores e avivamentos, o que provocou interesse constante na história da igreja e nos despertamentos espirituais. Intelectualmente brilhante, o jovem LloydJones provou ser um menino extraordinário. Possuía um lado contemplativo e seus estudos de garoto produziram nele um amor precoce pela leitura. Aos onze anos de idade, ele ganhou uma bolsa de estudos para a Tregaron County Intermediate School na cidade vizinha. O jovem David, mais tarde conhecido como Martyn, deixava sua casa toda manhã de segunda-feira para frequentar a escola, voltando para casa sexta-feira de tarde. Cresceu nele seu amor por história, uma paixão que mais tarde se desenvolveria no estudo dos Puritanos e das eras subsequentes de avivamento.

A MUDANÇA PARA LONDRES

Em 1914, as dificuldades financeiras atingiram a família dos LloydJones e a falência os forçou a mudar para Londres. Ali, o seu pai tomou dinheiro emprestado para comprar uma firma de laticínios, e a família manteve sua residência na rua Regency. Como quis a providência, os negócios eram em Westminster, no centro de Londres, exatamente onde mais tarde Martyn iria pastorear.

O jovem Martyn levantava toda manhã às 5:30 e entregava leite nas casas da localidade. Cada dia, passava em frente da Capela de Westminster. A família foi convidada por alguns fregueses a frequentar a Capela, mas eles preferiram frequentar a igreja metodista calvinista galesa local, a Capela da rua Charing Cross.

No primeiro domingo, sentaram na frente da família de um cirurgião oftalmologista de sucesso, Dr. Thomas Phillips, com cuja filha, Bethan, Martyn mais tarde se casaria. Bethan era estudante de medicina da University College Hospital. Moça de grande cultura, educada na Universidade de Londres, Bethan havia se destacado como uma das primeiras mulheres a estudar medicina no Hospital da Universidade. Seu forte caráter provaria ser de enorme valor para LloydJones em seu trabalho futuro. Com Bethan a seu lado, parecia que LloydJones estava preparado para uma carreira bem-sucedida no campo da Medicina.

Nos próximos anos, Martyn frequentou a conhecida escola masculina St. Marylebone Grammar School, onde completou seus estudos preparatórios. Por meio de toda essa formação inicial, Deus estava dando a ele as ferramentas para uma vida de estudo inquiridor da Bíblia e da história da igreja. Ao concluir seu curso, LloydJones seguiu sua paixão pelo estudo para se preparar como médico. Aos dezesseis anos, ele foi aceito no altamente aclamado programa de treinamento do Hospital St.

Bartholomew, um dos mais famosos hospitais-escolas da Inglaterra. Aos vinte e um anos de idade, Martyn recebeu o bacharelado em medicina e cirurgia, com distinção. Tornou-se então membro do Real Colégio de Cirurgiões (1921) e licenciado pelo Real Colégio de Médicos (1921). A cada passo, LloydJones se destacava por seu excepcional intelecto, com futuro brilhante como médico talentoso. Ainda no começo da casa dos vinte anos, LloydJones estava no limiar de uma carreira extraordinária na profissão médica.

UM JOVEM MÉDICO DE DESTAQUE

As habilidades de LloydJones no diagnóstico de doenças chamaram a atenção de um dos mais renomados mestres no Hospital de St. Bart's, o eminente Sir Thomas Horder. Horder exercia a medicina na famosa rua Harley, de Londres, o endereço mais distinto da medicina britânica. Além disso, era o médico pessoal do rei George V e da família real. Não foi pouca honra, quando Horder escolheu a Martyn como médico assistente da casa real. Eventualmente, Horder daria a LloydJones a posição de principal assistente clínico do hospital, em 1923.

Naquele mesmo ano, Martyn recebeu, por merecimento, o altamente respeitado doutorado em medicina da Universidade de Londres, na idade incomum de vinte e três anos. Em seguida, LloydJones recebeu a bolsa de Pesquisas de Baillie (1924), por dezoito meses, a fim de investigar o tipo Pell-Epstein da doença de Hodgkin (Linfadenoma).⁵ Tal reconhecimento angariou-lhe maior destaque.

Aos vinte e quatro anos, Martyn tornou-se a primeira pessoa a receber recursos do Fundo *Memorial* de Pesquisa de St. John Harmsworth para estudar uma condição cardíaca conhecida como endocardite infecciosa. Os resultados de seu estudo foram publicados numa revista de medicina altamente respeitada e hoje se encontram na Biblioteca Nacional do País de Gales. Com vinte e cinco anos, Martyn tornou-se membro da Academia Real de Medicina (Royal Academy of Physicians -1925). Sir James Patterson Ross, presidente da Real Faculdade de Cirurgiões, referiu-se a LloydJones como “um dos melhores clínicos que já encontrei”. Por todos os relatos, a carreira de medicina de LloydJones subia a alturas meteóricas.

CONVERTIDO E CHAMADO

Apesar dessas realizações significativas, LloydJones era infeliz. A vida, para ele, parecia fugaz e vazia. Mais cedo, aos dezoito anos de idade, Martyn foi impactado pela morte de seu irmão Harold. Seu pai morreu quando Martyn contava vinte e dois anos. Entre essas perdas, Deus começou a convencê-lo de sua culpa e pecado pessoal. Embora fosse uma pessoa muito religiosa, Martyn reconheceu estar espiritualmente morto. Mesmo tendo exteriormente uma vida moral, ele percebeu que isso era apenas uma fachada, uma tentativa de apresentar uma frente respeitável. Ele viu sua necessidade desesperada de verdadeiro relacionamento com Jesus Cristo. Não pode ser atribuída nenhuma data exata de sua conversão, mas LloydJones, aos vinte e cinco anos, nasceu de novo. Mais tarde, ele descreveu assim este ponto de virada em sua vida:

Por muitos anos eu pensava ser cristão, quando de fato eu não era. Foi somente mais tarde que percebi que nunca fora cristão e então, converti-me... Eu precisava de pregação que me convencesse de meu pecado... mas nunca ouvira isso. A pregação era sempre baseada na suposição de que todos nós éramos cristãos.⁶

Esta experiência de conversão teria profundo efeito sobre a sua pregação futura. No púlpito, LloydJones sempre faria a obra do evangelista. Conhecia o que era estar na igreja, mas não em Cristo.

CHAMADO PARA PREGAR

Recém convertido, LloydJones ficou convicto de que a maior necessidade de seus pacientes estava muito mais fundo do que nos seus males físicos. Ele agora entendia que quem estiver afastado de Deus está espiritualmente morto. Percebeu que ele curava os pacientes para que eles voltassem a uma vida de pecado. Nos dois anos seguintes, Martyn esteve empenhado em uma profunda luta para saber de Deus como deveria investir sua vida. Perdeu dez quilos, enquanto lutava para saber se Deus o chamava ao ministério.

Em junho de 1926, tomou a decisão que mudaria sua vida: deixar a carreira de medicina para seguir o chamado que considerava mais alto, o chamado para pregar. Em uma carta, escreveu: “Quero pregar... e estou determinado à pregação. A natureza precisa de minhas atividades futuras ainda não estão resolvidas, mas nada pode ou deve impedir-me de sair falando às pessoas das boas novas”.⁷ Uma vez decidido, Martyn nunca olhou para trás. Esta mudança de profissão de LloydJones causou uma sensação nada pequena no campo da medicina. Que este jovem bem sucedido, com carreira em pleno desenvolvimento, deixasse tudo para entrar no ministério foi chocante para a maioria das pessoas.

Esta nova carreira foi escolhida num tempo quando os avanços científicos pareciam contradizer as reivindicações da antiga Bíblia. Nenhuma pessoa inteligente, de educação primorosa, deixaria a medicina para meros mitos, arrazoavam. Porém, LloydJones estava tomado por uma confiança inabalável na Escritura e necessidade de proclamar a sua verdade evangélica, não obstante o que as pessoas pensavam.

Martyn escolheu não seguir uma educação formal em seminário, devido ao liberalismo teológico que infectara as universidades britânicas. Ele cria ter recebido de Deus o dom para cumprir a tarefa para a qual fora

chamado, e não tinha necessidade de uma educação formal que desvalorizasse a Escritura.

Em junho de 1926, Martyn propôs o casamento a Bethan Phillips. Ainda que ela tivesse muitos pretendentes, ele ganhou a mão dessa belíssima mulher. Os dois casaram em 8 de janeiro de 1927, na Capela de Charing Cross, Londres. Martyn então enfrentava mais uma grande decisão: Aonde ele serviria ao Senhor? Embora cuidasse de muitos dos da elite londrina, ele desejava ministrar entre os pobres, em sua terra natal de Gales. LloydJones viajou até lá em busca de oportunidades de ministério, mas foi rejeitado. Para os oficiais da igreja galesa, um médico da Rua Harley que servisse à classe trabalhadora não parecia boa coisa. Porém, Martyn perseverou no que cria ser o chamado de Deus sobre sua vida. No Natal de 1926, ele aceitou o chamado ao pastorado numa área financeiramente desprovida do sul de Gales.

MINISTRANDO NO PAÍS DE GALES

Deixando as luzes brilhantes de Londres, Martyn e Bethan chegaram a Port Talbot, Gales, em 1 de fevereiro de 1927. Martyn começou a pastorear uma pequena igreja, no salão da missão do Movimento Para Frente, em Sandfields, Aberavon.

Em 26 de outubro, LloydJones foi oficialmente ordenado ao ministério como Metodista Calvinista. Sua igreja-mãe de Londres não era grande o suficiente para conter a multidão curiosa que se ajuntava para ver o eminente médico separado para o ministério do evangelho, de forma que o culto foi realizado no Tabernáculo de George Whitefield, em Londres.

Humanamente falando, esta não poderia ser época pior para ir ao sul de Gales. Desemprego, embriaguez e analfabetismo eram desmedidos entre o povo da cidade. A Grande Depressão sobreviria em 1929. O povo não tinha muito estudo. Somente pequena porcentagem das pessoas do local frequentava a igreja, e o pastor anterior havia saído bastante desanimado. No entanto, LloydJones acreditava que eles precisavam ouvir uma pregação direta e doutrinária da Escritura. Tal pregação, mais tarde, seria conhecida como “lógica em chamas”. Ele baseava seu ministério de púlpito exclusivamente na Bíblia. Nunca fazia piadas, nem usava quaisquer anedotas ou histórias pessoais. Estava simplesmente consumido de zelo pela glória de Deus, e ele buscou proclamá-la da Palavra de Deus, no poder do Espírito Santo. No início de seu pastorado, a igreja em Sandfields havia diminuído para apenas noventa e três membros. Pior, muitos na congregação tinham se encantado com o evangelho social. LloydJones escolheu seguir o antigo caminho da exposição bíblica para edificar a igreja. A sociedade de teatro foi suspensa. Noites musicais foram canceladas. A pregação do evangelho foi restabelecida. Enquanto LloydJones pregava a Palavra, a igreja começava a crescer.

PREGAÇÃO BÍBLICA DIRETA

Imediatamente, a igreja ficou viva. Membros da igreja se converteram. Mesmo a secretária da igreja foi salva. Um médium espírita veio à fé em Cristo. A própria Bethan se converteu a Cristo. Ela testemunhou: “Estive por dois anos sob o ministério de Martyn antes que eu realmente compreendesse o que era o evangelho... pensei que tinha de ser um bêbado ou uma prostituta para ser convertido”.

Somente aqueles com profissão de fé crível em Cristo foram permitidos a permanecerem como membros da igreja. Os vazios de confissão de Cristo foram removidos do rol de membros igreja. Em seus onze anos em Sandfields, numerosas pessoas foram convertidas a Cristo e se afiliaram à igreja. Esta congregação foi transformada pelo poder da Palavra de Deus, entregue por esse apaixonado pregador. Iain Murray descreve o que aconteceu nesses primeiros anos do seu ministério:

Ele parecia estar interessado exclusivamente na parte puramente “tradicional” da vida da igreja, que consistia dos cultos regulares de domingo (às 11 da manhã e 6 da tarde), reuniões de oração às segundas e quartas-feiras. Tudo mais tinha de sair, e assim as atividades orientadas especificamente para atrair os de fora logo chegaram ao fim. A eliminação da sociedade de teatro apresentou um problema prático, ou seja, o que fazer com o palco de madeira que ocupava uma parte do salão da igreja? “Pode aquecer a igreja com ele” – o novo pastor disse à Comissão... A igreja iria avançar, não por aproximar-se do mundo, mas por representar no mundo a verdadeira vida e privilégio dos filhos de Deus.⁸

CRESCENTE INFLUÊNCIA NO EXTERIOR

Até os anos de 1930, a poderosa pregação de LloydJones estava atraindo a atenção em larga escala. Os convites o levavam a conferências por todo o País de Gales, onde milhares vinham ouvi-lo pregar. Num só ano, ele pregou em cinquenta e cinco reuniões fora de Sandfields. A imprensa secular o descrevia como o pregador mais eminente de Gales, desde o avivamento de 1904. Numa ocasião em 1935, ele pregou a sete mil pessoas, na reunião do centenário de Daniel Rowland. Noutra ocasião, ele retornou a Londres e pregou para milhares de pessoas no Salão Royal Albert. Em 1937, LloydJones viajou para os Estados Unidos, onde pregou em Pittsburgh, Filadélfia, e Nova York.

G. Campbell Morgan, conhecido ministro da Capela de Westminster, Londres, estava tão impressionado com o trabalho de LloydJones que, em 1938, pediu que ele se juntasse a ele no trabalho em Westminster. LloydJones inicialmente recusou, porque um posto de ensino acadêmico na faculdade teológica de sua denominação em Bala, no norte de Gales, havia sido oferecido a ele. Porém, devido a uma estranha virada da providência, esta posição acabou não sendo mantida. Em julho de 1938, ele aceitou o chamado para ser assistente de Morgan na Capela Westminster, no centro de Londres, a maior igreja livre da cidade.

PARA A CAPELA DE WESTMINSTER

Em setembro de 1938, LloydJones chegou a Londres para ser assistente de Morgan. Naquela época, Martyn acreditava que esta posição seria apenas por seis meses. Porém, a oferta pendente de ser chefe de outra instituição teológica em Gales não foi estendida a ele. Ficou claro que LloydJones deveria permanecer no púlpito.

Naquele mesmo ano, tornou-se presidente da Inter-Varsity Fellowship of Students⁹. Eventualmente, ele se tornou co-pastor com Morgan até que, em 1943, o pregador mais velho se aposentou, deixando LloydJones como único pastor da Capela Westminster. Ele ocuparia seu púlpito pelos próximos vinte e cinco anos, durante os quais a Capela Westminster se tornaria grande farol do evangelho, espalhando a luz das boas novas, resultando na transformação de incontáveis vidas. Até o final da Segunda Guerra Mundial, a maioria dos membros da Capela Westminster havia se mudado para fora de Londres, para segurança do campo. Os membros haviam diminuído consideravelmente em comparação aos anos antes da guerra. Havia questionamento quanto à possibilidade da congregação sobreviver se estratégias diferentes das da pregação bíblica não fossem utilizadas. Alguns da Capela queriam acrescentar recitais vespertinos de coral e de órgão para aumentar a frequência, mas LloydJones recusou-se a fazer concessões. Firmava os olhos na pregação e, com o tempo, a primeira galeria foi novamente aberta. Então, a segunda galeria foi reaberta. Eventualmente, o santuário ficou cheio.

UMA VOZ SOLITÁRIA NA INGLATERRA

Nesta hora, LloydJones pregava de tal forma que a Palavra de Deus moveu grandemente os corações e as consciências de seus ouvintes. De pé no púlpito de Westminster, ele modelava um compromisso inabalável com a centralidade bíblica de seu ministério, que precisava desesperadamente ser recuperado. A despeito da tendência oposta da sociedade, LloydJones não cedeu às pressões em sua volta, que pediam por diversão mundana para atrair as pessoas. Em vez disso, ele dependia totalmente do poder de Deus na pregação de sua Palavra. Iain Murray escreve:

Nos anos de 1950, Martyn LloydJones estava praticamente sozinho na Inglaterra, naquilo que ele chamava de “pregação expositiva”. Para que a pregação seguisse a essa designação, não bastava, em sua opinião, que seu conteúdo fosse bíblico; tratados que consistissem em estudos de palavras ou que fizessem comentários e análises de capítulos inteiros para que fossem considerados “bíblicos”, mas não era o mesmo que a exposição. Fazer exposição bíblica não é simplesmente dar o sentido gramatical correto de um versículo ou de uma passagem, mas expor os princípios ou doutrinas que as palavras têm intenção de transmitir. A verdadeira pregação expositiva é, portanto, pregação *doutrinária*, é a pregação que trata de verdades específicas de Deus ao homem. O pregador expositivo não é um que “compartilha seus estudos” com os outros; ele é embaixador e mensageiro, que entrega com autoridade a Palavra de Deus aos homens. Tal pregação apresenta, portanto, um texto, tendo em vista este texto durante todo o tempo, com dedução, argumentação e apelo em que o todo compõe uma mensagem que porta a autoridade da própria Escritura.¹⁰

LloydJones era a personificação de sua própria definição da pregação, ou seja, “teologia vindo através de um homem incendiado”. A pregação, cria

ele, é o “método de Deus”, o meio principal pelo qual a verdade da Escritura se torna conhecida. Desta forma, LloydJones estava junto aos reformadores e puritanos, que, séculos antes, insistiram que a pregação fosse o principal meio pelo qual a graça de Deus é administrada à igreja.

Em outubro de 1954, LloydJones iniciou sua famosa série de exposições, versículo por versículo, do Sermão do Monte, com poder salvador e santificador. Naquele mesmo ano, apoiou com entusiasmo a inauguração da Conferência Puritana em Westminster, um ajuntamento que enfocava o movimento Puritano. Ele cria que tal ressurgimento da convicção puritana era desesperadamente necessária nas igrejas estéreis da Inglaterra. Em 1952, ele lançou sua monumental série de cultos vespertinos de pregação de sextas-feiras, que continuaria nos próximos dezesseis anos, até a sua aposentadoria em 1968.

Isso começou com uma série de três anos sobre as grandes doutrinas da Bíblia (1952–55), que seria seguida pela sua exposição de Romanos, que durou treze anos (1955–68). De um pequeno começo no salão da comunidade, os números crescentes forçaram a mudança para o santuário principal, onde se tornou pregação básica para muitos ouvintes ansiosos que devoravam cada palavra.

BUSCANDO O AVIVAMENTO

O desejo de LloydJones para a igreja era por um autêntico reavivamento, como o que fora experimentado nos Despertamentos Evangélicos do Século XVIII. Ansiava pelo dia em que a pregação como a de George Whitefield, Jonathan Edwards e outros viesse para a Inglaterra. Consequentemente, ele conheceu dois extremos que poderiam ameaçar a vida cristã e deveriam ser evitados. Por um lado, ele queria evitar a ortodoxia morta do calvinismo frio. No outro extremo, ele conhecia os excessos emocionais do movimento pentecostal e outros movimentos emotivos, contra os quais deveriam se guardar.

O que LloydJones desejava era uma experiência de movimento reformado. No centenário do Avivamento de 1859, ele pregou uma série de sermões sobre avivamento em que proclamou seu desejo de que Deus restaurasse à igreja a plenitude do seu poder. Somente um autêntico despertar, cria ele, poderia ressuscitar as igrejas que tinham se tornado confiantes em si mesmas, resultando no mundanismo, na doutrina fraca e na superficialidade da experiência espiritual.

Algumas evidências de avivamento espiritual vieram a Westminster. Pessoas eram atraídas à Capela, vindas de uma ampla gama de estilos de vida, para ouvir a Palavra de Deus. Médicos e enfermeiras da comunidade de saúde se encontravam entre a congregação. Membros do Parlamento sentavam-se sob sua pregação. Estudantes vindos de todas as partes do mundo frequentavam os cultos. Servos da Casa Real vinham. Além dos grandes números, o que Deus estava fazendo nas vidas das pessoas que vinham era impressionante. Inúmeras pessoas foram convertidas. Estudantes foram chamados para o ministério e campo missionário. Não existe explicação para o que ocorreu, a não ser pela presença e poder de Deus. O restante dos anos de 1950, para LloydJones, provaram ser mais da

mesma coisa, ano após ano, enquanto ele via a mão divina abençoando seu labor. Permanecia como pessoa fixa no púlpito e não se abalaria. Aos domingos pela manhã, pregava sobre o cristianismo experiencial para crentes. Aos domingos à noite, ele trazia mensagens evangelísticas aos não convertidos. Às sextas-feiras à noite, pregava mensagens doutrinárias de teologia sistemática e Romanos. Além de Westminster, ele serviu como pastor de outros pastores, ao presidir sobre numerosas fraternidades ministeriais e conferências. Além disso, ele ajudou a estabelecer a editora Banner of Truth, que começou a nova publicação de clássicos puritanos e outras obras reformadas.

Os anos de 1960, provariam ser a década mais difícil no ministério do Doutor. Ele enfrentaria desafios em diversas frentes, alguns envolvendo homens e mulheres com quem ele tinha muito em comum. Primeiro, ele temia as condições espirituais na Grã-Bretanha, que pioravam e exigiam maior atenção do que antes pensava. Segundo, muitos homens que fizeram parte da recuperação doutrinal dos anos de 1950 estavam, agora, deslizando para o pensamento moderno de que essas mesmas verdades reformadas eram demasiadamente exclusivas. Ele observou o ataque furioso do pensamento ecumênico que circulava pela Grã Bretanha. A década de 1960 foi inundada de livros, artigos, palestras e conferências a favor de transformar as denominações existentes. Muitos evangélicos como LloydJones, haviam ministrado dentro de suas diversas denominações, mesmo que essas aceitassem pastores liberais e suas declarações de fé originalmente ortodoxas não fossem mais consideradas aceitáveis. O movimento ecumênico na Grã-Bretanha durante este tempo continha essas denominações, que instavam que todos se unissem como “uma só igreja”, até 1980.¹¹ Tal movimento fez com que os evangélicos considerassem cuidadosamente qual seria a resposta adequada a isso.

VERDADEIRO ECUMENISMO

Para LloydJones, a verdadeira questão era a necessidade de uma definição apropriada de quem Cristo era, um entendimento de que nós recebemos perdão dos pecados e a doutrina do que consiste a igreja.¹²

Havia alguns líderes evangélicos, incluindo J.I. Packer e John Stott, que desejavam trabalhar dentro de suas denominações para ser voz e influência evangélicas, enquanto outros pastores evangélicos já tinham deixado as suas denominações para fundar igrejas independentes. Philip H. Eveson, antigo ministro da Igreja Evangélica Kensit em Londres, disse: “LloydJones achou inconsistente que aqueles evangélicos ligados a denominações doutrinariamente mistas fossem felizes em trabalhar juntamente com outros evangélicos, vindos de diferentes origens denominacionais, nas organizações evangélicas pareclesiásticas, mas não estivessem mais interessados em ser unidos como igreja”.¹³ LloydJones estava muito interessado em uma espécie de associação informal de denominações e igrejas evangélicas contra a espécie liberal de ecumenismo. Ele acreditava que este movimento ecumênico ameaçava a vida das igrejas. Este assunto era o tópico de duas palestras que ele fez ao Westminster Fellowship, em Welwyn, no verão de 1962. Em sua exposição de João 17 e Efésios 4, ele mostrou a definição bíblica do que significa ser cristão e como isto deve preceder ao entendimento da unidade cristã. Ele ressaltou que no termo *cristão*, há necessidade tanto da crença ortodoxa quanto da experiência pessoal. O verdadeiro cristão é aquele cuja única esperança está em que ele confessou e se arrependeu de seus pecados, abraçou a Cristo como sua única esperança, e agora possui nova vida em razão do novo nascimento. Estes sermões oportunos foram publicados pela IVP, em dezembro de 1962, sob título *The Basis of Christian Unity (A base da unidade cristã)*.¹⁴

Em resposta, muitos ecumenistas criticavam LloydJones. Das principais universidades e de púlpitos destacados na Inglaterra, LloydJones foi atacado abertamente. Porém, essa espécie de crítica não impedia LloydJones de falar contra essa mudança no evangelicalismo britânico. O movimento ecumênico havia levantado algumas perguntas sérias que deveriam ser tratadas de modo doutrinariamente correto. O Doutor cria que esta crise apresentava uma oportunidade única de falar sobre o que constitui a verdadeira unidade. Ele lamentava que o compromisso doutrinário fosse tão enfraquecido entre muitos evangélicos, a fim de conseguir maior sucesso e influência. Na verdade, ele havia testemunhado isso anteriormente, na posição abrangente que Billy Graham assumira nos anos de 1950. Graham ficou conhecido na Inglaterra durante sua cruzada na arena de Harringay, em 1954.

Em 1963, Graham pediu que LloydJones presidisse o Congresso Mundial de Evangelismo que iria ocorrer na Europa. Reunido na antessala da capela de Westminster, em julho de 1963, LloydJones expressou a Graham que ficaria muito feliz em presidir o Congresso Mundial de Evangelismo, se Graham deixasse o apoio geral de suas campanhas, abrindo mão do seu envolvimento com liberais e católicos romanos, e deixasse o sistema de apelos no final do sermão.¹⁵ O evangelista norte-americano não podia cumprir essas condições e, em vez disso, pediu um “novo dia de entendimento e diálogo”.¹⁶ Graham, mais tarde, participaria do movimento ministerial com aqueles que dirigiam o movimento ecumênico na Europa. Isto foi inaceitável para LloydJones, e ele recusou o convite de Graham.

Ao final de 1965, as linhas divisórias estavam claramente traçadas. LloydJones escreveu a Philip Hughes, nos Estados Unidos: “Tenho certeza que estamos caminhando para, durante este próximo ano, uma verdadeira crise”.¹⁷ LloydJones chamava por um novo grupo visível de evangélicos e introduziu a ideia de um cisma, se aqueles do movimento ecumênico não

cooperassem. Em essência, isso fazia a unidade ser algo diferente de apenas espiritual. Lloyd Jones acreditava que o caminho para a cooperação duradoura seria se as igrejas e os pregadores se submetessem de todo coração à autoridade da Escritura sobre todas as doutrinas essenciais da fé cristã.

Em outubro de 1966, a controvérsia tornou-se pública. Na segunda Assembleia da *National Association of Evangelicals* (Associação Nacional de Evangélicos), Lloyd Jones se envolveu num confronto público que dividiu o movimento dos evangélicos. Em seu discurso, ele pedia uma ampla expressão de unidade pela formação de uma federação de igrejas evangélicas que mantivessem convicções ortodoxas. O seu desejo era por uma “fraternidade ou associação de igrejas evangélicas”. John Stott, reitor da Igreja de Todas as Almas, foi presidente da reunião e rejeitou este pedido de uma nova associação. Ele temia que os pastores deixassem as suas denominações, incluindo a Igreja da Inglaterra, da qual fazia parte. O resultado inevitável foi a separação. Eventualmente, por esta e outras razões, a Conferência Puritana foi cancelada e a Conferência Westminster foi fundada, para ministros que tinham uma ligação mais estreita com a Palavra de Deus.

APOSENTADO DE WESTMINSTER

Em 1968, o ministério de pregação de Lloyd Jones em Westminster chegou ao fim inesperadamente, quando ele foi diagnosticado com câncer de cólon. Em primeiro de março, Lloyd Jones pregou seu último sermão na Capela, e na quinta-feira seguinte, submeteu-se a uma cirurgia bem sucedida. Mas, em vez de voltar à Capela, Lloyd Jones anunciou que se aposentaria e deixou sua posição sem permitir nenhuma despedida cerimonial. Ele se afastou para cumprir um ministério de produção literária e pregação itinerante, onde sua influência seria de maior alcance. Gastou grande parte de seu tempo editando os transcritos de seus sermões para publicação, sendo os mais significativos seus sermões de sextas-feiras sobre Romanos. Pela página impressa, o seu ministério de púlpito formou uma nova geração de pregadores e crentes. Ele também falava ocasionalmente na televisão e rádio britânica. Além disso, como fizera anteriormente, ele aceitava convites para pregar por todo o país e além-mar. Muitas dessas tarefas eram tomadas a fim de encorajar jovens pastores em seus pastorados. Uma viagem significativa o levou até o Seminário Teológico de Westminster, na Filadélfia, EUA, onde fez dezesseis palestras sobre a pregação, que se transformaram no livro clássico *Pregação e pregadores*¹⁸. Por meio dessas mensagens impressas, ele tem influenciado inúmeros pregadores a fazerem pregação expositiva.

FIEL ATÉ O FINAL

LloydJones pregou o que seria seu último sermão na Igreja Batista de Barcombe, em 8 de junho de 1980. Dois dias antes de sua morte, em 1981, ele escreveu com mão trêmula um bilhete à esposa e filhos: “Não orem pedindo que eu seja curado. Não me privem da glória”.¹⁹ No domingo seguinte, 1 de março, exatamente treze anos depois de ter pregado seu último sermão em Westminster, ele morreu pacificamente enquanto dormia e entrou na glória, para encontrar o Deus a quem tanto amava. Disse John Stott: “A voz mais ponderosa e persuasiva da Grã-Bretanha por uns trinta anos está agora silenciosa”.²⁰ LloydJones havia sido estudante de história da igreja, e entre seus pensamentos mais preciosos estava uma declaração de John Wesley, que disse de seus primeiros metodistas: “Nosso povo morre bem”. Em sua própria morte, ele conhecia a bendita realidade dessas palavras.

LloydJones foi sepultado em Newcastle Emlyn, perto de Cardigan, oeste de Gales. Este lugar de sepultamento tinha sido pessoalmente selecionado por LloydJones, não apenas por sua conexão pessoal com sua própria família e infância, mas também em razão do seu grande afeto por sua esposa, Bethan, cuja família está ali enterrada. Neste cemitério galês está um túmulo simples, em que constam as palavras do texto bíblico que ele pregou em seu primeiro sermão, em Aberavon, cinquenta e cinco anos antes:

Martyn LloydJones 1899–1981

“Porque decidi nada saber entre vós,
senão a Jesus Cristo e este crucificado.”

Escrito pelo Apóstolo Paulo, este versículo inspirado de 1 Coríntios 2.2 é um resumo apropriado da vida e ministério de LloydJones. Ele foi alguém que decidiu proclamar a pessoa e obra de Jesus Cristo. Permaneceu fiel a este chamado até a sua morte.

1. Citado na capa de trás de *The Christ-Centered Preaching of Martyn LloydJones: Classic Sermons for the Church Today*, editado por Elizabeth Catherwood e Christopher Catherwood (Wheaton, Ill.: Crossway, 2014).

2. Wilbur M. Smith, *Moody Monthly* (October 1955): 32; como citado por Iain H. Murray, *D. Martyn LloydJones: The Fight of Faith, 1939–1981* (Edinburgh, Scotland: Banner of Truth, 1990), 329.

3. Eric J. Alexander, prefácio de *The Cross: God's Way of Salvation*, by Martyn LloydJones (Wheaton, Ill.: Crossway, 1986), VII.

4. Peter Lewis, "The Doctor as a Preacher," in *Martyn LloydJones: Chosen by God*, ed. Christopher Catherwood (Westchester, Ill.: Crossway, 1986), 92–93.

5. Philip H. Eveson, correspondência pessoal com o autor, em 10 de agosto, 2015. "Este pode ter sido o assunto da sua pesquisa que conduziu ao recebimento de seu grau MD (Doutor em Medicina), mas isto não se pode provar, pois não existe documentação sobre sua pesquisa, nem na biblioteca de St. Bart's nem pela Universidade de Londres. Isto foi antes dele receber auxílio para a pesquisa do fundo memorial de St. John, em Harmsworth, para estudar uma condição cardíaca conhecida como *endocardite infecciosa*, estudo que completou logo antes de entrar no ministério. Os resultados de sua pesquisa, que eu saiba, não foram publicados em publicação de medicina, mas como apêndice de um livro por C.B. Perry, intitulado *Bacterial Endocarditis* (Bristol, Inglaterra: Wright & Sons, 1936). Este documenta os seus experimentos iniciais, que são encontrados em cadernos guardados na Biblioteca Nacional do País de Gales, em Aberystwyth, não uma publicação da medicina".

6. Iain H. Murray, *D. Martyn LloydJones: The First Forty Years, 1899–1939* (Edimburgo, Escócia: Banner of Truth, 1982), 58.

7. *Ibid.*, 104.

8. *Ibid.* 135.

9. N do T: Que deu origem, no Brasil, à Aliança Bíblica Universitária: ABU

10. Murray, *The Fight of Faith*, 261.

11. Eveson, correspondência pessoal com o autor.

12. Iain H. Murray, *Evangelicalism Divided* (Edimburgo, Escócia: Banner of Truth, 2001), 48.

13. *Ibid.*

14. Reimpresso em Martyn LloydJones, *Discernindo os Tempos* (São Paulo, SP: PES, 1994)
15. Iain H. Murray, *The Life of Martyn LloydJones, 1899–1981 (A vida de Martyn LloydJones)* (Edimburgo, Escócia: Banner of Truth, 2013), 371.
16. Ibid.
17. Carta de 12 de dezembro, 1965, *D. Martyn LloydJones: Letters, 1919–1981* (Edimburgo, Escócia: Banner of Truth, 1994), 167.
18. N do E: Publicado em português pela Editora Fiel desde 1984.
19. Michael Rusten e Sharon O. Rusten, *The One Year Christian History* (Wheaton, Ill.: Tyndale House, 2003), 115.
20. Quarta capa do livro de Murray, *The Life of Martyn LloydJones*

Soberanamente chamado

*Martyn LloydJones combinava o amor que Calvino tinha pela verdade e a sã doutrina reformada, com o fogo e a paixão do avivamento metodista do século XVIII... pela graça de Deus, ele era pregador de grandes dons.*²¹

— JOHN PIPER

Martyn LloydJones era muitas coisas. Renomado autor, líder evangélico, organizador de conferências, fundador de casa publicadora e muito mais. Mas primeiro, e acima de tudo, LloydJones era pregador—um pregador *expositivo*. Num tempo em que a voz da autoridade no púlpito britânico tinha se tornado silenciosa, Deus levantou este galês com o coração incendiado pela verdade do evangelho para restaurar a pregação à sua glória antiga, como durante a era puritana dos séculos XVI e XVII, e o Despertamento Evangélico do século XVIII. O Doutor acreditava que um profissionalismo frio e academicismo estéril haviam penetrado sorrateiramente no púlpito moderno. LloydJones acendeu um fogo no púlpito que reacendeu a pregação bíblica no século XX, e se espalhou até a presente hora.

Por qualquer estimativa humana, porém, o último homem que qualquer um suspeitaria ser chamado a tal missão seria esse jovem aspirante à medicina. Até meados de seus vinte anos, LloydJones havia embarcado em

uma carreira que o lançara ao ápice da profissão de médico. Tinha à mão tudo que o mundo tinha a oferecer. Tinha boa posição para subir ao cume em sua escolhida profissão. Contudo, desconhecido ao mundo e ao próprio LloydJones, Deus havia escolhido uma missão totalmente diferente para este doutor em medicina. A invisível mão da providência o estava dirigindo a outro chamado.

LloydJones não seria mais usado para cuidar do corpo, mas para a cura da alma. Ele era recebedor insuspeito do chamado celestial para pregar a Palavra. A Escritura ensina que não muitos poderosos ou nobres são escolhidos por Deus para a salvação ou para seu serviço. Em sua maioria, eram homens comuns—pescadores, cobradores de impostos, e pessoas assim—a quem o Senhor chamava. Existem, porém, alguns homens que Deus conclama que estão subindo ao topo da escada de sucesso do mundo. Alguns são homens como Lucas e Paulo, de cultura e educação primorosa. Este, com certeza, era o caso desse brilhante médico clínico, Martyn LloydJones.

Como jovem médico, LloydJones chegou a perceber que, na sua prática médica, ele ajudava seus pacientes a se recuperarem fisicamente para, então, voltar a uma vida espiritual de mente decadente. Martyn reconheceu que estava apenas atendendo às suas necessidades superficiais, sem tratar de sua mais profunda necessidade quanto ao relacionamento com Deus. LloydJones reconheceu que precisava entregar-se à cura da alma, em vez do corpo.

UMA INTENSA LUTA INTERIOR

Aos vinte e seis anos de idade, o Doutor envolveu-se em intensa luta quanto ao chamado de Deus sobre sua vida. Estava tão consumido pela necessidade de conhecer a direção divina que sua saúde física ficou abalada, e ele perdeu uns dez quilos de sua estrutura já magra. Nessa busca pela vontade de Deus, não havia descanso para a alma aflita, nem sono para o corpo debilitado. Nesta crise, LloydJones lutou com Deus, como Jacó com o anjo do Senhor, a fim de discernir o caminho de Deus. Enquanto lutava, ele reconheceu que Deus o chamava ao ministério.

Certa noite, esta desesperada busca chegou ao ponto máximo, quando ele, Bethan e outro casal foram ao teatro em Leicester Square, Londres. Terminada a peça, os quatro saíram do teatro e caminharam pelas luzes brilhantes da praça. Ali, LloydJones observou uma banda do Exército de Salvação tocando hinos e dando testemunho do evangelho. Ficou imediatamente tocado por suas fortes convicções no Senhor. Ao observar essa pequena equipe ministerial proclamando a mensagem da salvação, ele concluiu naquele momento decisivo: “Este é o meu povo”.²² Naquele evento crucial ele atravessou a linha e respondeu ao chamado de Deus sobre sua vida para pregar o evangelho. Refletindo sobre essa ocasião, LloydJones resumiu desta forma:

Jamais me esqueci disso. Há um tema na ópera de Wagner *Tannhäuser*, os dois repuxos—o repuxo do mundo e o coro dos peregrinos—e o contraste entre os dois. Mui frequentemente, tenho pensado nisso. Eu sei exatamente o que significa. Suponho que gostei da peça. Quando ouvi essa banda e os hinos, eu disse: “Estes são minha gente, estas são as pessoas a quem eu pertencço, e eu vou pertencer a eles”.²³

Entregando-se ao chamado de Deus, Lloyd Jones saiu de uma vida na medicina para pregar o evangelho. Ele entregou-se totalmente ao ministério, a fim de proclamar as insondáveis riquezas de Cristo e seguir a vontade de Deus onde quer que esta o levasse.

UM EFEITO CHOCANTE

Quando a notícia desta decisão se espalhou pela comunidade médica foi como um fogo incontrollável. Pessoas perguntavam por que ele abriria mão de uma carreira tão promissora na medicina. Observadores arrazoavam que, se ele fosse livre e quisesse abrir mão dessa espécie de trabalho para pregar o evangelho, seria compreensível. Mas, quem deixaria a prática da medicina—uma boa profissão que ajuda as pessoas—a fim de ser mais um ministro em uma igreja moribunda?

Aos cétricos e críticos, LloydJones replicou que, se eles conhecessem o poder do evangelho, eles não agiriam assim:

“Vá bem!”, tive vontade de dizer-lhes: “se soubessem mais a respeito do trabalho de um médico, vocês entenderiam. Passamos a maior parte do tempo tornando as pessoas aptas a voltarem aos seus pecados!”... Eu vi que estava ajudando esses homens a pecarem e decidi que eu não faria mais isso. Quero curar almas. Se um homem tiver uma doença no corpo e sua alma estiver em paz, ele estará bem até o final, mas um homem com corpo sadio e alma doente vai bem por uns sessenta anos ou mais, para então ter de enfrentar uma eternidade do inferno. Ah, sim! Temos, às vezes, de abrir mão dessas coisas boas para ter aquilo que é muito melhor.²⁴

Na realidade, LloydJones abriu mão do que era bom a fim de seguir o que era melhor—de fato, o melhor de tudo. Ao deixar a profissão de médico, o Doutor disse francamente: “Eu não perdi nada; recebi tudo. Conto como a mais alta honra que Deus possa conferir a qualquer homem, o chamá-lo para ser arauto do evangelho”.²⁵ Para ele, o púlpito em que ficava o pregador era terreno sagrado, singularmente separado por Deus. Em seu pensamento, ele abriu mão do temporal para ganhar o que era

eterno, o humano pelo divino, o terreno pelo celestial. Isto não era sacrifício, mas uma promoção.

Por iniciativa divina, LloydJones entendia que Deus o havia buscado para esse alto chamado de pregação. Ele cria que era um chamado tão santo que nenhum homem deveria assumi-lo para si. O próprio Deus teria de colocar este desafio aos pés do homem. No caso de LloydJones, a pregação é uma tarefa divina que só pode ser designada por Deus. O Doutor asseverou: “Um pregador não é um cristão que decide pregar, ele não pode apenas decidir fazê-lo; nem mesmo ele decide assumir a pregação como seu chamado”.²⁶ Isto é, tal decisão jamais deve ter origem no homem, mas deve vir do alto. Ele continuou: “É Deus que envia a pregação, é Deus que envia os pregadores”.²⁷

Foi em obediência a esse chamado divino que o jovem médico dedicou sua vida à pregação. LloydJones estava convicto de que tal chamado ao ministério é imposto sobre um homem. É Deus quem age sobre o coração. Este chamado celeste origina-se com Deus, não com o homem. LloydJones falava da origem divina do chamado ao explicar:

Sou, ou não sou, chamado a ser pregador? Como saber? ... Isso é algo que acontece a você; é o Espírito de Deus que trata com você, é Deus agindo sobre você pelo seu Espírito; é algo que você reconhece, em vez de ser algo que você faz. É lançado sobre você, apresentado a você e quase forçado sobre você constantemente.²⁸

O QUE UM HOMEM DEVE FAZER

Se houver qualquer outra coisa que um homem possa fazer senão pregar, dizia LloydJones, então deverá fazê-lo. O púlpito não é o seu lugar. O ministério não é meramente algo que um indivíduo *pode* fazer, mas o que ele *tem de* fazer. Para subir ao púlpito, essa necessidade tem de ser-lhe imposta. Um homem chamado por Deus, cria ele, preferiria morrer que viver sem pregar. LloydJones frequentemente citava o famoso pastor britânico Charles H. Spurgeon: “Se você puder fazer qualquer coisa diferente disso, que o faça. Se puder ficar fora do ministério, fique fora”.²⁹ Noutras palavras, somente aqueles que creem ser escolhidos por Deus para o púlpito deverão proceder no desempenho dessa tarefa sagrada. “Os pregadores são natos, não feitos”, LloydJones asseverava. “Isto é absoluto. Você nunca ensinará um homem a ser pregador se ele já não o for.”³⁰ Era claramente o caso na vida de LloydJones. Ele percebeu que não estava se juntando a um exército de voluntários.

No que consiste esse chamado para a pregação? LloydJones identificou seis marcas distintas desse divino chamado ao púlpito. Ele mesmo sentiu a gravidade de cada uma dessas realidades pesando sobre sua alma. Ele cria que as mesmas forças espirituais deveriam vir a todos os pregadores. Primeiro, LloydJones afirmava que deveria haver uma *compulsão interna* naquele que foi chamado a pregar a Palavra. Ele afirmou que era necessário uma “consciência interior de seu espírito, uma percepção de certa pressão sobre o espírito da pessoa”.³¹ Ele identificava isso como um irresistível impulso, como “uma perturbação no âmbito do espírito”, de modo que “sua mente é direcionada à questão toda da pregação”.³² Esta coação interior torna-se “a força mais dominante de suas vidas”.³³ LloydJones explicou: “Isso é algo que acontece a você, e Deus age sobre você por meio do Espírito. É algo que você passa a ter consciência e não algo que você faz”.³⁴

Noutras palavras, o impulso por pregar torna-se um fardo sobre o coração que tem de ser cumprido. É uma santa preocupação dentro da alma, que faz com que aquele que foi chamado saia pela fé e assuma a obra.

Esse chamado divino, acreditava LloydJones, agarra a alma e governa o espírito. Ele torna-se uma sobrepujante obsessão que não pode ser descartada. Não some, nem deixa um homem conseguir o mesmo. Ele explicou que assim não há meio de escapar. Tal força toma conta do homem que está cativo. LloydJones reconhece isso ao afirmar:

Você se esforça ao máximo para segurar e se livrar dessa perturbação de espírito, que vem nestas variadas formas. Mas você chega ao ponto de não conseguir mais. Torna-se quase uma obsessão, e é tão pujante que no final você diz: “Não consigo mais nada, não posso mais resistir”.³⁵

Segundo, LloydJones enfatizou que haveria uma *influência externa*, que viria ao que foi chamado. A contribuição e o conselho de outros crentes se tornam influentes ao que está destinado ao ministério. Pode ser pelo comentário de um pastor ou a afirmativa de um presbítero. Pode ser pelo encorajamento de outro crente. Quando ouvem essa pessoa falar a Palavra, talvez em classe ou estudo bíblico, eles são muitas vezes os que melhor discernem aquele que foi chamado ao ministério. Noutras palavras, pessoas observadoras frequentemente reconhecem a mão de Deus sobre essa pessoa antes mesmo dela perceber. Os que conhecem melhor a Deus e mais amam sua Palavra conseguem detectar quem está sendo separado para esta obra. Dão afirmação perceptiva ao indivíduo que está sendo chamado.

Terceiro, LloydJones afirmava que o que foi chamado experimenta uma preocupação amorosa para com o próximo. Deus dá ao que foi escolhido para pregar uma imensa compaixão para com as pessoas. Como parte dessa escolha divina, o Espírito Santo concede um desejo consumidor pelo bem-

estar espiritual das outras pessoas. LloydJones escreveu: “O verdadeiro chamado sempre inclui uma preocupação pelo próximo, um interesse nele, um reconhecimento de sua condição de perdido e desejo de remediar essa situação e falar-lhe a mensagem, apontando o caminho da salvação”.³⁶ Este amor ao próximo inclui o reconhecimento distinto de que incontáveis pessoas perecem sem Cristo. Além do mais, existe uma preocupação de que muitas dessas almas perdidas estejam na igreja. Quem foi chamado a pregar sente-se compelido a despertá-los para sua necessidade de Cristo. Ele é constrangido a alcançá-los com a mensagem salvadora do evangelho.

Na vida de LloydJones, ele experimentava essa preocupação crescente pelo próximo. Disse ele: “Às vezes, eu costumava me sentir abatido em Londres, ao ver os carros passarem, levando as pessoas aos teatros e outros lugares com tanta conversa e empolgação, e eu reconhecia, de repente, que isso tudo queria dizer que essas pessoas buscavam a paz, paz para si mesmas”.³⁷ Sua crescente preocupação agora não era a saúde física, mas seu bem-estar espiritual.

Quarto, LloydJones afirmava que havia um enorme constrangimento dentro da pessoa chamada para realizar essa obra. Dizia que haveria “um senso de constrangimento”,³⁸ ou seja, ele se sentiria obrigado a fazer este trabalho. É como se Deus não o deixasse livre do dever de pregar. Não havia nada a fazer, senão seguir este ímpeto interior de pregar. A necessidade lhe é imposta, e ele tem de pregar não obstante o que os outros possam dizer. *Tem* de ministrar a Palavra, não importam os obstáculos que terá de vencer.

Quinto, LloydJones acreditava que o homem chamado para pregar vem sob uma *humildade sóbria*. Ele cria que essa pessoa é de tal forma dominada por profundo senso de sua indignidade pessoal para tarefa tão altaneira e santa, e muitas vezes hesita em ir adiante para pregar, temendo sua própria inadequação. LloydJones escreve: “O homem chamado por Deus é uma pessoa que reconhece aquilo que foi chamado para fazer, e reconhece

quão terrível é a tarefa, que ele se recolhe dela”.³⁹ Embora seja compelido a pregar, ao mesmo tempo ele é temeroso de fazê-lo. Torna-se sóbrio pelo peso da tarefa de falar da parte de Deus. Treme diante dessa mordomia que lhe é confiada e pela responsabilidade que a acompanha.

Sexto, LloydJones acrescentou que há uma *confirmação por parte da igreja* vinda àquele que é chamado para pregar. O homem escolhido por Deus para pregar tem de ser observado e provado por outros na igreja. Só então ele poderá ser enviado pela igreja. LloydJones arrazoava, a partir de Romanos 10.13–15, que o pregador é “enviado”, que ele entende como um chamado formal feito pela igreja que o envia. Os líderes da igreja têm de examinar as qualificações daquele que foi separado para pregar, e afirmar a validade desse chamado. As mãos devem ser impostas sobre ele em reconhecimento do que Deus está fazendo em sua vida.

De acordo com LloydJones, essas são as marcas que distinguem o chamado ao ministério do evangelho. Em uma ou outra extensão, cada uma dessas seis realidades tem de estar presentes na vida daquele que foi separado por Deus para pregar. Cada um desses fatores é necessário para se assegurar um chamado para a pregação. LloydJones experimentou cada um desses em sua vida. Além do mais, ele encorajou a outros que discernissem a presença destas marcas em sua vida.

ALGUMAS IMPLICAÇÕES IMPORTANTES

Como essas marcas devem estar presentes no homem chamado por Deus, LloydJones ainda arrazoou que duas implicações são necessariamente verdadeiras. Dados os fatores que declaramos anteriormente, estas são deduções razoáveis a serem feitas.

A primeira implicação está na questão de *preparo teológico*. LloydJones acreditava que nenhum seminário pudesse fazer um pregador. Só Deus o pode. O resultado disso é que ele escolheu não cursar uma escola teológica. Estava convencido de que Deus o chamara e dotara para a pregação. Sua própria leitura pessoal e estudo profundo faziam com que ele estivesse apto a cumprir a tarefa à qual foi chamado. Ele também recusava honorários simbólicos. Com isto, ele cria que nenhuma pessoa devia ir a uma instituição de treinamento teológico superior a fim de se tornar pregador.

Após sua aposentadoria, LloydJones fundou o Seminário Teológico de Londres, com o intuito de preparar homens para o ministério. Diferente de outras escolas teológicas, ele determinou que não se concederiam diplomas de graduação. Ele cria que a concessão de graduação daria uma percepção falsa de que agora o homem se tornara pregador. Porém, se um homem for autenticamente dotado por Deus como pregador, uma escola teológica pode aperfeiçoar e desenvolver aquilo que Deus já lhe deu.

Esse treinamento ministerial pode, até certo ponto limitado, melhorar a pessoa. É o chamado divino que supre o mais essencial. A segunda implicação concerne ao ministério de *pregadores leigos*. Com a falta de verdadeiros pregadores bíblicos na Inglaterra, um movimento de pregadores leigos surgiu nos dias de LloydJones para preencher esta falta. LloydJones não via isto como solução, mas troca de um problema por outro. Ele rejeitava a legitimidade dos pregadores leigos, porque cria que

nem todo crente foi escolhido para pregar. Somente os que foram chamados ao púlpito deveriam pregar, e nenhum outro deveria ter permissão para tanto. Com certeza, ele afirmava que todo cristão é ordenado por Deus como sua testemunha. Mas, apenas aqueles que são chamados a pregar deveriam ser permitidos a subir ao púlpito para expor a Escritura.

Todo cristão deve compartilhar o evangelho, mas somente os que foram chamados para pregar deverão cumprir esse chamado mais alto na igreja. Mais pregadores não seria a resposta ao dilema da falta de pregadores. Pelo contrário, a solução pedia o reconhecimento e treinamento dos pregadores que receberam o dom de Deus de pregar—mesmo que isso signifique menos pregadores.

O MAIS ALTO, MAIS GRANDIOSO CHAMADO

Em 1969, depois de aposentar-se do pastorado, LloydJones deu uma série de palestras sobre pregação no Seminário Teológico de Westminster, na Filadélfia. Nestas palestras, ele começou elevando o alto chamado da pregação da Palavra. Ele disse:

A obra de pregação é o mais alto, maior e mais glorioso chamado a que qualquer pessoa possa ser chamada. Se quiser algo além disso, eu diria sem hesitação que a necessidade mais urgente na Igreja Cristã de hoje é a verdadeira pregação. Isso obviamente é também a maior necessidade do mundo.⁴⁰

Com estas palavras, LloydJones afirmou que a pregação é um chamado sagrado ao ofício do pregador. Na verdade, o chamado mais alto debaixo do céu, ele cria, era ser pregador da Palavra inspirada. É Deus que determina o caminho que nossa vida toma, e não nós mesmos. Não somos, como o Doutor gostava de lembrar os seus ouvintes, “os mestres de nosso destino”. Tal atitude pertence à arrogância humanista de um poema vitoriano, não à sabedoria de Deus. O resultado é que o pregador deve se entregar de todo coração a esta exigente tarefa. LloydJones explica: “O pregador é um homem de um só objetivo. É aquilo para o qual ele foi chamado, e é a grande paixão de sua vida”.⁴¹ Quem é chamado deve ter foco singular nesta tarefa divina. Este chamado constrangedor de pregar tem de ser a força motriz do ministério de um homem. A este santo chamado LloydJones se entregou com a maior dedicação.

-
21. John Piper, “Martyn LloydJones: The Preacher,” na edição especial de 40 anos de “Pregação e Pregadores”, por D. Martyn LloydJones (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 2009), 153.
22. Ibid. 93.
23. Ibid.
24. Murray, *The First Forty Years*, 80.
25. LloydJones, *Pregação e Pregadores*.
26. Ibid.
27. Murray, *The First Forty Years*, 80.8. LloydJones, *Pregação e Pregadores*, 104–5.
28. LloydJones, *Pregação e Pregadores*, *apud*.
29. Ibid.
30. Ibid.
31. Ibid.
32. Ibid.
33. Ibid.
34. Ibid.
35. Ibid.
36. Ibid.
37. Murray, *The First Forty Years*, 94–95.
38. LloydJones, *Pregação e Pregadores*.
39. Ibid.
40. Ibid.
41. Ibid.

Biblicamente Fundamentado

*Martyn LloydJones foi, para a Inglaterra do Século XX, o que Charles Spurgeon foi para a Inglaterra do Século XIX. A menção do nome de LloydJones entre os evangélicos traz à mente um homem profundamente comprometido com a pregação da Palavra de Deus, de versículo a versículo, com uma paixão rara na história da igreja.*⁴²

—R.C. SPROUL

Penetrando a densa escuridão da Inglaterra do século XX, a pregação de Martyn LloydJones brilhava fortemente. Este pregador de coração incendiado nascido no País de Gales, ministrou a Palavra numa época em que se sentia “o declínio da poderosa pregação bíblica no mundo de língua inglesa”.⁴³ A igreja, ele insistia, tinha abandonado seu compromisso outrora altaneiro com a autoridade da Escritura, trocando-a pela falência dos pensamentos do próprio homem. Ele advertiu: “As opiniões dos homens tomaram o lugar da verdade de Deus, e as pessoas, em sua carência, estão se voltando às seitas, e escutam qualquer falsa autoridade que se ofereça a eles”.⁴⁴ Foi neste tempo decadente que LloydJones subiu ao púlpito da Capela de Westminster.

A despeito dos muitos comprometimentos que o confrontavam, LloydJones recusou ceder às pressões de tornar-se um “homem moderno”.

Ele era, na realidade, um Puritano nascido fora do seu tempo, que resistia fortemente ao clamor das atrações entranhadas no homem. Ele recusou aceitar as técnicas de crescimento de igreja que estavam se tornando populares em muitas igrejas. Em vez disso, LloydJones dependia da exposição da Palavra para edificar a igreja. Tendo herdado uma baixa frequência de apenas 150 pessoas na Capela, durante a Segunda Guerra Mundial, eventualmente ele pregou para multidões de 2.500 adoradores aos domingos pela manhã e à noite, e 1.200 pessoas cada sexta-feira à noite. Mais importante que os números era o fato de que as pessoas estavam se convertendo e sendo transformadas à imagem de Cristo.

Por todo seu ministério, LloydJones insistia que a pregação da Bíblia fosse sempre a maior prioridade da igreja. Apesar dos muitos céticos, LloydJones escolheu entregar-se à pregação expositiva, numa época em que isso havia se tornado uma arte perdida. Ele introduziu a pregação sequencial, versículo por versículo, a uma nova geração. Nessa abordagem, Hughes Oliphant insiste, LloydJones “soprava uma nova vida de uma forma muito clássica”.⁴⁵ Ele foi capaz de “recuperar e popularizar” a pregação expositiva “por todo mundo de fala inglesa”.⁴⁶ Lançou este ressurgimento da exposição bíblica num tempo em que “a pregação expositiva clássica tinha praticamente morrido”.⁴⁷ O retorno à pregação expositiva que vemos em muitos lugares, hoje, encontra seu começo aqui.

Resistindo às tendências contemporâneas, LloydJones dirigia seu foco sobre o texto bíblico com uma dedicação inabalável e incomum em seus dias. Ele insistia: “A mensagem deve sempre surgir diretamente das Escrituras”.⁴⁸ Noutras palavras, o sermão tem de começar com um texto específico da Escritura e permanecer nele durante toda a mensagem. Ele continuou: “É sempre bom começar com um texto”.⁴⁹ O sermão tem de dizer o que diz o texto, não o que o pregador quer que o texto diga. O pregador deve simplesmente ser o porta-voz do texto inspirado por Deus, e nada mais. Com esta finalidade, LloydJones afirmou: “Deve estar claro às

peçoas que aquilo que dizemos é algo que vem da Bíblia. Estamos apresentando a Bíblia e sua mensagem. Esta é a origem de nossa mensagem”.⁵⁰ Falando simplesmente, a verdadeira pregação “deverá sempre ser expositiva”.⁵¹

COLOCANDO VIDA NOVA NA FORMA ANTIGA

LloydJones é melhor conhecido por sua abordagem disciplinada para com a pregação, que em grande parte envolvia longas séries demoradas, através de capítulos ou livros inteiros da Bíblia. Por todo seu ministério, ele seguia com maior frequência o método *lectio continua*, ou seja, de “exposições contínuas”. Ele cria que com este estilo de pregação verso por verso, ele servia com mais consistência uma dieta equilibrada à sua congregação bem alimentada.

Tendo esse foco intensamente bíblico, LloydJones entregou mais de quatro mil sermões do púlpito da Capela Westminster, durante os seus trinta anos de pastorado ali. De 1938 até 1968, ele geralmente pregava duas vezes aos domingos—uma pela manhã e outra à noite. Além disso, começando em 1952, ele também pregava nas sextas-feiras à noite, até sua aposentadoria em 1968. Nesses dezesseis anos, ele pregava às sextas-feiras, de setembro a maio. Durante a semana, também conduzia regularmente turnês de pregação por todo o interior da Inglaterra. Nestas viagens, frequentemente pregava múltiplas vezes, além dos seus deveres em Westminster. Além disso, ele pregou em muitas conferências na Inglaterra e no País de Gales. Acrescentado a isso havia responsabilidades ocasionais de pregação em numerosas conferências de pastores nos Estados Unidos, onde ele estava se tornando conhecido tanto quanto o era na Inglaterra.

Em sua pregação, LloydJones era singularmente dedicado à exposição da Palavra de Deus. Esta disciplina era baseada em sua crença fundamental na própria Bíblia. Ele estava convencido de que a Escritura é aquilo que ela diz ser—divinamente inspirada e com autoridade suprema. Ele cria que quando a Bíblia fala, é Deus quem está falando. Portanto, ele estava decidido a pregar as verdades da Bíblia com incansável resiliência. A

natureza sobrenatural da Bíblia, cria ele, *exigia* a pregação expositiva. Mais especificamente, o que LloydJones dizia, quanto às muitas perfeições da Palavra de Deus? A seguir, nosso foco será sobre seu entendimento de duas dessas perfeições: a inspiração divina e a suprema autoridade da Escritura.

A PALAVRA INSPIRADA POR DEUS

Com inabalável certeza, LloydJones afirmava que “as Escrituras são um produto divino soprado por Deus”.⁵² Os autores humanos das Escrituras foram instrumentos escolhidos, usados por Deus para escrever a sua Palavra divina. Tais homens eram meros autores secundários da Bíblia, ferramentas nas mãos de Deus. Só havia um autor primário, ou seja, o próprio Deus. As Escrituras, insistia ele, “foram produzidas pelo sopro criativo do todo-poderoso Deus”.⁵³ De capa a capa, toda a Bíblia é a Palavra de Deus escrita, não palavra de homens. LloydJones cria na inspiração das Escrituras de modo específico. Ele afirmava a inspiração *verbal* da Bíblia. Ou seja, insistia que cada palavra da Bíblia é produto infalível do próprio Deus. Quando LloydJones asseverava a divina inspiração das Escrituras, ele acreditava ser ela vinda da boca de Deus. Ele afirmou:

Inspirado significa “soprado por Deus”. Queremos, com isso, dizer que Deus expirou essas mensagens aos homens, e, através deles, as Escrituras são resultado dessa ação divina. cremos que foram produzidas pelo sopro criativo do Deus todo-poderoso. Em forma mais simples, dizemos que tudo que temos aqui nos foi dado por Deus, para o homem.⁵⁴

LloydJones não acreditava que a Bíblia continha apenas pensamentos gerais e ideias vagas sobre Deus. Ao contrário, ele asseverou: “Não é apenas que os pensamentos são inspirados, não é meramente a ideia”. Defendia que a doutrina da inspiração se estende ao “documento inteiro, até as palavras particulares”.⁵⁵ Com essa confissão, LloydJones afirmava a inspiração plenária de todas as palavras da Escritura. Ele disse: “A Bíblia reclama para si o que chamamos de *inspiração verbal*. Não é meramente que os pensamentos são inspirados, não apenas as ideias, mas o documento

mesmo, até as palavras particulares. Não são meramente as declarações corretas, mas toda palavra é divinamente inspirada”.⁵⁶ Tal precisão influenciou sua busca pela interpretação intentada pelo Deus da Palavra e a certeza com a qual ele a pregava. No relato da Escritura, LloydJones afirmava: “O Espírito Santo sobrepôs, controlou e dirigiu esses homens, até mesmo na escolha de suas palavras, de modo a evitar qualquer erro, e acima de tudo produzir o resultado intentado originalmente por Deus”.⁵⁷

Cada homem escreveu sua parcela da Escritura usando seu próprio vocabulário e personalidade peculiar, com seu modo singular de expressão. No entanto, cada palavra escrita da Bíblia é a verdade absoluta de Deus. Com profunda convicção, LloydJones insistia que as palavras da Escritura são o sopro do próprio Deus. Sendo assim, a Escritura fala com a acurácia ímpar do próprio Deus.

ABANDONO E APOSTASIA

O declínio na crença na inspiração divina da Escritura, LloydJones acreditava, foi a causa primária do abandono da pregação expositiva e, por sua vez, contribuiu para a diminuição do poder e influência da igreja. Ele insistiu: “Para mim, a verdadeira causa do estado atual da Igreja de Deus sobre a terra se encontra no desvio voluntário da igreja de uma crença na Bíblia como Palavra de Deus plenamente inspirada, e de enfatizar as verdades evangélicas.”⁵⁸ Ele contendia que a elevação da razão humana acima da revelação divina era a principal causa do estado moribundo da igreja. LloydJones explicou: “Desde o momento que a filosofia tomou o lugar da revelação em nossos estudos e púlpitos, as coisas realmente começaram a degradingolar”.⁵⁹ A igreja foi de mal a pior.

Apesar do clima de incredulidade na Bíblia, LloydJones observou que as pessoas continuavam frequentando a igreja por senso de tradição. Inicialmente, foi difícil ver os efeitos da mudança de atitude para com a Escritura. As pessoas ainda estavam na igreja, e a atividade religiosa continuava. Mas o abandono da crença fundamental na inspiração divina da Escritura significava a repentina perda do poder de Deus na pregação. Ele observou: “Claro que, por algum tempo, as pessoas continuavam a frequentar a igreja e a Capela em números razoavelmente grandes, em parte por hábito e costume, sem perceber exatamente o que estava acontecendo”.⁶⁰ Quando foi embora a confiança da igreja na Palavra, a glória de Deus igualmente se foi da igreja. LloydJones disse: “Podemos estar perfeitamente certos de que a Igreja tenha perdido sua autoridade e poder, desde o momento em que deixou de crer firmemente na autoridade da Palavra de Deus”.⁶¹ Tal apostasia na igreja leva sempre a sua impotência espiritual para todos os níveis. Isso era verdade, especialmente, no testemunho da igreja ao mundo. LloydJones concluiu que, como resultado

de solapar a autoridade da Bíblia, muitas igrejas tinham perdido seu poder evangelístico. Em vez de confrontar o mundo com a realidade do seu pecado e pregar o evangelho, a igreja escolhera tornar-se como o mundo. Sendo removido o poder da Escritura, a igreja tornou-se um clube social de pessoas não convertidas, externamente religiosas. Falando sobre a incredulidade da igreja quanto à inspiração divina da Escritura, LloydJones asseverou incisivamente:

Desde o momento em que cresceu a ideia de que a Bíblia era apenas a história da busca de Deus pela humanidade, em vez da revelação que Deus fez de si mesmo e único caminho para a salvação da humanidade, a Igreja começou seu declínio e enfraqueceu sua influência e seu poder. Desde o tempo em que a Igreja jogou fora as grandes doutrinas evangélicas, substituindo-as por uma crença na evolução moral e espiritual do ser humano e começando a pregar um evangelho social em vez da salvação pessoal—desde esse momento, a frequência aos cultos da igreja, na verdade tornou-se meramente uma questão de forma, ou apenas uma agradável maneira de gratificar o apetite da pessoa por cerimônia, ritual, oratória, e música.⁶²

O abandono do reconhecimento da inspiração da Bíblia é um ponto de partida do qual a igreja raramente retorna. No entanto, em seus dias, LloydJones permaneceu inabalável sobre esta rocha inquebrável da inspiração divina da Escritura. Portanto, ele via a si mesmo como um mensageiro a quem fora confiada uma mensagem vinda de Deus. Além disso, todo seu ministério viria a ser nada mais que porta-voz da Palavra inspirada por Deus.

FIRMADO SOBRE A AUTORIDADE BÍBLICA

Dado este compromisso para com a inspiração divina, LloydJones também cria que a Escritura fala com a autoridade do próprio Deus. Ele não hesitava em afirmar a importância de seu direito de governar a vida humana: “Este assunto de autoridade é na verdade o grande tema da própria Bíblia. A Bíblia apresenta-se a nós como um livro autoritativo.”⁶³ Isso quer dizer que a Escritura deve ser reconhecida como o mais alto árbitro e juiz final sobre toda questão. Não existe juízo de apelação mais alto do que a Bíblia. LloydJones acrescenta: “A autoridade das Escrituras não é questão a ser defendida, mas a ser afirmada. É a pregação e exposição da Bíblia que realmente estabelece sua verdade e autoridade.”⁶⁴ Com esta afirmativa, ele mantinha como certo que não existe autoridade mais alta na igreja do que a Palavra de Deus.

Esta verdade deveria causar grande efeito sobre o púlpito. Significa que a pregação bíblica vem com essa autoridade de Deus que amarra o que diz. Na extensão em que o púlpito expõe corretamente a Palavra de Deus, ela vem com poder de ordem. LloydJones afirmou: “As *próprias Escrituras* reivindicam essa autoridade”. Acrescentou ainda: “Elas nos vêm como a Palavra de Deus... Não se pode ler o Antigo Testamento sem sentir que em todo lugar há o pressuposto de que esta é a Palavra de Deus”.⁶⁵ O pregador que lança dúvidas sobre as Escrituras registra uma negação da veracidade de Deus. Para LloydJones, a suprema autoridade da Escritura não era questão de importância secundária. Pelo contrário, era questão fundamental, de primeira importância na fé cristã. Tudo que a igreja crê e seu púlpito proclama repousam firmemente sobre essa principal pedra angular. Ou toda a Bíblia é verdadeira e autoritativa, ele raciocinou, ou deverá ser totalmente rejeitada. Para o *Doutor*, não há meio-termo quanto às Escrituras. Ele declarou:

Portanto, todos nós devemos enfrentar esta questão última e final: Aceitamos a Bíblia como Palavra de Deus, a única autoridade em todas as questões de fé e prática, ou não aceitamos? Todo o meu pensamento é governado pela Escritura, ou será que eu chego com a minha razão e seleciono e escolho de dentro da Escritura, sentando em juízo sobre ela, colocando a mim e ao conhecimento moderno como último padrão e autoridade? A questão é clara como água cristalina. Eu aceito a Escritura como a revelação de Deus, ou eu confio na especulação, no conhecimento humano, no aprendizado humano, no entendimento humano e nas razões humanas. Ou, em termos mais simples: Eu firmo minha fé e sujeito todo meu pensamento ao que leio na Bíblia? Ou faço concessões à sabedoria moderna, o aprendizado moderno, o que as pessoas acham hoje em dia, o que sabemos no tempo presente que desconhecíamos no passado? É inevitável que ocupemos uma ou outra dessas duas posições.⁶⁶

Tais palavras de LloydJones não devem ser levianamente descartadas. Por elas, ele apresenta um desafio diante de todo pregador. Cristo, os apóstolos e a autoridade bíblica. A confiança de LloydJones na autoridade da Escritura foi fortalecida pelo fato de que Jesus Cristo afirmava a sua plena autoridade. Ele acreditava que todo pregador tem de se firmar onde Cristo se firmava nesta questão; o contrário seria contra Cristo. Para LloydJones, isso era fundamentalmente questão de submissão ao senhorio de Cristo. Ele exclamou: “Nosso Senhor aceitava totalmente essa posição. Quantas vezes ele disse: Está escrito! Ele dirige os homens à Escritura como autoridade final. Ele vai de encontro ao ataque de Satanás citando a Escritura”.⁶⁷ Quando a Escritura é aceita como autoridade, sendo ela baseada no testemunho confiável de Cristo, o pregador a expõe com poder no púlpito.

LloydJones enfatizava que Cristo afirmou a suprema autoridade do Antigo Testamento. Com percepção astuta, ele diz: “Para o Senhor Jesus Cristo, o Antigo Testamento era a Palavra de Deus; era a Escritura; era algo

absolutamente singular e separado; tinha autoridade que nada mais possuía, nem poderá possuir”.⁶⁸ Por essas palavras, LloydJones afirmou a forte posição de Cristo quanto à autoridade divina de todo o Antigo Testamento. O Doutor reconhecia que teria de ter o mesmo compromisso que Cristo teve com os livros canônicos do Antigo Testamento. Não fosse assim, estaria em oposição ao Senhor.

Semelhantemente, LloydJones reconhecia a mesma autoridade nos escritos do Novo Testamento. Isto ele baseou em seu reconhecimento da autoridade dos apóstolos. Afirmou: “A autoridade dos apóstolos sustenta e apoia a autoridade dos Evangelhos e das Epístolas, do Livro de Atos; na verdade, de todo o Novo Testamento. Ou nós aceitamos isto, ou não aceitamos. É a única autoridade: é a autoridade final”.⁶⁹ Aqui, o Novo Testamento é afirmado como sendo igualmente autoritativo, como o Antigo Testamento. Ele acreditava que a Escritura é a mais alta palavra em toda questão. Ela preside acima de toda opinião humana e se sobrepõe a toda tendência cultural. Colocado em palavras simples, a Bíblia é a indisputada autoridade em todas as questões.

OS REFORMADORES E A AUTORIDADE BÍBLICA

Esta firme posição sobre a autoridade da Escritura não era novidade. LloydJones sabia que esta era uma antiga briga pela verdade, um conflito travado há muito tempo, algo de séculos passados, e que continua até seus dias. Esta é uma batalha contínua pela Bíblia que cada nova geração tem de travar. A cada instante a igreja tem de fincar uma estaca em prol da verdade da Escritura. Era o conflito acalorado em que os Reformadores se encontraram no século XVI. O movimento Protestante foi essencialmente uma crise de autoridade, na qual Martinho Lutero, João Calvino e outros contenderam por *Sola Scriptura*, ou seja, ‘Escritura somente’. Essa questão era a única autoridade na igreja.

Desta confrontação calorosamente debatida, LloydJones notou: “Os Reformadores Protestantes não somente creram que a Bíblia continha a revelação da verdade de Deus aos homens, mas que Deus guardou esta verdade controlando os homens que a escreveram pelo Espírito Santo, e que os guardou de erros e manchas e qualquer coisa que fosse errada”.⁷⁰ Sendo assim, ele reconhecia que: “Mais uma vez, temos de lutar toda a batalha da Reforma Protestante”.⁷¹ Essa batalha pela Bíblia foi fielmente mantida no púlpito de Westminster.

LloydJones entendia essa luta como sendo entre a verdade e a mera tradição. Nesta disputa, ele recusou ceder o alto terreno da autoridade bíblica. O Doutor declarou:

Ou será este Livro, ou será, em último caso, a autoridade da Igreja de Roma e sua “tradição”! Esta era a grande questão da Reforma Protestante. Era devido ao que encontraram na Bíblia que aqueles homens se mantiveram contra, perguntaram e questionaram, e finalmente condenaram a Igreja de Roma. Somente isso capacitou Lutero a se firmar, apenas um homem, desafiando

aqueles doze séculos de tradição. “Não posso fazer de outra forma”, disse ele, devido ao que encontrou na Bíblia.⁷²

Como Lutero e os demais Reformadores, certa vez, se levantaram a favor da exclusiva autoridade da Escritura, Lloyd Jones teve o mesmo compromisso firme com a Palavra escrita de Deus. Ao fazê-lo, juntou sua voz a muitas colunas da fé que o precederam.

EXIGINDO A PREGAÇÃO EXPOSITIVA

Com visão penetrante, LloydJones via a conexão inseparável entre, por um lado, a inspiração divina e autoridade da Escritura, e por outro, o poder da pregação expositiva. Estes dois não podem ser separados. É a pureza e autoridade da Escritura que *exigem* a pregação bíblica. Porque a Bíblia é o que ela declara ser—Palavra inspirada por Deus que fala com a autoridade do próprio Deus—ela *tem de ser* pregada. Qualquer pessoa que diz crer na Bíblia seria tola ao pregar qualquer coisa exceto a Palavra. Era precisamente assim que LloydJones entendia a questão. Ele cria que o pregador está aí para proclamar o que Deus disse em sua Palavra, e nada mais:

Qualquer definição verdadeira da pregação tem de afirmar que o homem está ali para entregar a mensagem de Deus, uma mensagem vinda de Deus para essas pessoas. Se você prefere a linguagem de Paulo, ele é “embaixador de Cristo”. É isso que ele é. Ele foi enviado, é comissionado, e está ali perante eles como porta-voz de Deus e de Cristo para falar a essas pessoas.⁷³

Só existe um caminho para qualquer pregador ser porta-voz de Deus: pregar a Palavra escrita que lhe foi confiada. Isto será, em grande medida, sua inescapável prestação de contas para com Deus no último dia.

IMERSO NA ESCRITURA

Dado este mandado de pregar a Palavra, fez-se necessário que LloydJones fosse homem que dominasse as Escrituras. Consequentemente, em toda sua vida, ele era inteiramente “imerso na Escritura”.⁷⁴ Em sua leitura pessoal da Bíblia, ele usava o sistema de Robert Murray M’Cheyne de leituras diárias da Escritura. Ele lia com atenção quatro capítulos da Escritura cada dia, dois de manhã, e dois à noite. As pessoas que o conheciam melhor diziam que ele era como o que Charles Spurgeon descrevia de John Bunyan—uma Bíblia ambulante. Diziam que LloydJones “conhecia a Bíblia por dentro e por fora!”.⁷⁵ LloydJones cria que, ao preparar um sermão, nada é mais importante do que ser absorvido pela Escritura. Ele desafiava todos os pregadores:

Leia a sua Bíblia sistematicamente. . . . Não posso enfatizar demais a importância vital de ler toda a Bíblia. . . . Não leia a Bíblia para encontrar textos para seu sermão, leia porque é o alimento que Deus proveu para a sua alma, porque ela é a Palavra de Deus, porque é o meio pelo qual você pode conhecer a Deus. Leia-a porque ela é o pão da vida, o maná que Deus proveu para nutrir e cuidar bem de sua alma.⁷⁶

A exposição regular à Escritura dava ao Doutor um entendimento abrangente da mensagem de toda Palavra. Ele cavava cada texto, a fim de descobrir a doutrina ensinada nela. LloydJones disse: “O estudo bíblico é de pouco valor, se terminar em si e for principalmente uma questão do significado das palavras. O propósito do estudo da Escritura é alcançar a sua doutrina”.⁷⁷ Essa cuidadosa busca dos textos bíblicos, através de estudos, foi base para que LloydJones fosse o expositor teológico que ele era.

Para pregar melhor, LloydJones se comprometeu a estudar com seriedade na preparação do seu sermão. Com intelecto avantajado, este mestre expositor se dedicava a diligentemente cavar a rica mina que é a Escritura. Em grande medida, a profundidade de sua preparação do sermão determinava a amplitude de seu ministério. Quanto mais fundo se aprofundava nas ricas veias da Escritura, mais alto ele subia no púlpito, e, por sua vez, mais ampla era sua influência sobre a igreja e sobre o mundo. Como obreiro que não tem do que se envergonhar, LloydJones laborava para extrair das cavernas subterrâneas da Escritura a fim de descobrir os vastos tesouros de seu significado essencial e suas doutrinas-chave. LloydJones burilava este padrão de estudo persistente, enquanto era ainda promissor estudante de medicina. Naquele ambiente acadêmico rigoroso, aprendeu a disciplina que se requer no exigente estudo bíblico. Após essa fase inicial de estudos de medicina, ele se associou à equipe do mais importante hospital-escola do mundo, o Hospital São Bartolomeu, em Londres, onde estava sob a tutela de Sir Thomas Horder. Ali, sua capacidade intelectual foi ainda mais afiada pela abordagem socrática de seu mentor.⁷⁸ Como o “pensador mais acurado” que Horder “conhecera”,⁷⁹ LloydJones aplicava esses mesmos poderes de estudo à investigação profunda da Escritura. Como minerador que trabalhava muito, LloydJones explorava cada passagem até extrair seu ouro teológico e suas gemas doutrinárias. Depois de levar esses tesouros à superfície, ele os colocava em uso na própria vida cristã diária. Da sua leitura pessoal, fortalecia a própria alma. Além do mais, este estudo constante da Bíblia aprofundava a sua preparação semanal de sermões. Estava sendo consistentemente armado pelas verdades bíblicas, que, por sua vez, ele pregava do púlpito.

PRINCIPALMENTE UM PROCLAMADOR

Numa época de crescente ceticismo, LloydJones cria ser chamado principalmente para proclamar a Bíblia, não defendê-la. Ele era expositor, não apologeta. A despeito de outras pessoas crerem ou não em sua mensagem, seu papel de pregador era declarar todo o conselho de Deus, a verdade da Bíblia. Dali, ele deixaria com Deus os resultados: “Creio que o maior e mais urgente dever neste momento não é a defesa da Bíblia, não é discutir sobre a Bíblia—creio que no momento atual somos chamados a declarar a Bíblia: anunciar as verdades eternas nela contidas”.⁸⁰

Aqui está o gênio da pregação de Martyn LloydJones. Clara e simplesmente, ele era pregador da Bíblia. Sua confiança suprema estava na pureza e poder da Escritura, e isso o levava a pregá-la implacavelmente. Era poderoso no púlpito porque era poderoso na Palavra. O que mais pode ser dito sobre este grande homem, senão esta verdade: Ele era poderoso na proclamação da Escritura. Indubitavelmente, Deus honrou este homem que honrou a sua Palavra.

42. Quarta capa de *The Christ-Centered Preaching of Martyn LloydJones*

43. Alexander, Prefácio de *The Cross*, viii

44. D. Martyn LloydJones, *The Christian Soldier: An Exposition of Ephesians 6:10–20* (Grand Rapids, Mich.: Baker, 1977), 211.

45. Hughes Oliphant Old, *The Reading and Preaching of the Scriptures in the Worship of the Christian Church, Vol. 6: The Modern Age* (Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 2007), 946.

46. Ibid.

47. Ibid.

48. LloydJones, *Pregação e Pregadores*, apud.

49. D. Martyn LloydJones, *Great Doctrines of the Bible* (Wheaton, Ill.: Crossway, 2003), 1.

50. LloydJones, *Pregação e Pregadores*.

51. Ibid.
52. LloydJones, *Great Doctrines*, 24.
53. Ibid.
54. Ibid.
55. Ibid.
56. Ibid. 24.
57. Ibid.
58. D. Martyn LloydJones, "The Return to the Bible," *Eusebeia* 7 (Spring 2007): 7.
59. Ibid.
60. Ibid.
61. Ibid.
62. Ibid. 8.
63. D. Martyn LloydJones, *Authority* (1958; repr., Edimburgo, Escócia: Banner of Truth, 1984), 10.
64. Ibid. 41.
65. Ibid. 50.
66. LloydJones, *The Christian Soldier*, 211.
67. LloydJones, *Authority*, 51.
68. D. Martyn LloydJones, *Estudos no Sermão do Monte* (São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 1984) *apud*.
69. LloydJones, *Authority*, 55.
70. LloydJones, *The Christian Soldier*, 211.
71. Ibid. 212.
72. Ibid. 212.
73. LloydJones, *Pregação e Pregadores*.
74. Christopher Catherwood, *Martyn LloydJones: A Family Portrait* (Grand Rapids, Mich.: Baker, 1994), 70.
75. Ibid.
76. LloydJones, *Pregação e Pregadores*.
77. Murray, *The Fight of Faith*, 261
78. Catherwood, *A Family Portrait*, 30.
79. Christopher Catherwood, *Five Evangelical Leaders* (Wheaton, Ill.: Harold Shaw, 1985), 56.

80. Lloyd Jones, "The Return to the Bible," 10.

Distintamente Expositivo

Martyn LloydJones foi uma das figuras titânicas do cristianismo do século XX. O que o distingue é o fato de seus escritos, sermões e outras mensagens serem mais influentes hoje, mais de duas décadas após sua morte, do que quando estava envolvido num gigantesco ministério na Capela de Westminster. Por quê? Creio que a resposta seja simples—seu profundo compromisso com a exposição bíblica e grande habilidade com a qual pregava e ensinava a Palavra de Deus. Numa época em que tantos pregadores parecem incertos, quanto ao que seja a pregação, em Martyn LloydJones encontramos um ministro que não deixa dúvidas.⁸¹

—R. ALBERT MOHLER JR.

Em 6 de outubro de 1977, Martyn LloydJones ministrou a aula inaugural do Seminário Teológico de Londres. Esta escola foi estabelecida sob a liderança do Doutor, por sua grande preocupação com o desenvolvimento de expositores bíblicos. Como diretor-fundador, de sua mesa administrativa até a sua morte, LloydJones exerceu influência definidora na formação de sua visão e demarcação de seu percurso. Em sua mensagem inaugural, LloydJones abriu seu coração e falou do que ele cria ser a necessidade da hora. Ele anunciou: “A necessidade primária é de

pregadores. Deus tem feito sua maior obra no mundo e na igreja por meio de pregadores, e nunca a necessidade foi maior de pregadores do que hoje”.⁸² A essa necessidade ele dedicou toda a sua vida. LloydJones enfatizava que a necessidade não era de mestres, mas de pregadores. Um mestre, ele observou, “transmite informação” e “passa seu conhecimento”. Disse ele: “Hoje não precisamos tanto de mestres como no passado. Isto ocorre porque o nível geral de cultura e conhecimento é mais alto que jamais esteve antes. Hoje em dia, membros de igrejas e outras pessoas têm uma educação primorosa”.⁸³ Ele passou a citar evidências para tal declaração. As muitas traduções da Escritura, a proliferação dos comentários bíblicos e o aumento de literatura sobre o cristianismo fazem menos necessário o professor para dar às pessoas a informação. Podem encontrá-la por si mesmas nos livros. Portanto, ele concluiu: “A maior necessidade não é de mestres ou palestras, mas de pregação”.⁸⁴

Nessa sua mensagem inaugural, o Doutor perguntou: “O que é a pregação?”. Respondeu: “Pregação é proclamação; é a apresentação poderosa da grande mensagem da Bíblia”.⁸⁵ Ele defendia que a necessidade da igreja era de homens capazes de proclamar a grande mensagem da Bíblia com grande poder. A necessidade não é de mais informações, mas de inspiração. “A principal função do pregador”, LloydJones afirmava, “é a de inspirar. Não é apenas transmitir informação, ou falar sobre os livros da Bíblia, ou dar palestras sobre doutrina. Ele pode informar às pessoas onde elas poderão ler sobre isso... A sua tarefa suprema é inspirar as pessoas.”⁸⁶ Sendo assim, disse: “A tarefa do pregador é tornar viva a Bíblia para elas, mostrar-lhes o que existe na Palavra para maravilhá-las, quando ouvem dele a pregação”.⁸⁷ Isto, cria ele, era a responsabilidade essencial do pregador. Tornar viva a Bíblia no coração de seus ouvintes. O pregador, dizia LloydJones, tem de ser persuasivo, capaz de mover as pessoas em direção a Cristo. LloydJones cria que a necessidade suprema na igreja não é

por mais mestres, por mais importantes que sejam. A necessidade premente é de pregadores. Este continua sendo o caso ainda hoje.

Entender a pregação incendiária de LloydJones requer uma apreensão da visão excessivamente alta que tinha da pregação. Ele cria que a principal atividade da igreja é o que Paulo disse a Timóteo, quando estava prestes a morrer: “prega a Palavra” (2 Tm 4.2). A pregação tem de ser primeira na vida da igreja, antes de qualquer outra coisa encontrar seu devido lugar. Com clareza compelidora, ele afirmou: “A tarefa primária da Igreja e do ministro cristão é a pregação da Palavra de Deus”.⁸⁸ Nada, dizia ele, deverá suplantar a primazia da pregação bíblica no púlpito. O Doutor cria que tudo na vida da igreja é definido pela proclamação e direção da Escritura.

Através dos muitos desafios enfrentados por LloydJones, a exposição pública da Escritura consistentemente ocupava lugar central em seu ministério, em Gales e Londres. Na sua estimativa, o púlpito tinha lugar central em seu ministério, e era ali que Deus o usava para sua glória. Por meio da sua pregação, ele deixou marca indelével sobre os que vinham ouvir as suas exposições.

LloydJones cria que a pregação digna do nome—*pregação bíblica, pregação expositiva, a verdadeira pregação*—é a tarefa mais altaneira a que alguém possa se dedicar. Este que outrora fora médico, entendeu que a alma só é curada pela pregação fiel da Palavra. Quando perguntavam: “O que é o pregador?” LloydJones respondia com a seguinte descrição sucinta:

Primeiramente, é óbvio, ele é orador. Não é primariamente escritor de livros, não é ensaísta ou homem literário; o pregador é primariamente um que fala. Assim, se o candidato não possui o dom do discurso, quaisquer que sejam seus outros dons, não será um pregador. Pode ser excelente teólogo, um homem exímio em aconselhar e dar conselho particular, bem como muitas outras coisas, mas por definição básica, se o homem não tem o dom da fala, não pode ser um pregador.⁸⁹

Para LloydJones, o pregador possuía o dom da fala primeira e mais destacadamente, e com este dom ele proclamava as verdades da Escritura. Não importa o quão inteligente ele seja ou quão bem conhece a teologia, o pregador é um homem com o dom sobrenatural de falar ao ouvinte a verdade divina de modo claro e confrontador.

Ao substanciar a primazia da pregação, LloydJones apontava ao ministério terreno de Jesus Cristo: “Na vida e no ministério do nosso Senhor, temos esta clara indicação da primazia da pregação e do ensino”.⁹⁰ LloydJones via a pregação como a principal atividade à qual o Senhor se dedicou, em sua obra pública. Cristo também designou essa mesma prioridade da pregação aos seus apóstolos. Tais homens, observou LloydJones, foram “cheios do Espírito Santo no Dia de Pentecostes” e, como resultado, eles imediatamente “começaram a pregar”.⁹¹

Outras necessidades prementes surgiram na igreja primitiva, mas os líderes da igreja permaneceram focados no seu chamado principal. LloydJones parafraseou a afirmativa de Pedro, em Atos 6.4: “e, quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério da palavra”.⁹² Por esta declaração, LloydJones enfatizou que a pregação da Palavra, com a oração, é a principal tarefa da igreja. Afirmava fortemente que “tais prioridades são apresentadas uma vez para sempre... e não devemos permitir qualquer coisa que nos desvie disso”.⁹³ Ele cria que a prioridade da pregação da Palavra tinha de ser restabelecida em seus dias.

Ao descrever a exposição de LloydJones, Eryl Davies resume da seguinte maneira:

Descrevia todos esses sermões e estudos como sendo “expositivos”, conforme ele acreditava que toda pregação deveria ser. Com isso, queria dizer que o pregador precisava indicar, inicialmente, a relevância dos versículos para então explicar o que significavam, dentro de seu contexto. Porém, a pregação expositiva exige mais do que isso, porque o pregador necessita então abrir e

aplicar a doutrina. Era isso que ele mesmo procurava fazer, em sua pregação expositiva.⁹⁴

Lloyd Jones explicou ainda:

Todo pregador deve ter pelo menos três tipos ou espécies de pregação. Existe a pregação que é primariamente evangelística. Esta deve ter lugar pelo menos uma vez por semana. Há a pregação que tem estrutura instrutiva, mas é principalmente experiencial. Esta geralmente acontecia nos domingos de manhã. E a pregação puramente instrutiva, que eu fazia pessoalmente durante a semana.⁹⁵

DIVERSIDADE NA PREGAÇÃO EXPOSITIVA

LloydJones empregava diferentes abordagens em sua pregação expositiva, dependendo de quando ele estava pregando — no domingo pela manhã, domingo à noite, ou sexta-feira à noite. Esta diversidade em seu púlpito, em Westminster, é vista das seguintes formas:

Pregação experiencial

A pregação de LloydJones nos domingos de manhã era distintamente o que ele chamava *experiencial*. Neste modo, ele falava principalmente a crentes, a fim de auxiliá-los na vida cristã diária. Por *experiencial*, queria dizer que a pregação era dirigida para ajudar os cristãos a praticarem sua busca diária de Cristo. Aqui, o seu foco era ensinar a Escritura para que aplicassem a verdade às suas vidas cotidianas. A mais famosa série de exposições de LloydJones, de domingo pela manhã, foi de sessenta sermões consecutivos sobre o Sermão do Monte. Esta série começou em outubro de 1950 e foi até 1952. Outras séries matinais de domingo incluíram treze sermões em João 17 (1952), onze sermões no Salmo 73 (1953), e vinte e um sermões sobre depressão espiritual (1954). A sua série mais longa de domingo pela manhã foi do livro de Efésios, versículo por versículo, compreendendo 260 sermões (outubro 1954 a julho 1962). Em meio a Efésios, LloydJones fez uma pausa para pregar vinte e seis sermões sobre avivamento (1959). A série sobre Efésios foi seguida por uma série mais curta de catorze sermões em Colossenses (1962). Sua série final de pregações aos domingos pela manhã foi no evangelho de João, em que pregou os primeiros quatro capítulos (1962 a 1968), até o dia em que se aposentou. Dada a diversidade de sua congregação, era sempre um desafio para LloydJones alcançar a cada ouvinte com uma única mensagem.

LloydJones sabia que teria de falar a cada pessoa individualmente com o sermão, e também sabia que somente a exposição da Escritura podia tratar cada pessoa em seu ponto de maior necessidade. LloydJones cria que a pregação não devia ser dirigida aos críticos de sermão, mas a pessoas comuns, com necessidades cotidianas reais:

Fique lembrando-se desde o começo até o fim que o que você faz é para as pessoas, toda espécie e tipo de pessoas. Você não prepara um sermão para uma congregação de professores ou eruditos; está preparando seu sermão para uma congregação mista de pessoas, e é nosso interesse oferecer alguma ajuda a todos que fazem parte da congregação. Fracassamos se não tivermos feito isso. Evite uma abordagem teórica e demasiadamente acadêmica. Seja prático. Lembre-se das pessoas a quem você está pregando.⁹⁶

Ao ouvir LloydJones, a pessoa sentia como se estivesse sozinha numa sala com ele, e ele lhe falava pessoalmente. Para ele, a pregação era uma questão pessoal. Ele via a pregação experiencial como abrir um texto da Escritura e deixá-lo claro diante dos seus ouvintes. A vida de cada ouvinte era, então, transformada pelo poder santificador da Palavra.

Pregação Evangelística

Nos domingos à noite, LloydJones preparava sua pregação para ser *evangelística*. Esta faceta de seu ministério de púlpito era direcionada aos não convertidos. Ele determinou que uma vez a cada semana ele traria uma mensagem evangelística. Para estes sermões, usava tanto o Antigo quanto o Novo Testamento, encorajando as almas perdidas a virem à fé em Cristo. Seu método evangelístico era similar à sua prática passada como médico, em que diagnosticava os sintomas do paciente, procurava determinar a sua causa, e então prescrevia a cura. No púlpito, fazia de maneira muito semelhante. Começava diagnosticando a condição pecaminosa de seus ouvintes. Então mostrava a causa—uma natureza de

pecado com coração depravado. Finalmente, ele apresentava a única cura, ou seja, o evangelho.

Concernente à necessidade da pregação evangelística, Lloyd Jones acreditava que sempre haveria pessoas em sua congregação que eram religiosas, mas não convertidas. Ele declarou: “O principal perigo que confronta o púlpito nessa questão é presumir que todos que dizem ser cristãos, e pensam ser cristãos, e que são membros da igreja, sejam, portanto, necessariamente cristãos. Para mim, este é o erro mais fatal de todos”.⁹⁷ Como pregador, era compelido a sempre fazer a obra do evangelista. A Escritura nos ensina que sempre haverá joio no meio do trigo (Mt 13.24–30). Esta tinha sido sua própria experiência como membro não salvo de uma igreja. No seu caso, outros pastores haviam presumido erradamente que ele fosse convertido, quando não era. Ele resolveu não repetir este erro em seu próprio ministério de púlpito. O ímpeto evangelístico da pregação de Lloyd Jones foi claramente testemunhado por aqueles que o ouviam. J.I. Packer declara: “Era sua evangelização que... fazia a pessoalidade de sua comunicação no púlpito ser singular. Toda sua energia ia para sua pregação: não somente a energia física, a qual possuía bastante, mas também aquela vivacidade dada por Deus... chamada de unção... a unção do Espírito Santo de Deus sobre o pregador”.⁹⁸

Bethan Lloyd Jones concordava, dizendo: “Ninguém entenderá meu marido até que reconheça que ele é primeiramente um homem de oração e, em seguida, um evangelista”.⁹⁹ No entanto, ele jamais cedeu às técnicas do evangelismo dos dias modernos, fazendo um chamado para frente. Para essas mensagens de domingos à noite, Lloyd Jones pregou consecutivamente por capítulos da Bíblia, ou sobre assuntos-chave. Entregou seis sermões em Isaías 35 (1946). Isto foi seguido por nove sermões evangelísticos em Isaías 40 (1954), sete no Salmo 107 (1955), e três sobre o assunto de autoridade (1957). Também pregou nove sermões

sobre a cruz, usando Gálatas 6.14 (1963), quatro sermões no Salmo 1 (1963), nove sermões em Isaías 1 (1963), e sete sermões em Isaías 5 (1964). Isso levou a vinte e quatro sermões sobre a alegria, em 1964–65. Sua série final de domingos à noite foi de 110 sermões em Atos 1 a 8 (1965–68).

Pregação instrutiva

Nas sextas-feiras à noite, Lloyd Jones praticava uma forma mais *instrutiva de pregação*. Começou uma série de estudos bíblicos às sextas-feiras, no início de seu ministério na Capela de Westminster, enfocando principalmente o ensino das sãs doutrinas a cristãos. Era uma pregação que exigia pensamento mais profundo, sob o cuidadoso escrutínio da Escritura. Sua primeira série às sextas-feiras foi sobre as grandes doutrinas da Bíblia (oitenta e um sermões, 1952–55). Longe de serem palestras secas, estas mensagens foram entregues com todos os elementos da pregação dinâmica. Esta série foi seguida por uma magisterial exposição do livro de Romanos (372 sermões, 1957–68), terminando em Romanos 14.17, quando ele se aposentou do púlpito de Westminster.

PREGAÇÃO E ENSINO

Quer o foco de sua pregação fosse experiencial, evangelístico, quer instrucional, LloydJones se entregava com grande diligência a cada sermão da série. Ao contrastar essas abordagens, Curt Daniel descreve a pregação de LloydJones da seguinte forma:

LloydJones diferenciava a pregação do ensino. Campbell Morgan era mestre, não pregador – ele dizia – enquanto LloydJones era pregador, e não tanto um mestre. A diferença não é somente na abordagem ou conteúdo, mas no propósito. O ensino educa; a pregação proclama e dá graça transformadora. Ela inclui doutrina colhida pela exposição, mas também a aplicação. O estágio mediano é, muitas vezes, ausente na maioria das pregações, ele argumentava. Esse é o estágio experimental, ou existencial, onde o Espírito sobrenaturalmente energiza a mensagem, a ponto de ela ser bíblica e fazer o que só ele pode fazer. As consciências são feridas, o coração é aberto, a graça é derramada, a alma é atraída a Cristo pela fé, e Deus é glorificado.¹⁰⁰

Hughes Oliphant Old faz esse mesmo contraste. Ele distingue, no ministério de púlpito de LloydJones, entre o que era direcionado mais aos crentes e o que tinha como alvo os descrentes.

A sua pregação no culto matinal no Dia do Senhor era conscientemente expositiva, mas, aos domingos à noite, ele se dedicava à pregação evangelística. Em seus anos mais maduros, os anos que seguiram a Segunda Guerra Mundial, ele foi considerado um dos principais evangelistas de seus dias, embora fosse ainda mais famoso como pregador expositivo. De fato, ele é um belo exemplo de como estes dois gêneros de pregação estão em seu momento máximo, quando se juntam.¹⁰¹

Com esta abordagem tríplice, muitos podem defender e dizer que LloydJones tornou-se o mais influente pregador expositivo do século XX. LloydJones via a pregação como trabalho difícil e, portanto, se ele quisesse dizer algo significativo e transformador, sabia que exigiria muito trabalho. Disse ele:

A preparação de sermões envolve suor e labor. Pode ser extremamente difícil, às vezes, tornar essa questão que você encontrou nas Escrituras numa forma particular. É como um oleiro moldando algo do barro, ou um ferreiro fazendo ferraduras para um cavalo: tem de continuar a colocar o material no fogo e na bigorna, batendo repetidamente com o martelo. A cada vez, o resultado é um pouco melhor, mas não exatamente o melhor. Você coloca de novo no fogo até que esteja satisfeito e não possa fazer nada melhor. Essa é a parte mais difícil da preparação do sermão; mas, ao mesmo tempo, é a ocupação mais fascinante e gloriosa.¹⁰²

O compromisso implacável de LloydJones para com a proclamação da Palavra ergueu o padrão para incontáveis homens que o seguiram. Seu estilo de pregação era direto, sem diversão ou artifícios. Ele era estruturado, lógico, coerente, bíblico, doutrinário, inflamado, urgente, declarativo, e polêmico.

Peter Lewis descreve a pregação de LloydJones da seguinte maneira:

Começava com bastante calma: uma introdução direta da passagem e do tema diante do pregador e de sua congregação, se estivesse falando a cristãos, ou um compartilhamento fácil e familiar da presente situação ao seu redor, com suas perplexidades e desapontamentos, se fosse uma mensagem dirigida a não cristãos. Dentro de poucos minutos, porém, com rapidez, embora não fosse repentinamente dramático, vinha uma intensidade mais profunda na voz, as palavras apressavam seu compasso, o corpo se tornava mais rígido, quase trêmulo instrumento da paixão feroz do pregador, e antes que se percebesse, a pessoa era levada ao movimento e progresso sustentado de todo

o sermão. Era, modificando uma história favorita que contava, o advogado tomando a tribuna da testemunha, acrescentando testemunho pessoal ao argumento irrefutável; um homem que vira “infinidades e imensidões” nesse Evangelho com respeito a Jesus Cristo, Filho de Deus, e quem o conhecesse tinha o poder de erguer homens e mulheres para Deus para sempre.¹⁰³

SEMPRE EXPONDO UM TEXTO BÍBLICO

LloydJones entendia que no coração de seu ministério havia um chamado para pregar a Bíblia. Ou seja, ele cria que era mandado por Deus para ser expositor. Via como seu dever abrir a Escritura e ser porta-voz do texto. Disse ele: “Na pregação, a mensagem deve sempre surgir diretamente das Escrituras”.¹⁰⁴ Aconselhava ainda: “Você tem de ser sempre expositor. Ele era sempre expositivo”.¹⁰⁵ Qualquer análise de sua pregação tinha de começar com o compromisso inabalável para com a própria Bíblia. O Doutor estava persuadido de que a verdadeira pregação sempre tinha de ser pregação *bíblica*. LloydJones disse: “O sermão sempre deve ser expositivo. No sermão, o tema ou a doutrina é algo que surge do texto e de seu contexto... um sermão não deve começar pelo assunto em si; deverá iniciar com a Escritura”.¹⁰⁶ Sobre este assunto, continuou:

Para preparar o seu sermão, deve-se começar pela exposição da passagem ou do único versículo... tem de ser expositivo e, em qualquer caso, meu argumento todo é que tem de estar claro às pessoas que o que estamos falando é extraído da Bíblia. Estamos apresentando a Bíblia e sua mensagem... aquilo que dizemos vem da Bíblia, e sempre virá dela. Esta é a origem de nossa mensagem.¹⁰⁷

Tal dedicação à pregação expositiva era completamente estranha à maioria dos púlpitos naquele tempo, na Inglaterra. Iain Murray comenta: “Nos anos de 1950, LloydJones estava virtualmente só na Inglaterra, ao se envolver no que dizia ser *pregação expositiva*”.¹⁰⁸ O “Doutor” não acreditava que a pregação expositiva significasse fazer um comentário da Escritura, ou um mero estudo de palavras ou da estrutura gramatical de um texto. Em vez disso, ela tem de apresentar as doutrinas e os princípios corretos,

contidos no texto. A verdadeira pregação é a pregação bíblica. Ela extrai e aplica os preceitos de um texto da Escritura. Murray comenta: “Esta pregação apresenta um texto, em seguida, tendo em vista sempre esse texto, há dedução, argumento e apelo, o todo fazendo uma mensagem que porta a autoridade da própria Escritura”.¹⁰⁹ Em suma, o pregador deve expor fielmente o significado do texto bíblico intencionado por Deus.

UMA UNIÃO DE VERDADE E FOGO

No Doutor, havia o que Murray chamava de “união da verdade com o fogo”.¹¹⁰ LloydJones combinava, de maneira singular, os dois elementos de luz e calor em sua pregação. Onde houver fogo, há luz e calor. Esses dois elementos são inseparáveis. Na pregação calorosa do Doutor, tanto a luz da verdade quanto o calor da paixão estavam presentes. Quanto a isso, Murray comparava favoravelmente LloydJones com o ardente pregador da reforma escocesa, John Knox. Ele escreveu: “Com John Knox e seus sucessores, ele sabia que essa ‘língua e voz vivaz’ são os *meios principais* com que Deus prometeu seu poder na recuperação da humanidade perdida”.¹¹¹

O mesmo podia ser dito sobre LloydJones. A sua pregação era primazia em seu ministério. Ele acreditava que era por meio da pregação que Deus estabeleceu seu reino, e pela pregação este reino avança e funciona melhor. O principal alvo da vida é a busca da glória de Deus. Isto era o que consumia LloydJones por toda sua vida. Murray ressalta: “A sua oração por avivamento era associada concordemente com a profunda convicção de que todo grande movimento do Espírito é envolvido com a dádiva de homens que *pregam* ‘com o Espírito Santo enviado do céu’”.¹¹² A pregação estava constantemente à frente do ministério de LloydJones, com o alvo de que Deus fosse glorificado. Que a centralidade do púlpito seja de tal forma recuperada hoje nas igrejas por todo o mundo, a fim de que seja a incomparável glória de Deus brilhantemente exibida.

81. Endosso para LloydJones, *The Cross*.

82. Martyn LloydJones, *Pregação inaugural na abertura do Seminário Teológico de Londres* (Londres: London Theological Seminary, 1977), pp. 5–6.

83. Ibid. 6.
84. Ibid.
85. Ibid.
86. Ibid.
87. Ibid.
88. LloydJones, *Pregação e Pregadores*.
89. Ibid.
90. Ibid.
91. Ibid. 22.
92. Ibid. 23.
93. Ibid.
94. Eryl Davies, *Dr. D. Martyn LloydJones* (Darlington, Inglaterra: Evangelicals, 2011), 88.
95. LloydJones, *Pregação e Pregadores*.
96. Ibid.
97. Ibid.
98. Charles Turner, ed., *Chosen Vessels: Portraits of Ten Outstanding Christian Men* (Ann Arbor, Mich.: Vine, 1985), 118.
99. D. Martyn LloydJones, *Old Testament Evangelistic Sermons* (Edinburgh, Scotland: Banner of Truth, 1995), VII.
100. Curt Daniel, *The History and Theology of Calvinism* (Springfield, Ill.: Reformed Bible Church), 162.
101. Old, *The Reading and Preaching of the Scriptures*, 938.
102. LloydJones, *Pregação e Pregadores*.
103. Lewis, "The Doctor as a Preacher". 76–77.
104. LloydJones, *Pregação e Pregadores*.
105. Ibid.
106. Ibid.
107. Ibid.
108. Murray, *The Life of Martyn LloydJones*, 307.
109. Ibid.
110. Ibid. 777.

111. Ibid.

112. Ibid.

Cuidadosamente Estudado

Com a morte de Dr. Martyn LloydJones, a mais poderosa e persuasiva voz evangélica da Grã-Bretanha por mais de 30 anos agora foi silenciada. Ele será lembrado principalmente como expositor bíblico. Nos seus dias de maior influência, nos anos 1950 e 1960, na Capela de Westminster, junto ao portão do Palácio de Buckingham, ele tinha uma congregação fascinada de 2.000 pessoas durante uma hora a uma hora e quinze. Ele combinava a habilidade analítica de uma mente treinada nas ciências com a paixão de um galês.¹¹³

— JOHN STOTT

Como artesão-mestre, conhecedor de seu ofício, Martyn LloydJones demonstrava a habilidade necessária para a excepcional pregação expositiva ao reconhecer a diferença entre uma palestra e um sermão. Uma palestra é uma fala educativa dada em ambiente de sala de aula, com o intento de transferir informação do instrutor a seus alunos. LloydJones entendia que a palestra opera em nível puramente intelectual, sem intenção de impacto emocional. Nem é dado um desafio à vontade. A palestra funciona como entrega cognitiva de fatos detalhados.

Por outro lado, LloydJones cria ser a pregação algo totalmente diferente. “A pregação”, ele contendia, “não é o mesmo que dar uma

palestra sobre teologia”.¹¹⁴ Um sermão é muito mais do que uma palestra unidimensional. Ainda que as palestras sejam boas, elas pertencem à sala de aula, não ao santuário. LloydJones insistia, “a tarefa do pregador não é apresentar o evangelho academicamente”.¹¹⁵ Porém, um sermão deverá “apresentar a Palavra de Deus ao homem todo”.¹¹⁶ Ou seja, o sermão tem de tratar da pessoa em sua totalidade—a mente, os afetos e a vontade. Onde a palestra apenas instrui a mente do ouvinte, o sermão vai mais longe e move as emoções, desafiando a volição do ouvinte.

Apontando para as epístolas de Paulo, LloydJones notou que podem se dividir em duas seções principais. O apóstolo começa com uma seção doutrinária. Então, chega a um “portanto” em que começa a aplicar a teologia ensinada. “Ele arrazoa com eles quanto ao modo como devem viver”,¹¹⁷ o Doutor explica. Diz ele: “A primeira metade... é doutrinária, e a segunda parte é prática ou aplicativa.”¹¹⁸ Com isso, LloydJones enfatizou a necessidade do expositor incorporar tanto o doutrinário quanto o prático, em sua pregação. Tem de haver ambos: ensino e aplicação da sã doutrina. Tal ênfase dupla distingue um sermão de uma palestra. A palestra só tem ensino, enquanto o sermão tem o ensino e a aplicação, junto com a exortação.

Ao contrastar a palestra com o sermão, LloydJones asseverou que:

a pregação do sermão não deve ser confundida com dar uma palestra.... Uma palestra começa com um assunto, e se preocupa em dar conhecimento e informação concernente a esse assunto em especial. O seu apelo é primariamente e quase exclusivamente à mente; seu objetivo é dar instrução e declarar os fatos.¹¹⁹

A uma palestra, nota LloydJones, “falta o elemento do ataque, a preocupação em fazer algo para o ouvinte, o que é essencial à pregação”.¹²⁰

Um sermão procura criar a impressão sobre o ouvinte, explica ele, para que seja comovido a sentir a verdade e seguir o desejado curso de ação.

LloydJones ressaltava a importância de *pathos*, sentimento compassivo, no sermão, ou seja, o despertar das emoções. Este elemento, ele confessava, muitas vezes falta às pregações de reformados, que são pensadores altamente cognitivos. Ele declarou: “Tendemos a perder o equilíbrio e nos tornar exageradamente intelectuais, na verdade quase desprezando o elemento de sentimento e de emoção”.¹²¹ Sendo homens cultos, ele argumentou, os reformados “têm tendência de desprezar os sentimentos”. Rebaixam os que ficam emotivos como quem “não tem entendimento”. Mas, se é possível contemplar estas gloriosas verdades e permanecer imóvel, ele concluiu, “há nessa pessoa algo de defeituoso”.¹²²

LloydJones cria que um sermão deveria direcionar a vontade do ouvinte ao caminho da santidade pessoal. No sermão, o pregador deve oferecer passos práticos, e instar com o ouvinte a seguir a vontade prescritiva de Deus. Um sermão jamais deve ser um fim em si mesmo, mas um meio para um fim maior. A congregação deve tomar passos decisivos de obediência para viver a Palavra de Deus. LloydJones entendia que um sermão procura fazer algo ao ouvinte. Ele disse: “O pregador não está meramente ali para falar com eles, não está ali para entretê-los. Está ali—e quero enfatizar isto—para fazer algo a essas pessoas; levá-las a produzir resultados de diversos tipos; ele está ali para influenciar as pessoas”.¹²³ Portanto, o sermão, ele insistia, tem de ter o elemento de produzir mudança de vida no ouvinte.

LloydJones explicou: “Ele está ali para tratar da pessoa integral, e sua pregação deve afetar a pessoa em sua totalidade, no próprio cerne de sua vida”.¹²⁴ É esta a espécie de pregação que o expositor tem de praticar.

Sendo assim, vamos dar atenção aos passos básicos que LloydJones tomava para elaborar um sermão expositivo.

ISOLANDO O TEXTO BÍBLICO

Lloyd Jones acreditava que o sermão deve ser sempre uma exposição de uma passagem específica da Escritura. Ele declarou: “Ao começar a preparar o seu sermão, você tem de começar com a exposição da passagem ou do versículo específico. Isto é essencial, é vital; conforme eu já disse, toda a pregação tem de ser expositiva”.¹²⁵ Consequentemente, o pregador não começa com uma ideia para, então, elaborar sobre ela¹²⁶: “Não se começa com o pensamento, ainda que seja um pensamento correto, mesmo que seja um bom pensamento; não comece com isso para, então, elaborar a fala a partir disso”. Ao contrário, o pregador tem de “começar com a Escritura”¹²⁷, para que sua mensagem “surja do texto”.¹²⁸

Enfatizando este ponto, o Doutor reiterou que o sermão tinha de ser sempre expositivo. O que diz o pregador, ele insistia, tem de emergir do texto bíblico.

Você tem de ser expositivo, e em qualquer caso, todo meu argumento é que tem de estar claro às pessoas que o que estamos dizendo vem da própria Bíblia. Estamos apresentando a Bíblia e sua mensagem. Por isso é que gosto de usar uma Bíblia de púlpito. Ela deve sempre estar ali, e sempre aberta, enfatizando o fato de que o pregador prega a partir dela.¹²⁹

Este é o ponto inicial de toda preparação de sermões. O expositor começa com um texto da Escritura.

CRIANDO UM ESBOÇO DO SERMÃO

O próximo passo do processo de preparação do sermão é desenvolver um esboço do sermão. LloydJones via o esboço como a estrutura na qual podia ordenar as suas observações do texto. A Escritura, em si, apresenta claramente uma forma lógica que o ajudava a expor sua mensagem essencial. LloydJones usou os sermões do livro de Atos como exemplo para a necessidade de estrutura no sermão. As mensagens ali aderem a uma forma distinta. Os sermões apostólicos são lineares e seguem um fluxo lógico de pensamento. Ele comentou:

Não se pode ler Atos 7 sem ficar impressionado pela forma, a arquitetura, a construção daquele discurso famoso. Com certeza, no sermão de Paulo em Antioquia da Pisídia, conforme documentado em Atos 13, você encontra exatamente a mesma coisa. Ele falava com um plano, ou, se preferir, tinha uma espécie de esqueleto ou esboço; certamente havia forma em seu discurso.¹³⁰

Usando a analogia do corpo humano, LloydJones via o esboço do sermão como um esqueleto que dá forma e estrutura à mensagem. Os expositores têm de permitir que seu esboço flua do texto. O esboço evita que o pregador apresente algo que o texto não diz. LloydJones asseverou:

Esses esqueletos deverão ser revestidos; eles necessitam que se ponha carne neles... Uma estrutura é essencial para se erguer um edifício, mas quando se olha o prédio completo, você não enxerga a estrutura interior, você vê o prédio. Há ali uma estrutura, mas essa está encoberta, só está ali como algo que o ajudou a erguer o prédio desejado. O mesmo se dá com o corpo

humano. Existe uma estrutura, mas esta é revestida de carne antes que se tenha um corpo. É assim também com o sermão.¹³¹

Nesta analogia, LloydJones via o esboço do sermão como um esqueleto e a doutrina como os músculos sobre os ossos. Além disso, via a aplicação como sendo a pele da pessoa. Essa parte é o que mais se vê, pois está sobre a superfície dos ossos e músculos. A pele representa como a verdade deve ser vivida pelo ouvinte. Um corpo humano bem proporcionado é algo belo e equilibrado. Assim também deve ser o sermão. LloydJones usou outra analogia para destacar o seu ponto. Também comparou o sermão a uma sinfonia. Cada cabeçalho do esboço é ilustrado pelas divisões principais da sinfonia. Ele explicou:

Creio que um sermão deva ter forma no sentido de uma sinfonia musical. A sinfonia tem forma. Uma sinfonia sempre possui forma, ela tem suas partes e porções. As divisões são claras; são reconhecidas e podem ser descritas; contudo, uma sinfonia é um todo... Devemos sempre pensar no sermão como uma construção, uma obra que nisto é comparável à sinfonia. Noutras palavras, o sermão não é uma mera caminhada sem rumo por numerosos versículos, não é mera coleção ou seriado de declarações e comentários excelentes e verdadeiros... O que faz do sermão um sermão é que possui esta forma particular que o diferencia de tudo mais.¹³²

LloydJones era explícito ao dizer que as divisões do sermão não devem ser feitas aleatoriamente. Pelo contrário, esses cabeçalhos têm de ser arranjados em sequência lógica, de maneira que melhor apresente a doutrina específica que o texto está ensinando. Portanto, o pregador tem de posicionar seus cabeçalhos de modo que o primeiro ponto conduza sem costuras até o segundo ponto, e assim por diante. LloydJones disse: “Cada um deverá levar ao próximo, e trabalhar ultimamente para uma conclusão

definida. Tudo deve ser argumentado de modo a destacar o ímpeto principal desta doutrina específica”.¹³³ Este esboço expositivo estabelece a estrutura ordeira que deve dirigir a apresentação do sermão.

LloydJones acreditava que deve haver uma progressão lógica do pensamento em todo o sermão, que cresce até um clímax. Os pontos do esboço devem estar inter-relacionados e interdependentes. Cada cabeçalho é simplesmente uma parte do todo e deve “ter por objetivo chegar a uma conclusão última”.¹³⁴ Muito semelhante aos múltiplos riachos que convergem juntos para formar um único rio de movimento veloz, as várias partes do esboço do sermão, ele cria, devem fluir para um corpo maior de pensamento. As verdades importantes devem ser destacadas no sermão, e ser alojadas na mente do ouvinte. Essa estrutura ordeira é tão importante para um sermão efetivo, que o Doutor comentou: “Se meu sermão não for claro e ordeiro em minha mente, eu não o poderei pregá-lo a outros”.¹³⁵ O sermão tem de estar claro ao que está no púlpito, antes que seja lúcido aos que estão assentados nos bancos da igreja. Para destacar a importância do esboço, LloydJones usou como exemplo Jonathan Edwards. Ele reconheceu que, em seus últimos anos, Edwards não escrevia seu manuscrito por inteiro.

No entanto, ainda via a necessidade de compor um esboço do sermão. Enquanto Edwards amadurecia na sua pregação, seu manuscrito foi ficando menor, até que ele levava consigo apenas um pequeno esboço para o púlpito. Mas o famoso pregador do Grande Despertamento nunca pregou sem levar pelo menos um esboço. Assim, LloydJones notou a importância crítica do esboço do sermão para Edwards:

Jonathan Edwards é muito interessante neste aspecto. Até recentemente, eu tinha a impressão de que Edwards sempre escrevia seus sermões por extenso. É bem certo que em seus primeiros dias ele fazia exatamente isso, e ainda, que lia os sermões do púlpito às pessoas... No decorrer do tempo, Edwards passou a não escrever por extenso os seus sermões, mas se contentava em

escrever algumas anotações... É sempre errado colocar como leis absolutas essas questões... Eu senti que escrever era uma excelente disciplina, boa para produzir o pensamento ordenado e arranjar a sequência e o desenvolvimento da argumentação, e assim por diante.¹³⁶

A importância do esboço vem dele ser um meio para se alcançar um alvo. É muito importante colocar em ordem os pensamentos para apresentar mais claramente a argumentação do texto. O esboço existe, concluiu LloydJones, somente para servir a este propósito maior. LloydJones tomava cuidado em ressaltar que um esboço não deve ser uma coleção de partes individuais. Em vez disso, deve formar a estrutura da mensagem e dar substância à sua apresentação. Um esboço bem preparado oferece ao pregador uma unidade inteira de pensamento a ser apresentada.

LOCALIZANDO A IDEIA PRINCIPAL

LloydJones entendia que o expositor tinha de cativar o impulso central de seu texto. Ele chamava a ideia principal do sermão de “doutrina”. Ele acreditava que se a pessoa entende corretamente o texto, ela descobrirá seu ensinamento central e seu lugar na mensagem maior da Bíblia. Ele reconhecia que isso, às vezes, é o trabalho mais difícil, que consome mais tempo na preparação do sermão. Contudo, isolar o seu ensino específico pode ser a parte mais importante do desenvolvimento de uma boa mensagem. Ao descobrir a ideia principal, LloydJones sabia que o expositor tinha de se perguntar com respeito aos intentos do autor do texto: “Por que ele disse isso? Por que ele o disse desta maneira específica? Aonde ele queria chegar? Qual era seu objetivo e propósito?”.¹³⁷ Tais perguntas diagnósticas examinam o texto e revelam o impulso central da passagem.

De maneira semelhante, o corpo maior de doutrina, ensinado em toda a Bíblia, deve governar a interpretação de cada texto selecionado. Ele declarou: “A interpretação do pregador de qualquer texto específico deve ser verificada e controlada por este sistema, esse corpo de doutrina e de verdade que se encontra na Bíblia”.¹³⁸ A ideia principal do sermão é embelezada por esse conhecimento compreensivo de toda a Escritura.

LloydJones se espantava em como tantos pregadores modernos tivessem perdido a ideia principal do texto. Durante um período de seis meses em que ele esteve doente, ele disse ter escutado muitos sermões, notando com tristeza que mui poucos pregadores chegavam à ideia do texto. Na maioria dos casos, o pregador perdia completamente o cerne do ensinamento do texto. Um sermão desses que ele escutou foi em Romanos 1.1–4, no domingo de Páscoa. O pregador enfatizou Jesus como Filho de Deus, mas saiu do sermão “sem um mínimo senso de maravilha com o

evento surpreendente da Ressurreição, as coisas que, de acordo com o apóstolo, finalmente o ‘declararam’ ser ‘o Filho de Deus’”.¹³⁹ O ímpeto da mensagem de Paulo não foi o mesmo apresentado por esse pregador que entregou o sermão. Portanto, na estimativa de LloydJones, ele perdeu completamente o ponto central do que Paulo estava dizendo.

LloydJones advertiu também sobre o perigo de deixar de ver o contexto no qual a passagem se encontra. Isso também pode fazer com que o pregador perca a ideia principal do texto. Ele disse que “um mau entendimento do versículo específico” frequentemente ocorre “devido à ignorância completa do versículo anterior e dos versículos que se seguem”.¹⁴⁰ Noutras palavras, a perspectiva maior de uma passagem é imprescindível para se obter uma percepção correta do todo. Ele disse: “Não posso enfatizar demais a importância de chegarmos ao impulso principal, à mensagem primordial de nosso texto. Deixe que ele o conduza, deixe que ele o ensine. Escute-o e, em seguida, questione o seu significado, e deixe que isso seja a parte forte de seu sermão”.¹⁴¹ O pregador tem de apreender a intenção dos autores bíblicos para cativar e transmitir o que Deus diz em sua Palavra.

USANDO FERRAMENTAS LINGUÍSTICAS

Ao fazer o escrutínio da Escritura, LloydJones insistia que sua análise deveria incluir o estudo de um texto na língua original, a fim de chegar à interpretação precisa. Ele declarou que o grego e o hebraico “são de grande valor por amor à exatidão, não mais que isso, e somente isso”.¹⁴² Ele acautelou “[As línguas originais] não podem garantir a acurácia, mas podem promovê-la”.¹⁴³ Noutras palavras, muito mais está envolvido no manuseio correto de uma passagem da Escritura que apenas entender a língua original. Principalmente, LloydJones enfatizou que um conhecimento de principiante das línguas originais será útil para usar comentários técnicos de exegese. No sermão de abertura do Seminário Teológico de Londres, ele disse: “O que é necessário aos pregadores hoje é o conhecimento suficiente de grego e hebraico para os capacitar a utilizarem os comentários, e lerem as muitas traduções disponíveis de maneira inteligente, e serem capazes de seguir a argumentação das autoridades para um ponto de vista, em vez de outro”.¹⁴⁴ Assim, as línguas originais devem ser aprendidas primariamente para auxiliar no uso dos comentários para a interpretação da Escritura. Mas, é errado dizer que um homem não pode pregar, se lhe falta conhecimento suficiente das línguas originais, disse ele. “Dizer que um homem não pode ler sua Bíblia, e que não pode pregar se lhe falta conhecimento do grego e hebraico, me parece um mau entendimento da mensagem bíblica e do caráter da pregação”.¹⁴⁵ Em lugar disso, “é necessário apenas o conhecimento básico dessas línguas”.¹⁴⁶ Com certeza, esta era uma grande diferença da opinião que prevalecia naquela época.

A CONSULTA DOS COMENTÁRIOS

Após cavar o texto, LloydJones instava com o pregador que usasse “comentários ou quaisquer outras ajudas que escolha empregar”.¹⁴⁷ LloydJones tinha uma biblioteca pessoal significativa em seu gabinete. Na verdade, a Banner of Truth Trust teve seu início com a publicação de alguns de seus mais raros livros puritanos. Esta biblioteca permanece sediada no Seminário Teológico de Londres. Como um médico busca a opinião de outro médico examinador, assim LloydJones consultava esses comentários como ponto de referência na preparação do seu sermão. Também é necessário, insistia LloydJones, que o pregador jamais force o texto dizer algo que não diz. Fazer isso seria praticar a *eisegesis*, ler dentro do texto aquilo que não está ali, em vez de fazer uma *exegese*, ou seja, obter os ensinamentos que estão dentro do texto, de quem é seu auditório. Ele advertiu: “Você tem de sacrificar um bom sermão, em vez de forçar o texto”.¹⁴⁸ Para evitar este perigo, o Doutor recomendava a consulta de comentários, para se certificar das conclusões quanto à ênfase e doutrina central da passagem estarem alinhadas com a de outros homens fiéis.

FAZENDO A APLICAÇÃO

Depois de chegar à doutrina do texto, LloydJones enfatizava que o pregador deveria mostrar a relevância prática para a vida cotidiana da congregação. Isso significa ter em mente como o texto afetará aqueles que estão assentados nos bancos da igreja. O pregador tem de manter em mente as necessidades de seus ouvintes, ligando a mensagem a suas vidas como indivíduos. Quer dizer que o expositor “deve avaliar a condição dos ouvintes e ter isso em mente na preparação e entrega da sua mensagem”.¹⁴⁹ Noutras palavras, ele tem de fazer exegese tanto do texto quanto dos seus ouvintes, para se colocar entre esses dois mundos. Durante a preparação do sermão, o pregador tem de estar nitidamente cômico de quem são seus ouvintes. Tem de discernir sua condição e estar afinado com as necessidades dos ouvintes. LloydJones enfatizou que dizia o que dizia porque era influenciado pela condição das pessoas. A Palavra é pregada a pessoas de verdade, que vivem no mundo em situações da vida real. O pregador deve também ter em mente a regra fundamental de avaliar a capacidade de ouvir e aprender de seus ouvintes. Disse LloydJones: “A principal falha de jovens pregadores é pregar às pessoas conforme o que queremos que elas sejam, em vez de conforme o que elas são”.¹⁵⁰ Existe uma tendência de esquecer que os grandes pregadores sobre quem lemos na preparação do sermão eram de outros tempos, de outra era. LloydJones acautelou que o pregador hoje tem ouvintes que foram ensinados e treinados a ouvir de maneira diferente do mundo moderno. Não podemos pregar alheios ao contexto dos nossos ouvintes. A tarefa do pregador é apresentar o texto de modo tal, que sua relevância seja claramente vista e facilmente aplicada pela congregação.

LloydJones enfatizou com aptidão: “Você não está palestrando; não está lendo um ensaio; está propondo fazer algo definitivo e singular, influenciar

estas pessoas, toda sua vida e seu modo de ver as coisas”.¹⁵¹ Ele ressaltou:

Você não é um antiquário dando uma palestra sobre a história antiga ou civilizações passadas, ou coisas desse tipo. O pregador é alguém que fala a pessoas que vivem hoje e confrontam os problemas da vida atual; portanto, você tem de mostrar que isto não é uma questão acadêmica ou teórica que possa interessar apenas às pessoas que tenham esse passatempo específico. Você precisa mostrar que esta mensagem é de importância vital para elas, e que deverão escutar com todo seu ser, porque isto realmente vai ajudá-los a viver.¹⁵²

INCLUINDO AS ILUSTRAÇÕES

LloydJones acreditava no uso de ilustrações, mas somente de maneira restrita. Ele enfatizava que as ilustrações devem vir com naturalidade ao pregador, sem fazer um esforço para encontrá-las. Desafiou o uso de livros de ilustrações como sendo “uma espécie de abominação. Alguns usam ilustrações para ganhar falsamente a atenção dos seus ouvintes”. Ele chegou a comparar a busca de ilustrações que combinem com o ponto a uma prostituta que atrai alguém por meio de sedução.¹⁵³ É muito melhor, LloydJones disse, usar ilustrações provenientes de seu conhecimento das Escrituras e da história da igreja do que roubá-las dos outros. Além do mais, LloydJones destacava que a ilustração deve ser serva da verdade. O mestre é a doutrina que está sendo ensinada, enquanto a ilustração é a escrava. Pregadores usam, muitas vezes, ilustrações para entreter ou divertir a plateia, em vez de estabelecer o ponto do texto. Ele declarou:

A ilustração é dada para ilustrar a verdade, não para se exibir, não para chamar atenção sobre si—é um meio de conduzir e, às vezes, ajudar as pessoas a verem a verdade que está sendo enunciada, e proclamá-la ainda mais claramente. Portanto, a regra deverá sempre ser que a verdade é preeminente e de suma importância, e as ilustrações têm de ser usadas com parcimônia e cuidado, somente com essa finalidade; a tarefa não é divertir as pessoas. As pessoas gostam de histórias, gostam das ilustrações. Nunca entendi por que, mas as pessoas parecem gostar de pastores que estão sempre falando da própria família. Sempre considero isso maçante, quando estou escutando, e não consigo entender um pregador que gosta de fazer isso. Certamente, há nisso muita vanglória. Por que as pessoas deveriam estar mais interessadas nos filhos do pregador do que nos das outras pessoas? Eles têm seus próprios filhos e poderiam multiplicar tais historietas igualmente bem. Pode ser que isso apresente um “toque pessoal”... Pude ver bem como isso atrai o mais inferior e pior entre os membros da congregação. É total

carnalidade, uma espécie de cobiça e desejo de conhecer detalhes pessoais a respeito das pessoas. Mas o pregador sobe ao púlpito para anunciar e proclamar a própria Verdade. É isso que deve ser destacado, e tudo mais é para ministrar a este propósito. As ilustrações são apenas servas, e devem ser usadas esparsa e cuidadosamente.¹⁵⁴

OFERECENDO CITAÇÕES

LloydJones insistia no uso limitado também de citações no sermão. Arrazoava que as pessoas vêm para ouvir o pregador que está diante delas, não alguém que falou em outra época. Acautelou: “As citações em demasia no sermão se tornam entediantes ao ouvinte e, às vezes, podem ser até ridículas”.¹⁵⁵ O sermão deve ser uma proclamação da verdade de Deus, mediada pelo pregador. As pessoas não querem ouvir uma série de citações do que outras pessoas pensaram e disseram. Vieram ouvir você; você é o homem de Deus, você foi chamado ao ministério, você foi ordenado; e elas desejam ouvir esta grande verdade conforme ela vem de sua boca, por todo o seu ser.¹⁵⁶ O uso de uma longa citação ou longa lista de citações múltiplas deve ser restrito, acreditava LloydJones. O pregador deve pregar de modo a ser ouvida a sua própria voz, não a voz de outro. As pessoas precisam sentir sua preocupação por suas almas. Precisam ver seu desejo pelo crescimento espiritual delas.

ESCREVER A INTRODUÇÃO

A introdução do sermão, de acordo com LloydJones, faz ou desfaz a sua entrega. O começo serve como porta da frente à exposição. Portanto, ela dá a primeira impressão ao ouvinte e deve receber consideração prestimosa. Existem certas características da abertura do sermão que têm de ser compreendidas, antes deste ser escrito corretamente.

Se o sermão fizesse parte de uma série, o Doutor sentia que uma introdução efetiva deveria conter um resumo da exposição anterior. Igualmente, ela deveria indicar as diversas divisões deste sermão em particular, que o ouvinte estaria ouvindo nesta mensagem. LloydJones disse:

Tome alguns minutos no começo do sermão para oferecer breve resumo do que você tem dito anteriormente. Eu enfatizo a palavra “breve”... A tendência de alongar-se ao dar uma sinopse do sermão anterior deve ser firmemente resistida; um resumo, contudo, é essencial para que as pessoas se situem. Ajudará a todos; até mesmo os que frequentam regularmente; para os estranhos que possam vir pela primeira vez, é essencial.¹⁵⁷

Na introdução, LloydJones declarou: “O pregador deve indicar o tema principal e suas diversas divisões em sua introdução geral”.¹⁵⁸ Aqui, o pregador deve abrir o apetite dos ouvintes, criando um desejo para que eles aprendam o que existe nessa passagem. Ao mesmo tempo, ele não deve falar demais e entregar os detalhes principais do que dirá. Se o fizer, o ouvinte ficará entediado durante o próprio sermão. A introdução deve também ser relativamente curta, sem cansar desnecessariamente o ouvinte. Por exemplo, LloydJones disse:

Tenho conhecido sermões que me deixam quase exausto na introdução, e isso faz com que leve muito tempo para eu escutá-los e conhecê-los, para tratá-los corretamente e não deixar que eles me carreguem e fujam comigo. Muitas vezes, tenho conhecido sermões que me levaram para longe já na introdução, que quando chegaram ao que era realmente importante, especialmente ao clímax, descobri que eu já estava cansado, exausto, e não pude fazer jus à questão.¹⁵⁹

Lloyd Jones insistia que o pregador não deveria deixar seus ouvintes exaustos ao mergulhar fundo demais na explicação do texto na introdução, mas oferecer incentivos para que ele escutasse o corpo principal da mensagem, mostrando sua importância ao ouvinte.

ESCREVER A CONCLUSÃO

Com respeito à conclusão, LloydJones reforçava também sua estratégica importância em um bom sermão. Ele disse: “Você tem de terminar num clímax, e tudo deve conduzir até ele, de modo que a grande verdade se destaque e domine tudo que foi dito, e os ouvintes saiam com isso em suas mentes”.¹⁶⁰ O expositor tem de tratar toda conclusão como sua palavra final aos ouvintes. Alguns ouvintes, talvez, nunca mais escutem uma mensagem da Palavra de Deus. O pregador tem de estar plenamente cômico da seriedade dessa oportunidade de expor as Escrituras.

A conclusão é onde o pregador insta com seus ouvintes a agirem com base na verdade que ouviram. De acordo com LloydJones, esta resposta ao sermão não envolve andar até a frente durante um convite. Em vez disso, o resultado desejado depende de uma clara apresentação do evangelho de Cristo, trazendo a verdade do sermão à aplicação na vida de seus ouvintes. No final, o sucesso está nas mãos do Espírito Santo, pois somente ele concede arrependimento e fé. LloydJones afirmava, repetidas vezes, sua dependência do Espírito, ao dizer:

Esta é a obra do Santo Espírito de Deus. A sua obra é completa; é uma obra duradoura; portanto, não devemos ceder à ansiedade exagerada quanto aos resultados. Não estou dizendo que isso é desonesto; estou dizendo que isso é errado. Temos de aprender a confiar no Espírito e depender de sua obra infalível.¹⁶¹

É aqui que a confiança do pregador sempre deve estar. A sua certeza deve estar na atividade soberana do Espírito Santo, que aplica a Palavra ao coração do ouvinte. No final, Deus honrará o homem que honra a sua Palavra.

BUSCANDO A APROVAÇÃO DE DEUS

Enquanto o pregador prepara sua mensagem, é essencial que Deus seja quem dirige o que ele escreve. Muitos pastores desenvolvem sua mensagem com o desejo de ganhar a aprovação dos seus ouvintes. Isso os leva a tornarem-se agradadores de homens, com o sermão a dar cócegas aos ouvidos. LloydJones enfatizou: “Afirmo como axiomático que o banco da igreja jamais deve ditar ou controlar o púlpito”.¹⁶² O pregador tem sempre de agradar a Deus.

LloydJones disse que, quando praticava a medicina, jamais permitiu ao paciente prescrever a receita. Como médico, sabia o que era melhor para quem carecia de cuidados. Assim também era no ministério, para o Doutor. Ele buscava o Senhor em benefício de sua congregação, dando-lhes com amor a verdade que eles necessitavam para a saúde de suas almas. Assim mesmo, todo pregador nesta hora, tem de ser dirigido por Deus, quanto ao que prepara para pregar. Somente aqueles que procuram agradar a Deus serão expositores excelentes.

113. Catherwood, *Chosen by God*, 206.

114. Martyn LloydJones, *Pregação e Pregadores*.

115. Ibid.

116. Ibid.

117. Ibid.

118. Ibid.

119. Ibid.

120. Ibid.

121. Ibid.

122. Ibid.

123. Ibid.
124. Ibid.
125. Ibid.
126. Ibid.
127. Ibid.
128. Ibid.
129. Ibid.
130. Ibid.
131. Ibid.
132. Ibid.
133. Ibid.
134. Ibid.
135. Ibid.
136. Ibid.
137. Ibid.
138. Ibid.
139. Ibid.
140. Ibid.
141. Ibid.
142. Ibid.
143. Ibid.
144. LloydJones, *Inaugural Address*, 12.
145. Ibid.
146. Ibid.
147. LloydJones, *Pregação e Pregadores*.
148. Ibid.
149. Ibid.
150. Ibid.
151. Ibid.
152. Ibid.

153. Ben Bailie, “LloydJones and the Demise of Preaching,” em *Engaging with Martyn LloydJones*, eds. Andrew Atherstone e David Ceri Jones (Nottingham, Inglaterra: InterVarsity, 2011), 166.

154. Ibid. 232–34

155. LloydJones, *Pregação e Pregadores*.

156. Ibid.

157. Ibid.

158. Ibid.

159. Ibid.

160. Ibid.

161. Ibid.

162. Ibid.

Divinamente Focado

Pude ouvir Dr. Lloyd Jones pregar através de Mateus 11. Nunca antes ouvira uma pregação assim, e estava extremamente empolgado. Posso ainda lembrar-me pelo menos do ímpeto da maioria das mensagens... Tudo que sei sobre a pregação posso dizer com sinceridade—na verdade, tenho dito muitas vezes—aprendi pelo exemplo do Doutor naquele inverno.¹⁶³

— J.I. PACKER

Como estudante de vinte e dois anos de idade em Londres, o renomado teólogo J.I. Packer visitava a Capela de Westminster aos domingos à noite para ouvir a pregação de Martyn Lloyd Jones. Esta exposição de primeira mão ao ministério de púlpito de Lloyd Jones veio durante o ano letivo de 1948–49, quando Packer se tornara cristão há apenas quatro anos. O efeito da pregação de Lloyd Jones sobre a vida cristã inicial de Packer foi incalculável. Mais tarde, Packer refletiu sobre esse encontro com a pregação do Doutor:

O pregador era homem pequeno, de cabeça grande e cabelos evidentemente ralos, usando uma disforme toga preta. Sua grande testa em redoma chamava imediatamente a atenção. Ele andava rapidamente até o pequeno púlpito no centro da plataforma, dizia: “Oremos” em voz um tanto espremida, profunda,

de sotaque galês e aumentada pelo microfone, e começava de imediato a pedir a Deus que nos visitasse durante o culto. A mistura de reverência e intimidade, adoração e dependência, fluência e simplicidade em sua oração era notável. Ele possuía um grande dom de oração. Logo estava lendo o capítulo da Bíblia (Mateus 11), com animação e inteligência, em vez de dramaticidade ou lentidão, e no devido tempo ele passava a fazer um sermão de quarenta e cinco minutos... O sermão (como dizemos hoje em dia) me tomou como uma rajada de vento¹⁶⁴.

Packer explica a entrega do sermão desta forma:

O que era especial nele? Era simples, claro, direto, coisa de homem para homem. Era expositivo, apologético e evangelístico em grande escala. Era tanto o desempenho planejado de um magnético orador, quanto o fluir apaixonado, compassivo de um homem que portava uma mensagem vinda de Deus, que conhecia as necessidades de seus ouvintes. Ele trabalhava em direção de um dramático grito rosmento sobre a soberana graça de Deus, alguns minutos antes do final; então, descia a uma persuasão como fazendo uma negociação, chamando almas carentes para vir a Cristo. Era a velha, velha história, mas tinha sido transformada maravilhosamente em algo novo. Saí de lá cheio de alegria, com um senso mais vívido da grandeza de Deus no meu coração do que eu conhecera antes.¹⁶⁵

Lembrando daqueles anos, Packer descreve o poderoso impacto da pregação de Lloyd Jones deste modo: “Nunca ouvi outro pregador com tanto de Deus em seu redor... Em conclusão, ele nos aponta ao Deus de toda graça”.¹⁶⁶ Aqui está a verdadeira grandeza da pregação de Lloyd Jones. Aos que sentavam sob sua força, as suas exposições bíblicas transmitiam um senso do Deus vivo. Longe de ser uma ortodoxia morta, a pregação do Doutor era de alta voltagem, que surgia como uma corrente e poder espiritual transformador da vida, manifestando as maravilhas de Deus.

DEDICADO A DEUS

O poder espiritual transmitido pela pregação de LloydJones vinha de sua própria visão transcendente de Deus. A pregação de nenhum homem subirá mais alto do que a visão que ele possui de Deus. O grande gênio da pregação de LloydJones era baseado em sua forte piedade e conhecimento pessoal de Deus e de sua Palavra. Quanto mais ele exaltava a Deus no púlpito, mais alto as pessoas subiam em sua adoração a Deus. Ele constantemente exaltava a glória de Deus e conduzia seus ouvintes a contemplarem a sua grandeza, seu amor e sua graça.

Em 1969, LloydJones fez uma série de palestras sobre pregação no Seminário Teológico Westminster. Ali, ele afirmou:

A pregação é primeiramente uma proclamação do ser de Deus... a pregação digna desse nome começa com Deus e com uma declaração concernente a seu ser, seu poder e sua glória. Encontramos isso por todo o Novo Testamento. Era precisamente isso que Paulo fez em Atenas—“Ele eu declaro a vós”. “Ele”! Pregava sobre Deus, e contrastava-o aos ídolos, expondo o vazio e a acuidade e inutilidade dos ídolos.¹⁶⁷

A verdadeira pregação bíblica vem diretamente de Deus, afirmava LloydJones, e o pregador é apenas seu mensageiro com o poder do Espírito Santo e sustentado pela fervorosa oração. Era precisamente aqui que ele escolheu enfocar as suas exposições. O Doutor buscava a grandeza de Deus em cada texto, a fim de magnificá-lo sobre tudo mais. Estava constantemente elevando a Deus à prioridade máxima em seu ministério de púlpito. Até mesmo quando ele escutava a pregação de outros, estava disposto a não observar a pregação medíocre ou apresentação desorganizada, se o homem pudesse simplesmente transmitir um

verdadeiro senso da grandeza de Deus. “Posso perdoar um homem por fazer um mau sermão, posso perdoar o pregador por quase qualquer coisa, se ele me der um senso de Deus, se ele me der algo para minha alma, se me der o sentido de que, embora em si mesmo inadequado, ele esteja tratando de algo muito grande e glorioso, se ele me der um vislumbre, pequeno que for, da majestade e glória de Deus, do amor de Cristo, meu Salvador, e a magnificência do evangelho. Se ele o fizer, sou seu devedor, e profundamente grato a ele.”¹⁶⁸ LloydJones cria que o foco do sermão é revelar a Deus. Perguntando a si mesmo: “Qual a principal finalidade da pregação?”, ele respondia sucintamente: “Quero pensar que seja a de dar a homens e mulheres um sentido de Deus e de sua presença”.¹⁶⁹ Esta é a essência do que LloydJones entendia ser a pregação autêntica. Cria ser uma exposição *exaltacional*, ou seja, uma pregação que sempre exalte a Deus.

Em termos simples, LloydJones cria que o primeiro propósito da Palavra de Deus é revelar o Deus da Palavra. Ele cria firmemente que o alvo do púlpito não é focar a cultura ou qualquer causa social específica. Nem o holofote deveria estar sobre o cenário político do dia. Em vez disso, o foco da pregação bíblica deve ser sobre os atributos e atos de Deus. Este foco teocêntrico era inconfundível prioridade do seu ministério de púlpito.

Mais que tudo, aqueles que ouviam a pregação de LloydJones saíam do culto com os corações cheios de fervente louvor a Deus, e humildes à vista de sua santidade. Ele sempre apontava seus ouvintes para cima, para Deus. Ele os exortava:

Não paremos em qualquer benefício que possamos receber, nem mesmo com as maiores experiências que tenhamos gozado. Que procuremos conhecer cada dia mais da glória de Deus. É isso que sempre conduz a uma verdadeira experiência. Nós precisamos conhecer a majestade de Deus, a soberania de Deus, e ter sentido de reverente espanto e maravilha. Conhecemos isto? Há em nossas igrejas um senso de maravilha e espanto?¹⁷⁰

Para LloydJones, o alvo mais elevado da pregação não se encontra na mera transferência de conteúdo intelectual ou em causar um impacto emocional. Essas coisas são importantes, mas são o resultado, não a causa. O alvo da pregação é plantar nas pessoas o conhecimento de Deus, um senso de maravilha por sua divina santidade e um reconhecimento avassalador de seu ardente amor pelos pecadores. Neste sentido, LloydJones via a si mesmo como “líder de culto”. Aquele que faz Deus conhecido ao rebanho, ele afirmava, é aquele que dirige a adoração. Tal título deve ser reservado ao que faz a exposição da Palavra. LloydJones observou: “O alvo de todo nosso culto e todo nosso esforço não deve ser uma experiência particular; não deve ser um pedido por determinadas bênçãos—deve ser de conhecer o próprio Deus—o doador, não o dom, a fonte e origem de toda bênção, não a própria bênção”.¹⁷¹ Este era o efeito essencial que ele procurava instilar em seus ouvintes. A exposição sempre deve conduzir à adoração. Depois de ouvir a pregação de LloydJones, um ouvinte, Leigh B. Powell, ficou dominado pela grandeza de Deus. Ele declarou que não se poderia ousar respirar por medo de perder uma palavra que magnificasse ao Todo-Poderoso. Descrevendo essa pregação centrada em Deus, Powell declarou:

O seu coração buscava apaixonadamente esta manifestação da glória de Deus. Ele ansiava ver o fogo descer sobre o altar de sua pregação—aquela unção celestial que convence todos os homens que Deus está no meio do seu povo—e isso para abençoar. Às vezes, com frequência perto do final do sermão, ele parecia pairar, esperar algo acontecer. Às vezes, o vento do Espírito vinha e nos impelia, a ele e a nós, e montávamos com asas, como águias na tremenda e sentida presença de Deus.¹⁷²

É óbvio que LloydJones desejava ser grandemente usado por Deus, cheio do poder do Espírito Santo, de tal forma que o efeito de sua pregação

não fosse devido a suas próprias palavras persuasivas ou planos, mas ao poder do Espírito. O seu desejo era mostrar às pessoas o radiante amor de Deus, que penetra o mais profundo pecado e resgata o pecador que estava a caminho do inferno. Ele cria que a pregação tem seu início com quem Deus é e, então, prossegue para o homem. Não pode começar com o homem para, então, ir até Deus. É em ver primeiro a Deus que o homem consegue ver a si mesmo corretamente. Só então poderá entender quais são suas verdadeiras necessidades. Só no conhecimento de Deus o indivíduo pode ver como deve viver. Portanto, LloydJones estava convencido que toda pregação tem, primeiro e principalmente, de reconhecer a preeminência de Deus. Toda a mensagem da Bíblia, LloydJones via, começa e termina com Deus. A Bíblia é muito mais do que um manual de instrução para se viver uma boa vida. A Palavra de Deus é, primeira e principalmente, uma apresentação da tremenda majestade de Deus. Ele exclamou:

É um pensamento avassalador: temos a Bíblia aberta diante de nós e ainda temos a tendência de basear nossas ideias de doutrina em nossos próprios pensamentos, em lugar da Bíblia. A Bíblia sempre começa com Deus Pai; e nós não devemos começar em nenhum outro lugar, nem com qualquer outra pessoa.¹⁷³

Se um expositor começar com outra ênfase que não o próprio Deus, o sermão certamente se desviará. Começando com o primeiro versículo da Bíblia, a mensagem da Escritura é a apresentação dos atributos e atos de Deus. LloydJones insistia: “A Bíblia começa com Deus; lembre-se que sua primeira declaração de abertura realmente nos diz tudo: “No princípio Deus...”. O conhecimento de Deus é, em fim, a soma de todas as outras doutrinas; não há sentido, não há significado ou propósito, em qualquer outra doutrina a partir desta grande, central, que a tudo inclui, doutrina do

próprio Deus. Não há razão para considerar a doutrina da salvação, nem a doutrina do pecado, a não ser que tenhamos começado com a doutrina de Deus.¹⁷⁴

Para LloydJones, o mandado da Escritura é revelar a Deus. Todas as demais doutrinas são vistas e compreendidas melhor à luz do conhecimento correto de Deus. Teologia em si—o estudo do próprio Deus—é o paradigma máximo pelo qual se vê todas as outras áreas da teologia. A não ser que a majestade de Deus seja prioridade em cada púlpito, as outras doutrinas serão percebidas erroneamente pelo ouvinte. Portanto, LloydJones cria que Deus tinha de estar no começo, no meio e no fim de toda pregação.

DEDICADO À SANTIDADE DE DEUS

A pregação de Deus tem de começar com a exposição da absoluta santidade de Deus. LloydJones disse que todas as outras áreas da verdade têm de ser vistas à luz deste divino atributo. Nenhum outro aspecto do caráter de Deus tem precedência sobre esta verdade fundamental. Deus é santo, absolutamente perfeito em seu ser e seus atos. LloydJones asseverou: “A Bíblia nos ensina em toda parte que Deus é santo, e uma parte da manifestação dessa santidade é seu ódio ao pecado e sua separação do pecado, dos pecadores e de tudo que é mau”.¹⁷⁵ O Doutor destacou que Deus é grande e exaltado, transcendente, moralmente inculpável, sem mácula, e separado dos pecadores. Este deve ser o lugar em que toda a pregação começa. LloydJones cria que a primazia da santidade divina tem de ser constantemente declarada do púlpito. O conhecimento da santidade de Deus é necessário para revelar a pecaminosidade do homem e sua justa condenação por Deus. A santidade de Deus, ele insistia, deve ser a causa de um temor saudável, reverente diante de Deus. Ele escreveu:

O propósito da revelação bíblica da santidade de Deus é nos ensinar como nos aproximarmos dele. Não é mero conhecimento teórico que se pede que apreendamos com nosso entendimento. O seu propósito é muito prático. Nas palavras do autor da epístola aos Hebreus, devemos nos aproximar de Deus “com reverência e santo temor” (Hebreus 12.28). Ele deve sempre ser buscado desde modo, onde quer que estejamos, quando sozinhos em um quarto, ou quando nos reunimos como família para orar, ou quando estamos em culto público, Deus é sempre Deus e sempre deverá ser buscado “com reverência e temor piedoso”.¹⁷⁶

O conhecimento da santidade de Deus, LloydJones afirmava, oferece aos ouvintes profunda consciência de seu próprio pecado. Ele declarou: “Nunca se terá conhecimento do pecado a não ser que se tenha verdadeiro entendimento sobre a santidade de Deus”.¹⁷⁷ A pregação da santidade divina torna real o conhecimento do pecado e arrebatava a alma diante de Deus. O púlpito deverá igualmente apresentar a única base pela qual o homem pecador possa se aproximar de Deus. É pelo reconhecimento da divina santidade que torna necessária a expiação de Cristo. LloydJones exclamou: “A santidade de Deus nos mostra a absoluta necessidade da expiação... Sem derramamento de sangue não há remissão do pecado, pois a santidade de Deus insiste nisso, exige uma expiação pelo pecado”.¹⁷⁸ Noutras palavras, a santidade de Deus demanda a cruz. LloydJones refutava aqueles que escolhiam começar sua pregação com o amor divino. Ele tratou de suas objeções, quando perguntou: “Por que – alguém pergunta – é tão vital começar com Deus e não conosco mesmo; por que começar com Deus e não com as nossas opiniões? Por que tenho de estar sintonizado com essa revelação? Por que tenho de começar com a santidade de Deus e não com seu amor?”.¹⁷⁹ Esta é uma pergunta decisiva em qualquer ministério de púlpito. Ao responder esse desafio liberal, LloydJones disse: “Permita que eu dê algumas respostas. Eu sugiro que, se você não começa com a santidade de Deus, nunca entenderá o plano de Deus de salvação, onde tal salvação só nos é possível mediante a morte de nosso Senhor Jesus Cristo na cruz, no monte do Calvário”.¹⁸⁰ Para isto, LloydJones explicou por que a cruz é absolutamente necessária. Não existe outro caminho para pecadores ímpios encontrarem aceitação em um Deus santo. Ele continuou:

Mas surge a questão: por que essa cruz seria essencial, por que seria o único caminho pelo qual o homem pode ser salvo? Se Deus fosse somente amor, compaixão e misericórdia, a cruz certamente não teria sentido, pois se Deus é

amor somente, tudo que ele precisa fazer, quando o homem peca, é perdoá-lo. Mas toda a mensagem é que a cruz está no centro, e sem essa morte, Deus, e digo isso com reverência, não pode perdoar.¹⁸¹

Deixar de apresentar a santidade de Deus é despir a cruz de Cristo de seu verdadeiro significado. Ele continuou:

É a santidade de Deus que demanda a cruz; assim, sem começar pela santidade, não existe significado na cruz. Não é de surpreender que a cruz tenha sido descartada pelos teólogos modernos; é porque eles começam pelo amor de Deus desprovido de sua santidade. É porque eles esqueceram da vida de Deus, de sua vida santa, de que tudo nele é santo. Com Deus, o amor e o perdão não são coisas de fraqueza e concessão. Ele só pode perdoar o pecado conforme o fez de modo todo santo, e isso se deu quando Cristo morreu sobre a cruz.¹⁸²

Se Deus não for santo, argumenta LloydJones, a cruz é desnecessária e não tem poder de perdoar os pecados. Negar o alto terreno da divina santidade é roubar da cruz o seu poder salvador. Nenhum expositor pode pregar com justiça sobre o amor de Deus, sem primeiro expor a sua santidade. A partir desse fundamento, LloydJones não se abalava. Nenhum pregador pode proclamar o evangelho com poder de conversão, sem primeiro estabelecer a santidade de Deus. LloydJones conclui, afirmando:

Portanto, é essencial começar com a santidade de Deus. De outra forma, o plano da redenção, o esquema da salvação se torna sem significado e não vemos razão ou propósito em algumas das doutrinas centrais da fé cristã. Mas, se começo pela santidade de Deus, vejo que a encarnação tem de acontecer, a cruz é absolutamente essencial, e a ressurreição e descida do

Espírito Santo começam no lugar certo. Como é vital que sejamos dirigidos pela verdade e não por nossas próprias ideias.¹⁸³

Resistindo ao liberalismo prevalecente, LloydJones cria que, quando o pregador contende pela santidade de Deus, todas as demais doutrinas encontram seu lugar certo. A pureza transcendente de Deus brilha fortemente e coloca todas as outras verdades na luz correta. O dever principal de todo pregador, LloydJones acreditava, é proclamar a santidade de Deus. Somente então é que ele verá seu pecado e sentirá sua condenação diante de Deus. Somente então é que ele conseguirá apreender a necessidade da cruz. Somente então é que ele perceberá sua premente necessidade da justiça de Cristo. Sem entender a santidade de Deus, LloydJones cria que as doutrinas da salvação não podem ser entendidas. É o ponto de partida para a pregação do evangelho. LloydJones disse:

Nosso negócio, nosso trabalho, nosso primeiro chamado é declarar, de modo certo e inequívoco, a soberania, a majestade e a santidade de Deus; a pecaminosidade e total depravação do homem, e sua total incapacidade de salvar e resgatar a si mesmo; e a morte sacrificial, expiatória de Jesus Cristo, o Filho de Deus, na cruz do Calvário, e sua gloriosa ressurreição, como único meio e única esperança para a salvação humana.¹⁸⁴

DEDICADO À GLÓRIA DE DEUS

Além do mais, LloydJones insistia que o pregador tem de proclamar a glória de Deus. Ele define a glória de Deus como sendo “a natureza essencial de Deus; aquilo que faz com que Deus seja Deus”.¹⁸⁵ A glória de Deus é a soma e substância de quem é Deus. Ninguém pode acrescentar nada à glória intrínseca de Deus. Nem pode alguém tirar nada da sua glória. A glória de Deus nunca aumenta nem diminui. Para sempre ela é a mesma. Acerca desta verdade, LloydJones notou:

Se há um termo que descreve a Deus mais que qualquer outro, é este termo “glória”. Inclui beleza, majestade, ou melhor, esplendor. Também inclui a ideia de grandeza, poder e eternidade. Todos esses termos estão inclusos neste termo único: “glória”. Não podemos ir além disso.¹⁸⁶

LloydJones acreditava que a responsabilidade do pregador é proclamar a glória de Deus, que se demonstra “em tudo que Deus faz”.¹⁸⁷ Pregar a Deus demanda a pregação de sua glória na criação, história e salvação. LloydJones afirmava: “No Senhor Jesus Cristo vemos a glória de Deus em sua maior altura”.¹⁸⁸ Acrescentou: “Quando o Filho de Deus veio ao mundo, acima de tudo o mais, ele estava revelando a glória de Deus. ‘E vimos a sua glória’ (João 1.14)”.¹⁸⁹ Consequentemente, este expositor de Westminster contendia: “Temos de enfatizar que nossa salvação é a maior e mais alta manifestação da glória de Deus”.¹⁹⁰ Pregar a glória de Deus é proclamar o evangelho da graça. A principal responsabilidade do pregador é pregar a glória de Deus na cruz de Cristo. Expor a glória de Deus é apresentar o seu esplendor no púlpito. O alvo mais alto da pregação é

demonstrar a grandeza de Deus na salvação comprada por Jesus Cristo e ofertada gratuitamente aos pecadores.

O ASSUNTO INESGOTÁVEL

LloydJones sabia que um pregador nunca conseguiria exaurir um assunto tão vasto quanto a glória infinita de Deus. Nem mesmo a congregação se cansará de ouvir sobre sua majestade incomparável. LloydJones exclamou: “Conforme eu entendo o ensino da Bíblia, e isto parece inevitável pela natureza e ser de Deus, a glória de Deus é tema que ocupará o povo de Deus pelos séculos sem fim da eternidade”.¹⁹¹ Nas eras por vir, é sobre a glória de Deus que os crentes enfocarão sua atenção e adoração. Nenhum pregador conseguirá sondar a profundidade desse assunto inexaurível. Pregar Deus envolve um ensino tão vasto, que ele nunca poderá ser totalmente descoberto. Assim, LloydJones contendia que o foco da pregação teria de priorizar a proclamação de quem Deus é, em vez do que ele pode nos dar. Nesta questão, LloydJones acreditava também que o pregador não deveria investir todos os seus esforços em explicar a existência de Deus em face de um mundo descrente. Em vez disso, deveria focar seus esforços em declarar o ser glorioso de Deus. Ele afirmou: “A Bíblia não discute a existência de Deus; ela a declara. A Bíblia não oferece provas da existência de Deus; ela a pressupõe”.¹⁹² Quando LloydJones subia ao púlpito, ele se entregava à proclamação da grandeza de Deus. Não deve ser de admirar que Deus o tenha revestido de tanto poder em sua pregação.

163. Murray, *The Fight of Faith*, 188

164. D. Martyn LloydJones, *The Heart of the Gospel* (Wheaton, Ill: 1999) 7-8

165. Ibid. 8.

166. Murray, *The Fight of Faith*, 325.

167. LloydJones, *Pregação e Pregadores*.

168. Ibid.
169. Ibid.
170. D. Martyn LloydJones, *Os Puritanos, suas origens e seus sucessores* (São Paulo, SP: PES, 1993) *apud*
171. LloydJones, *Great Doctrines*, 50.
172. Catherwood, *Chosen by God*, 87.
173. D. Martyn LloydJones, *God's Ultimate Purpose: An Exposition of Ephesians 1:1–23* (Grand Rapids, Mich.: Baker, 1978), 82.
174. LloydJones, *Great Doctrines*, 47.
175. Ibid. 69.
176. Ibid. 71.
177. Ibid.
178. Ibid. 72.
179. D. Martyn LloydJones, *Life in Christ: Studies in 1 John* (Wheaton, Ill.: Crossway, 2002), 101.
180. Ibid.
181. Ibid.
182. Ibid.
183. Ibid.
184. LloydJones, “The Return to the Bible”, 11.
185. LloydJones, *God's Ultimate Purpose*, 130.
186. Ibid.
187. Ibid.
188. Ibid. 133.
189. Ibid. 131.
190. Ibid. 132.
191. LloydJones, *Great Doctrines*, 48.
192. Ibid.

Doutrinariamente Fundamentado

*Não havia nada que interessasse mais a Martyn LloydJones do que a teologia. Era sua paixão cativante e a chave para o entendimento, não apenas de suas preferências mentais e intelectuais, como também da maneira que pregava e vivia.*¹⁹³

— PHILIP EDGCUMBE HUGHES

Desde o início de seu ministério, Martyn LloydJones tinha compromisso com a espécie de pregação expositiva que ele descrevia como sendo “teologia em chamas”.¹⁹⁴ Ele era inflexível em sua afirmação de que a verdadeira pregação tem de ser pregação doutrinária. LloydJones perguntou: “O que é a pregação?” Ele mesmo respondeu: “É teologia em chamas. E uma teologia que não pega fogo, insisto, é defeituosa, ou pelo menos o entendimento do homem dessa teologia é defectivo. A pregação é a teologia vinda através de um homem que está pegando fogo”.¹⁹⁵ Cada sermão, ele insistia, tem de apresentar verdades doutrinárias específicas, que são demonstradas em um texto da Escritura. Falando de maneira simples, a pregação bíblica tem de ser uma exposição teologicamente fundamentada. Neste ponto, LloydJones afirmou: “A pregação tem de ser sempre teológica, sempre com base num fundamento teológico... Não existe um tipo de pregação que não deva ser teológica”.¹⁹⁶ Com impelidora percepção, ele explicou: “Não se pode tratar corretamente do

arrependimento sem tratar a doutrina do homem, a doutrina da queda, a doutrina do pecado e da ira de Deus contra o pecado”.¹⁹⁷ Cada doutrina da Escritura é inseparavelmente ligada a uma outra doutrina. A pregação tem de ser dirigida ao ensino daquilo que ele chamava de “certezas doutrinárias”¹⁹⁸, que unificam a Bíblia toda em um único corpo coerente de verdade.

LloydJones não chegou a tais convicções teológicas independentemente de ajuda externa. Foi grandemente influenciado pelos puritanos—a quem, diferente de seus críticos, ele realmente lia. Ele leu todo o *Diretório Cristão* de Richard Baxter e muitos volumes de John Owen. O espírito do Puritanismo, LloydJones acreditava, podia ser traçado desde William Tyndale até John Knox, de Knox até John Owen, e de Owen até Charles Spurgeon. Foi esse espírito da centralidade da Palavra de Deus que impeliu este pregador de Gales. O arcabouço teológico de LloydJones foi também firmado, em grande parte, pelo pastor da colônia norte-americana, Jonathan Edwards. Certo dia, no início de 1929, LloydJones tinha tempo de sobra enquanto esperava um trem em Cardiff e, assim, ele visitou o sebo de John Evans. “Ali”, disse ele, “de joelhos com minha sobrecasaca no canto daquela loja, encontrei a edição em dois volumes de 1834 de Edwards, que comprei por cinco *shilings* (moeda que valia um vigésimo da libra esterlina). Eu devorei esses volumes e literalmente os li repetidamente. É certo que estas leituras me ajudaram imensamente”.¹⁹⁹ Nos anos seguintes, LloydJones voltava para Edwards em busca de instrução e edificação, vez após vez. Até mesmo encorajou os jovens pregadores a lerem e estudarem as palavras de Edwards:

Posso simplesmente testemunhar que, em minha experiência, a ajuda derivada da leitura dos sermões de Jonathan Edwards, em meus primeiros anos de ministério, foi imensurável. É claro, não apenas os seus sermões, como também o seu relato daquele Grande Despertamento, o grande avivamento religioso que ocorreu na América no século XVIII, e seu grande

livro, *The Religious Affections*—tudo isso foi extremamente valioso, porque Edwards era especialista em tratar dos estados e das condições da alma. Ele lidava de modo muito prático com os problemas que surgiam num ministério pastoral, entre pessoas que estavam passando pelas diversas fases da experiência espiritual. Isto é de grande valor para o pregador.²⁰⁰

LloydJones acreditava que Edwards tinha a mensagem mais relevante para a presente condição do cristianismo. Edwards especialmente influenciou sobre a visão de avivamento que LloydJones tinha. Edwards era “preeminentemente o teólogo do avivamento, o teólogo da experiência, ou, como alguns colocaram, o *teólogo do coração*”.²⁰¹

O que estimulou a LloydJones, quanto a Edwards, foi seu “poderoso intelecto”, junto a seu conhecimento sem paralelos das “operações do coração humano, regenerado e não regenerado”.²⁰² Edwards era “singular”, “superlativo” e “preeminentemente ‘o’ especialista”, em sua análise da experiência espiritual do indivíduo e da comunidade. “Se quiser conhecer qualquer coisa sobre o avivamento”, LloydJones insistia, “Edwards é o homem a se consultar. O seu conhecimento do coração humano e da psicologia da natureza humana é realmente incomparável”.²⁰³

Naturalmente, LloydJones fez paralelos entre o pensamento e a experiência de Edwards e a dos Metodistas Calvinistas Galeses. Um paralelo era quanto ao novo hinário de William Williams, que surgiu em Gales, em 1763; LloydJones notou que “quando as pessoas começaram a cantar essas grandes expressões de teologia rompeu-se um avivamento”.²⁰⁴ O que era significativo quanto a Williams, como escritor de hinos que estimulavam o avivamento, era que ele combinava os grandes temas teológicos, tomados e versificados por Isaac Watts, com a rica experiência encontrada nos hinos de Charles Wesley. De acordo com LloydJones, esta combinação fazia parte da genialidade do metodismo calvinista. LloydJones defendia que o Metodismo Calvinista Galês não era

apenas uma continuação do Puritanismo, mas o novo elemento era o “aspecto de avivamento”. À luz disso, LloydJones sugeriu que “Jonathan Edwards deveria ser chamado de metodista calvinista”.²⁰⁵ Se Edwards se caracterizaria dessa forma não é exatamente o ponto. O que importava era que, para Edwards—que, segundo LloydJones, foi o deão dos pensadores teológicos—a religião era aquilo que “pertence essencialmente ao coração”.²⁰⁶

Como resultado da influência dos Puritanos, Edwards e outros, a posição doutrinária do Doutor foi formada por forte teologia bíblica, cheia de zelo e paixão pelo evangelho. Este fogo acendeu sua pregação e deu forma a como ele via a pregação. Teologia, para LloydJones, era o fósforo que acendia a chama no púlpito.

A ESPINHA DORSAL DA PREGAÇÃO

Consequentemente, LloydJones entendia que a pregação bíblica necessita que o pregador tenha um entendimento estratégico da teologia sistemática: “Para mim, não há nada mais importante em um pregador do que seu conhecimento e boa fundamentação na teologia sistemática. Esta teologia sistemática, este corpo da verdade derivado da Escritura, deve estar sempre presente como pano de fundo, bem como influência controladora em sua pregação”.²⁰⁷ Para LloydJones, a teologia que percorre toda a Bíblia forma a espinha dorsal da Escritura. Portanto, ela tem de ser a espinha dorsal de sua pregação. Ele sabia que cada passagem individual que expunha deveria ser provada pela analogia da Escritura—ou seja, seu ensino tinha de estar alinhado com o restante do que a Escritura ensina.

Iain H. Murray explana, em sua biografia, que LloydJones via o propósito da pregação expositiva como “não simplesmente dar o correto sentido gramatical de um versículo ou uma passagem. Mais do que isso, trata-se de apresentar os princípios ou doutrinas que as palavras intentam transmitir. A verdadeira pregação expositiva é, portanto, pregação doutrinária, é a pregação que trata de verdades específicas, vindas de Deus até o homem”.²⁰⁸ Quando um pregador não ensina a doutrina de uma passagem, o seu sermão deixa de ser canal do poder divino para o ouvinte. Assim, asseverou LloydJones, “O propósito de estudar a Escritura é chegar à doutrina”.²⁰⁹ Apresentar a teologia da passagem bíblica estudada, LloydJones insistia, é essencial para alcançar o efeito desejado do sermão.

A AVERSÃO MODERNA À TEOLOGIA

LloydJones reconhecia que, a despeito da necessidade da teologia na pregação, existia uma resistência a isso na igreja moderna. Ele declarou:

Vivemos numa era em que não ouvimos muito sobre doutrinas, e existem algumas pessoas que são tolas a ponto de dizer que não gostam delas, o que me parece ser uma atitude patética e lastimável. Palestras ou sermões sobre as doutrinas bíblicas eram outrora muito comuns, mas se tornaram comparativamente incomuns, especialmente durante o presente século.²¹⁰

O Doutor lamentou a confusão na igreja acerca de sua própria crença. Ele enfatizou: “Há uma ausência de doutrina, uma falta de definição clara e disposição em permitir que qualquer pessoa diga qualquer coisa que quiser”.²¹¹ Para reverter este declínio, LloydJones asseverou:

Isto quer dizer que nunca houve um tempo em que fosse mais urgentemente necessário que os cristãos considerassem juntos as doutrinas da Bíblia. Temos de conhecer o chão onde estamos, e sermos capazes de resistir todo inimigo que venha nos atacar, todo adversário sutil, toda trama usada pelo diabo, que vem travestido de “anjo de luz” para destruir nossas almas.²¹²

Iain Murray escreve: “Ele passou a ver o fracasso dos evangélicos em reconhecer a importância da doutrina como uma grande fraqueza”.²¹³ Foi assim que LloydJones passou a ver a igreja antes da Segunda Guerra Mundial:

O pensamento preciso, a definição e o dogma têm estado em sério descrédito. Toda a ênfase está sobre a religião como um poder para realizar coisas para nós, para nos fazer felizes. O lado emocional e de sentimento na religião tem tido ênfase exagerada, às expensas do intelectual. Com demasiada frequência, as pessoas pensam nela [na religião cristã] apenas como algo que dá uma série constante de livramentos miraculosos de toda espécie de males.... A impressão que se tem, muitas vezes, é que é só pedir a Deus por qualquer coisa que porventura precisamos, e seremos satisfeitos... Os grandes princípios, o poderoso pano de fundo, o conteúdo intelectual e teológico de nossa fé não têm sido enfatizados, e, na verdade, muitas vezes têm sido descartados como sendo de pouca importância.²¹⁴

VOLTANDO À SÃ DOUTRINA

A congregação tem de ser ensinada a sã doutrina do púlpito, acreditava LloydJones. De outra maneira, estarão suscetíveis a sérios erros. LloydJones disse: “Não basta apenas dar às pessoas uma Bíblia aberta. Gente perfeitamente sincera, homens e mulheres autênticos podem ler este livro e afirmar coisas que estão muito erradas. Temos de definir nossas doutrinas”.²¹⁵

Desde o começo do seu ministério, o Doutor era comprometido, sem se envergonhar disso, ao ensino fiel da teologia. Ele afirmou: “Para ler corretamente a minha Bíblia, eu tenho de considerar a doutrina”.²¹⁶ Ele acreditava que as verdades doutrinárias tinham de ser pregadas, a fim de fazer uma exposição correta da Escritura. Quanto à pregação dos Apóstolos, ele declarou: “Seu modo de pregar era proclamar a doutrina”.²¹⁷

LloydJones cria que a exposição devia conter o tipo de teologia profunda que magnifica a glória de Deus. Ele disse: “É nossa responsabilidade enfrentar as Escrituras. Uma vantagem de pregar através de todo um livro da Bíblia, conforme nós propomos, é que isso nos compele a enfrentar cada declaração, vinda como vier, e ficar em pé diante dela, examiná-la e permitir que ela fale a nós”.²¹⁸ Ele acreditava que qualquer estudo cuidadoso, iluminado pelo Espírito da Bíblia, revela verdades teológicas que devem ser pregadas.

LloydJones cria firmemente que a verdadeira pregação requer que as verdades doutrinárias de um texto sejam expostas. Ele declarou: “A grande pregação sempre depende dos grandes temas. Os grandes temas sempre produzem grandes palestras em qualquer âmbito, e isto é especialmente verdade, claro, dentro do âmbito da Igreja. Enquanto os homens criam nas Escrituras como autoritária Palavra de Deus, e falavam com base nesta autoridade, tinha-se grandes pregações”.²¹⁹ Porém, quando a igreja

abandonou a certeza teológica, o púlpito imediatamente perdeu seu poder. Ele explicou:

Uma vez que isso sumiu, os homens começaram a fazer especulações, e teorizações, e apresentar hipóteses, e assim por diante. Então, a eloquência e grandeza da palavra falada inevitavelmente diminuiu e começou a esvanecer. Não se pode realmente tratar de especulações e conjecturas, do mesmo modo que a pregação anteriormente tratava de grandes temas das Escrituras. Mas, à medida que a crença nas grandes doutrinas da Bíblia começava a se apagar, e sermões eram substituídos por palestras éticas, edificações morais e conversas sociopolíticas, não é de surpreender que houvesse um declínio na pregação. Eu sugiro que esta seja a primeira e maior causa deste declínio.²²⁰

Se a igreja desejava ser forte, LloydJones cria que o pregador tinha de entregar a teologia abrangente da Bíblia. É isso que Paulo queria dizer com “todo o conselho de Deus” (At 20.27). Ele enfatizava que o pregador tem de ser bem-versado em teologia bíblica, que, por sua vez, conduz à teologia sistemática... Este corpo de verdades, que é derivado da Escritura, deve sempre estar presente como pano de fundo e influência controladora na pregação”.²²¹ Como o médico tem de conhecer a medicina, ele acreditava que o pregador tem de conhecer a sã doutrina. LloydJones era bem-versado na teologia sistemática, e esse conhecimento dava-lhe acurácia e poder em sua pregação.

Quando LloydJones expunha uma passagem, ele nunca o fazia de modo frio e clínico. A teologia devia sempre acender o coração, tanto do pregador quanto do ouvinte. A teologia tem de ser fundamental para todo sermão. Ele explicou: “Quando você chama os homens a Cristo, para se entregarem a ele, como você pode fazê-lo, senão conhecendo quem Deus é, e em que base você os convida a se entregarem a ele, e assim por diante? Noutras palavras, é tudo altamente teológico”.²²²

Lloyd Jones também ressaltava a importância da teologia bíblica, que é a base para a teologia sistemática. Ele continuou: “O pregador tem de ser bem-versado na teologia bíblica, que por sua vez conduz à teologia sistemática”.²²³ O expositor tem de conhecer o arcabouço teológico de toda a Bíblia. Para Lloyd Jones, cada verdade da teologia é como um elo numa corrente que percorre toda a Escritura. Ele disse:

A doutrina de um texto específico, temos de nos lembrar sempre, faz parte de um todo maior—a Verdade ou a Fé. Este é o significado da frase “comparando Escritura com Escritura”. Não devemos tratar qualquer texto isoladamente; toda nossa preparação de um sermão deve ser controlada por este pano de fundo da teologia sistemática.²²⁴

O que separava Lloyd Jones da maioria dos pregadores de seus dias era seu foco na verdade doutrinária. Era essa também a principal diferença entre Lloyd Jones e seu precursor na Capela de Westminster, G. Campbell Morgan. O pregador mais velho era mais devocional, preferindo entregar grandes observações e amenidades em sua pregação, enquanto Lloyd Jones dava atenção muito maior à teologia. Porém, Lloyd Jones cria firmemente: “A exposição tem de conduzir os ouvintes às certezas doutrinárias”.²²⁵ Consequentemente, ele era dedicado à pregação da sã teologia de cada passagem diante dele.

O FUNDAMENTO DE SUA TEOLOGIA

Lloyd Jones cresceu ouvindo pregação doutrinária. Ele fora membro da Igreja Galesa Calvinista Metodista, primeiro no País de Gales, depois em Londres. Sua teologia foi influenciada pelo “calvinismo experiencial” dos puritanos ingleses e americanos, que o fez herdeiro dos grandes pregadores calvinistas de gerações anteriores. Murray nota: “Quando as pessoas tentam explicar o que distinguia Lloyd Jones em termos de suas convicções, geralmente o faziam em termos do “calvinismo”.²²⁶ Quando lhe perguntaram, certa vez, o que distinguia a sua pregação da de tantos outros, Lloyd Jones disse que havia lido livros diferentes deles. Com isso, queria dizer que havia se imergido deliberadamente nos escritos dos puritanos de mente reformada, os quais eram teologicamente precisos em seu tratamento da Escritura.

Em palestra no Seminário Teológico de Westminster, ele confessou que todo seu ministério tinha sido dominado pelas obras dos puritanos.²²⁷ Acrescida a esta influência havia a dívida de Lloyd Jones ao Avivamento Evangélico em Gales, na Inglaterra e na Escócia, no século XVIII. Ele se considerava um “homem do século dezoito” que vivia em outro mundo. Ele declarou: “Faço grande distinção entre a pregação dos puritanos e a pregação dos homens do século XVIII. Eu mesmo me considero um homem do século XVIII, não do século XVII; mas creio no uso dos homens do século XVII, como os homens do século XVIII os usavam”.²²⁸

Aqui, ele queria dizer que abraçava a teologia reformada dos puritanos do século XVII, mas quando pregava, ele o fazia do modo ardente dos líderes do Grande Despertamento nas colônias, e o Avivamento Evangélico da Grã-Bretanha do século XVIII. Sendo assim, erramos quando tentamos explicar a pregação evangelística de Lloyd Jones apenas comparando-o aos

puritanos. Ele via os puritanos principalmente através dos olhos dos homens do Avivamento Evangélico.

Os exemplos de George Whitefield, John e Charles Wesley, Daniel Rowland, e Howell Harris eram muito mais significativos para LloydJones do que os próprios puritanos.²²⁹ Ele nasceu em uma região de Gales onde o metodismo calvinista teve poderosa influência em acender o Avivamento Evangélico. O vilarejo de Llangetho, onde LloydJones cresceu, tinha uma estátua de Daniel Rowland próxima à Capela Metodista Calvinista. Quando LloydJones foi pastor da igreja metodista calvinista em Aberavon, ele organizou excursões para homens de sua igreja visitarem esta estátua e outros marcos do Avivamento Metodista Galês. A sua esperança era ver outro avivamento romper nas chamas de uma pregação tão poderosa como as daquele tempo. LloydJones modelava a sua pregação segundo esses pregadores itinerantes metodistas calvinistas.

A influência desses pregadores metodistas calvinistas começou quando LloydJones era ainda adolescente e seu professor de história pôs em seu bolso um livreto. Era sobre o ministério de Howell Harris, grande evangelista galês do século XVIII. Esse livro eventualmente contribuiu para a sua conversão, mas mais que isso, ele imprimiu uma forte visão em seu coração sobre como deveria ser a pregação evangélica. No decorrer de todo seu ministério, a teologia e metodologia desses primeiros metodistas calvinistas permaneciam, para ele, como padrão para a proclamação da Palavra de Deus.

ENFRENTANDO A ESCRITURA

O conselho de LloydJones aos pregadores é o seguinte: “Nosso primeiro chamado é entregar a mensagem toda, *todo conselho de Deus*.”²³⁰ Ele acreditava que o pregador tinha de ser completamente consagrado a um entendimento teológico pleno da Escritura, a fim de proclamar a Deus. Sentia que o pregador deveria conhecer bem os princípios da teologia. Portanto, a teologia era o firme fundamento de sua pregação. Ele declarou:

As doutrinas da Bíblia não são assunto para apenas serem estudadas; pelo contrário, deveríamos desejar conhecê-las a fim de que, em as conhecer, não sejamos “inchados” pelo conhecimento, animados com nossa informação, mas que nos aproximemos mais de Deus em adoração, louvor, e culto, porque vimos, de maneira mais plena do que antes enxergávamos, a glória de nosso maravilhoso Deus.²³¹

LloydJones não via a teologia como um fim em si mesmo. Em vez disso, o fim da teologia é a grandeza e maravilha de Deus. Os expositores devem estudar teologia para conhecer a Deus, a fim de que se percam em maravilha, amor e louvor. Teologia, para o Doutor, jamais é fria, seca ou dura. É vibrante, transformadora de vida, e causa mudanças quando proclamada na autoridade da Escritura. Que estudemos com afincamento a teologia, a fim de conhecermos a Deus, para que outros venham a conhecê-lo melhor.

193. Philip Edgcumbe Hughes, “The Theologian” em Catherwood, *Chosen by God*, 162.

194. LloydJones, *Pregação e Pregadores*.

195. Ibid.

196. Ibid.
197. Ibid.
198. Iain H. Murray, *John MacArthur: Servant of the Word and Flock* (Edimburgo, Escócia: Banner of Truth, 2011), 28.
199. Murray, *The First Forty Years*, 253–54.
200. LloydJones, *Pregação e Pregadores*.
201. LloydJones, *Os Puritanos, suas origens e seus sucessores*.
202. Ibid.
203. Ibid.
204. Ibid.
205. Ibid.
206. Ibid.
207. LloydJones, *Pregação e Pregadores*.
208. Murray, *The Life of Martyn LloydJones*, 261.
209. D.Martyn, *Lloyd Jones, Faith on Trial* (Clover, S.C.: Christian Heritage, 2008), 88.
210. LloydJones, *The Christ-Centered Preaching of Martyn LloydJones*, 107.
211. LloydJones, *Great Doctrines*, 9.
212. Ibid.
213. Iain A.Murray, *Messenger of Grace* (Edimburgo, Escócia: Banner of Truth, 2008) 229.
214. Martyn LloydJones, *Why does God Allow War?* (Wheaton, Ill: Crossway, 2003) 45-46.
215. LloydJones, *Great Doctrines*, 8.
216. Ibid.7.
217. Ibid.
218. LloydJones, *God's Ultimate Purpose*, 84.
219. LloydJones, *Pregação e Pregadores*.
220. Ibid.
221. Ibid.
222. Ibid.
223. Ibid.
224. Ibid.

225. Murray, John MacArthur, 28

226. Murray, *The Fight of Faith*, 193

227. LloydJones, *Os Puritanos: suas origens e seus sucessores*.

228. LloydJones, *Pregação e Pregadores*.

229. Grande parte de suas palestras nas conferências anuais Puritanas e de Westminster não era diretamente sobre os puritanos, mas sobre homens do século XVIII que haviam sido influenciados pelos puritanos (por exemplo, George Whitefield, Howell Harris, William Williams). Veja LloydJones, *Os Puritanos: suas origens e seus sucessores*.

230. LloydJones, *Pregação e Pregadores*.

231. LloydJones, *Great Doctrines*, 10.

Teologicamente Reformado

D. Martyn LloydJones foi uma das figuras mais formativas do evangelicalismo de língua inglesa no século XX . A sua forte compreensão do que era denominado de doutrinas da graça, sua paixão pelas grandes demonstrações da glória de Deus no passado—particularmente na Era do Avivamento, o século XVIII—e sua impressionante pregação fizeram-no imprescindível à recuperação e difusão do Calvinismo evangélico e experiencial.²³²

— MICHAEL A.G. HAYKIN

Em termos de doutrina, as exposições bíblicas de LloydJones eram destacadamente reformadas. Muitos o identificariam como calvinista. Não é preciso procurar além de seus estudos das sextas-feiras à noite, sobre as grandes doutrinas da Bíblia e sobre Romanos, para ver seu compromisso fundamental com o entendimento reformado da Escritura. O mesmo podia-se dizer sobre os sermões em Efésios dos domingos pela manhã. Aqui, descobrimos facilmente a real profundidade e força de seu ministério de púlpito. Com este fim, Iain Murray escreve: “Quando as pessoas tentam explicar o que separava Martyn LloydJones em termos de suas convicções, geralmente o fazem em termos do ‘Calvinismo’... Dr. LloydJones cria que uma restauração do ponto de vista do que é chamado

de calvinista era uma necessidade fundamental”.²³³ Murray explica: “Foi necessária porque era bíblica; porque mostra como o evangelho começa, não com o homem e sua felicidade, mas com Deus e sua glória”.²³⁴

LloydJones cria no que era bíblico, e aquilo em que ele cria, ele pregava. Isso significava a exposição de todas as fortes distinções do calvinismo bíblico. Porém, é importante ressaltar que “em todos os seus sermões”, disse Murray, “nada se encontraria com um título como ‘Os Cinco Pontos do Calvinismo’”.²³⁵ Em vez de rotular a doutrina que estava pregando, LloydJones optou por simplesmente explicar o texto da Escritura. Murray comenta: “Ele cria que a melhor forma de apresentar a doutrina é ensinar o *texto* da Escritura; a preocupação do pregador não deve ser que as pessoas assumam um nome ou rótulo, mas que obtenham entendimento espiritual da Palavra de Deus”.²³⁶ Qualquer que escutasse seus sermões doutrinariamente ricos poderia reconhecer a nuance calvinista de sua teologia, mas ele escolheu não rotulá-la no púlpito.

Conquanto o Doutor cresse nas doutrinas da graça, é necessário enfatizar que ele não cria que cada um dos cinco pontos tivesse igual proeminência.²³⁷ Por exemplo, de acordo com Murray, “no caso da pregação aos descrentes, ele não achava que alguns dos pontos tivessem de receber destaque algum”.²³⁸ Quando envolvido na pregação evangelística aos incrédulos, LloydJones enfatizava fortemente a doutrina da depravação total, mas jamais seguia isso com a doutrina da eleição incondicional. Ele acreditava que fazer isso seria errado. Cria que a afirmação dos cinco pontos do Calvinismo viria mais tarde, quando as pessoas vinham à fé em Cristo e cresciam no seu conhecimento da Palavra de Deus. A crença nos cinco pontos não é pré-requisito da salvação. O único requisito para ser salvo é reconhecer nossa condição de pecador e a necessidade de se ater a Cristo pela fé, como única esperança da justificação.

Embora LloydJones não empregasse o uso de rótulos no púlpito para explicar teologia ou doutrina, ele afirmava sua crença e aceitação das doutrinas da graça conforme ensinadas na Escritura. Em uma palestra para a rádio BBC de Gales, em 25 de junho de 1944, LloydJones falou sobre a teologia teocêntrica do grande reformador de Genebra, João Calvino:

A principal característica de Calvino era que ele baseava tudo na Bíblia... Ele não queria nenhuma filosofia, a não ser aquilo que emana da Escritura... Para ele, a verdade central de suma importância era a soberania de Deus e a glória de Deus. Temos de começar aqui e tudo mais deve vir daqui. Foi Deus, por sua própria livre vontade e de acordo com sua infinita sabedoria, que criou o mundo... Todos estariam perdidos se Deus não tivesse eleito alguns para a salvação, e isso incondicionalmente. É somente pela morte de Cristo que é possível a essas pessoas serem salvas, e elas não veriam nem aceitariam a salvação se Deus, mediante sua irresistível graça no Espírito Santo, não tivesse aberto seus olhos e os persuadido a aceitar sua oferta. Mesmo depois disso, é Deus que os sustenta e guarda de cair. A sua salvação, portanto, é certa, porque depende não deles e de sua capacidade, mas da graça de Deus.²³⁹

Calvino entendia que as doutrinas da graça soberana traziam a maior glória a Deus, convicção partilhada por LloydJones: “Todo o propósito da sua e da minha salvação é que glorifiquemos ao Pai. Ah, que possamos entender isso!... O alvo último de nossa salvação é que possamos glorificar a Deus”.²⁴⁰ Estas verdades têm de ser pregadas porque engrandecem a Deus e humilham ao homem. Dizendo simplesmente, LloydJones pregava essas grandes doutrinas porque elas espalham a fama do nome divino. Tais verdades centradas em Deus davam poder à sua pregação e combustível a seu fervor evangelístico. A fim de entender a dinâmica de seu púlpito, é essencial entender sua posição estratégica quanto a estas verdades bíblicas.

DEPRAVAÇÃO TOTAL

LloydJones afirmava a doutrina fundamental da total depravação humana, também conhecida como corrupção radical. Ele entendia que, antes do expositor comunicar as boas-novas da salvação de Deus, ele primeiro tem de transmitir a má notícia da condenação do homem. O pano de fundo negro do pecado do homem tem de ser exposto, para que o brilhante diamante da soberana graça de Deus seja visto em todo seu deslumbrante esplendor. LloydJones se atinha a esta doutrina com tal firmeza, que ele cria que ninguém poderia compreender corretamente a graça de Deus sem ela. Ele disse: “Nenhum homem terá verdadeiro conceito do ensinamento bíblico da redenção, se não tiver clareza quanto a doutrina bíblica do pecado”.²⁴¹

A doutrina da depravação total começa com o ensino sobre o pecado original de Adão, o ato de desobediência que trouxe a morte à raça humana. Quando o primeiro casal comeu do fruto proibido, o pecado imediatamente os separou de Deus. A culpa invadiu toda a sua natureza:

A primeira coisa que nos é dito é que Adão e Eva tornaram-se conscientes de sua carne (Gênesis 3.7). Esta é uma coisa extraordinária. O homem, conforme foi originalmente criado por Deus, era totalmente sem constrangimento quanto a seu corpo (Gênesis 2.25). O homem e a mulher estavam nus e não se envergonhavam. Mas, no momento em que pecaram, no momento em que caíram, a vergonha se desenvolveu e eles tentaram cobrir-se com folhas de figueira.²⁴²

Como resultado dessa transgressão, o pecado foi imputado a toda a raça humana. Este pecado original tornou todos os homens culpáveis e sob juízo divino. LloydJones explicou: “Quando Adão cometeu esse único

pecado, embora nós não o tivéssemos cometido, ele foi imputado sobre todos nós”.²⁴³ A queda de Adão resultou na condenação de toda a raça humana.

Além do mais, LloydJones cria que todas as pessoas nascem com uma natureza corrompida pelo pecado. A depravação se espalhou sobre todo seu ser. A mente do homem é cega, seu coração está falido, sua vontade é aprisionada. Ele comentou:

Por que é que o homem escolhe pecar? A resposta é que o homem caiu, se afastou de Deus, e o resultado é que toda sua natureza tornou-se perversa e pecaminosa. Toda a inclinação do ser humano é para longe de Deus. Por natureza, ele odeia a Deus, e sente que Deus se opõe a ele. Seu deus é seu próprio ego, suas capacidades e poderes, seus desejos. Ele tem objeção a toda a ideia de Deus e das exigências que Deus requer dele... Além do mais, o homem gosta e cobiça as coisas que Deus proíbe, e não gosta das coisas e do tipo de vida para a qual Deus o chama. Estas não são apenas declarações dogmáticas. São fatos... Só isso explica a confusão moral e a feiura que caracterizam a vida em tal extensão hoje em dia.²⁴⁴

No ponto de vista de LloydJones, esta é a única explanação certa para a devastação do mundo. O verdadeiro problema da humanidade não é sua necessidade de um ambiente melhor. Nem mesmo é a necessidade de resolver as deficiências sociais, políticas ou financeiras do homem. O problema no mundo, ele ensinava, é a falência espiritual da raça humana. Ele declarou:

Não se pode entender a vida como ela é no momento, neste mundo, a não ser que se entenda esta doutrina bíblica do pecado. Vou além: sugiro que não se pode entender toda história humana à parte disso, com todas as suas guerras, brigas, conquistas, suas calamidades, e tudo que ela documenta. Assevero que não existe explicação adequada, salvo na doutrina bíblica do pecado. A

história do mundo só pode ser entendida verdadeiramente à luz desta grande doutrina bíblica do homem caído e em pecado.²⁴⁵

Lloyd Jones afirmava que o homem, por sua natureza caída, está perdido e é totalmente depravado. Ele é empestado pela sua incapacidade moral e é incapaz de salvar-se, ou viver de modo que agrade a Deus. Estando morto no pecado, nenhuma pessoa pode obter posição favorável diante de Deus.

ELEIÇÃO INCONDICIONAL

LloydJones proclamava a doutrina da eleição incondicional. Esta verdade bíblica está inseparavelmente ligada ao ensino da total depravação humana. Porque sua vontade está espiritualmente morta e presa, devido à incapacidade moral, o homem não pode escolher a Deus. Portanto, se alguém vai ser resgatado da morte, Deus terá de exercer a sua vontade soberana de salvar. Saído da massa da humanidade caída, LloydJones asseverou que Deus fez uma escolha distinta entre todas as pessoas. Antes da fundação do mundo, ele soberanamente determinou um povo a quem salvaria. Ele insistia: “A igreja é um conjunto dos eleitos”.²⁴⁶ Não fosse pela escolha eterna de Deus por alguns, nenhum seria salvo. Expondo Romanos 9.10–13, LloydJones apresentou o caso bíblico de que Deus havia escolhido um povo específico para si, e para serem salvos por ele. Ele declarou:

Deus faz o seu propósito acontecer, e o cumpre por meio do processo de seleção e eleição, por uma razão somente—porque é o único jeito de garantir que seu propósito e plano certamente, seguramente e infalivelmente serão cumpridos e trazidos a fruição final: “para que o propósito de Deus de acordo com a eleição possa permanecer de pé”. Isso não depende de nós, de maneira nenhuma, mas do próprio Deus, do seu caráter e sua ação.²⁴⁷

No púlpito, LloydJones pregava que a escolha eterna de Deus não fora baseada no mérito intrínseco, boas obras ou fé prevista de qualquer pessoa. Qualquer ato autônomo de fé salvadora da parte do homem é impossível, em razão de sua corrupção radical. A depravação total do homem torna necessária a escolha soberana de Deus de salvar a quem lhe aprouver salvar:

O homem, por sua natureza, se rebela contra Deus. Ele o faz como resultado da Queda. Tendo escutado a sugestão do diabo e tendo caído afastado de Deus, ele está sob “a ira de Deus”. Como é que qualquer pessoa individualmente já teria conseguido sair desse marasmo? A resposta é que Deus escolheu essa pessoa para ser liberta disso para a salvação.”²⁴⁸

LloydJones cria que todos que foram escolhidos por Deus foram eleitos unicamente pelo beneplácito de Deus e nada mais: “Fomos escolhidos por Deus simplesmente como resultado de seu bom prazer, ou, usando a fraseologia da Escritura, ‘conforme o beneplácito de sua boa vontade’, e isso inteiramente à parte de qualquer coisa que tivéssemos feito, dito ou pensado”.²⁴⁹ Ele declara novamente: “Fomos escolhidos por Deus, segundo o beneplácito de sua própria vontade e a despeito de nós mesmos, apesar do fato de que éramos inimigos, estrangeiros e até mesmo odiávamos a Deus”.²⁵⁰ No livro de Efésios, esta é a razão por que “Paulo coloca primeiro a doutrina da eleição, a fim de mostrar como nós nos tornamos cristãos”.²⁵¹

Ao compreender a verdade da eleição soberana, LloydJones acreditava que muitas outras doutrinas seriam claramente vistas: “É à luz desta doutrina que vemos a infalibilidade do plano de salvação mais claramente. Se o plano de salvação de Deus fosse depender do homem, e da escolha do homem, certamente falharia; mas se ele vem de Deus do começo ao fim, então é certo”.²⁵²

Por esta verdade da eleição, LloydJones via que toda a graça vem da iniciativa divina: “Foi a mão de Deus que me tomou, me atraiu, me separou... Sou quem eu sou devido à graça de Deus; e eu dou a ele toda a glória. Se eu acreditasse que meu futuro depende de mim mesmo e de minhas decisões, eu tremeria de medo, mas graças a Deus, sei que eu estou em suas mãos”.²⁵³ A soberana escolha de Deus de determinadas pessoas

ocorreu na eternidade passada: “Sei que antes do começo do tempo, antes da fundação do mundo, ele olhou para mim, me viu e me selecionou, e em sua mente, me entregou a Cristo”.²⁵⁴

Em sermão sobre Efésios 1.4, LloydJones argumentou que a crença na divina soberania da eleição não nega a obra de evangelização no púlpito. Em vez disso, requer o nosso envolvimento na pregação do evangelho. Para explicar isso, ele usava a ilustração do fazendeiro que tem de semear a semente antes que Deus a faça germinar e produzir vida. De maneira semelhante, o pregador tem de semear a boa semente da Palavra, antes que Deus faça com que crie raiz nos corações dos eleitos. Ele explicou:

Com frequência, as pessoas argumentam que esta doutrina da eleição e escolha divina não deixa lugar para a evangelização, para a pregação do evangelho, para insistir com as pessoas que elas se arrependam e creiam, e pelo uso de argumentos e persuasões ao fazê-lo. Mas não existe contradição nisso, assim como não existe contradição em dizer que, mesmo sendo Deus que nos dá a colheita do milho no outono, o lavrador precisa arar, limpar e semear. A resposta a isso é que Deus tem ordenado a ambos. Deus escolheu chamar seu povo por meio da evangelização e da pregação da Palavra. Ele ordena o meio como também o fim.²⁵⁵

A doutrina da soberana eleição deu a LloydJones grande confiança no desempenho da obra da evangelização na sua pregação do evangelho. Ele reconhecia que o ensino bíblico da eleição garantia o sucesso da sua pregação do evangelho. Esta verdade jamais abafou seus esforços evangelísticos no púlpito, mas sim, os tornaram mais ousados.

EXPIAÇÃO LIMITADA

LloydJones aceitava a doutrina da expiação limitada. Esta verdade ensina que Cristo morreu exclusiva e efetivamente por aqueles que foram escolhidos pelo Pai. Na cruz, ele não apenas tornou possível à humanidade ser salva, mas, na verdade, assegurou a salvação de todos por quem ele morreu. Esta doutrina reformada acendeu sua alma e era combustível para sua pregação. Tal posição, também conhecida como redenção particular, se coloca em contraste ao ponto de vista arminiano de que Cristo, na verdade, não salvou ninguém especificamente por sua morte, mas apenas tornou a salvação disponível a todos. LloydJones rejeitava enfaticamente essa visão aberrante da expiação universal. Em um sermão sobre Efésios 5.25, ele articulou que Cristo “morreu pela igreja. Não morreu para mais ninguém”. Pregando sobre Romanos 3.25, LloydJones afirmava que a graça salvadora de Cristo na cruz foi assegurada somente para os que colocam sua fé nele como Salvador e Senhor. A morte de Cristo na cruz foi somente para aqueles que põem sua fé nele:

A sua vida foi derramada em sua morte. Ele é o Cordeiro de Deus. Ele é nosso Substituto. Ele morreu por nós, e por nossos pecados. “Por suas pisaduras fomos sarados”. Para quem isso é fato verdadeiro? É verdade com respeito a todos—e somente a estes—que têm fé nele, “a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça”. Isto não cobre a todos; isto se aplica somente àqueles que têm nele a sua fé ... Esta grande expiação é nossa e torna-se nossa somente pela fé.²⁵⁶

LloydJones estava indubitavelmente seguro de serem aqueles que creem em Cristo as pessoas por quem ele morreu. Era somente por estes que

Cristo morreu. Em seu sermão de Romanos 8.28–30, ele afirmou ainda esta verdade:

Temos de entender e reconhecer que o seu plano de salvação não pode falhar. Não pode falhar nem faltar coisa alguma. Deus escolheu o povo a quem entregou o seu Filho, e o Filho disse que veio ao mundo para realizar esta obra por seu povo, a pedido do seu Pai. Não pode falhar; de outra maneira, a glória de Deus não seria vindicada e o diabo ainda seria triunfante.²⁵⁷

Por esta afirmação, fica claro que LloydJones pregava a doutrina da redenção particular. Cristo morreu por todos os eleitos. Se ele tivesse morrido pelos não eleitos também, LloydJones arrazoou, o diabo teria triunfado sobre a obra da cruz. Para LloydJones, a cruz é o coração do evangelho. Pregando sobre João 17.10, LloydJones proclamou:

A cruz é a única coisa em que devemos nos gloriar; eu reconheço o que aconteceu ali e sei que o Filho de Deus veio à terra e desceu até a cruz para que eu pudesse ser feito filho de Deus. Ao crer nele desta forma eu o glorifico, e é meu desejo que eu o faça.²⁵⁸

A visão de LloydJones da expiação estava em forte contraste à de muitos de seus dias. Isto incluía R.T. Kendall, que seguiu a LloydJones como ministro da Capela de Westminster, em 1977. Kendall dizia que Calvino e LloydJones ensinavam a redenção universal. Iain Murray refuta essa afirmativa, dizendo que LloydJones permaneceu calado quanto a este assunto, a fim de não criar controvérsia para seu sucessor. Murray escreve: “Martyn LloydJones era contra qualquer controvérsia pública. Embora pessoalmente tivesse firme convicção na expiação limitada, e não universal”,²⁵⁹ Murray acrescenta, “a última coisa que ele queria era a desunião entre homens que, por outro lado, pareciam ter em comum as

crenças calvinistas”.²⁶⁰ No entanto, LloydJones se apegava firmemente à doutrina bíblica da redenção particular.

GRAÇA IRRESISTÍVEL

Lloyd Jones endossava a doutrina da graça irresistível. Este é o ensino bíblico quanto à obra soberana do Espírito Santo em convencer, chamar, atrair e regenerar os pecadores eleitos. Esta obra efetiva concede a fé salvadora aos que foram escolhidos pelo Pai e comprados pelo Filho. Aqueles a quem o Pai elegeu na eternidade passada e pelos quais o Filho morreu, são os que recebem do Espírito a fé em Jesus Cristo. Nenhum a quem o Pai tenha escolhido e por quem Cristo morreu deixará de crer e nascer de novo. O Espírito Santo garante isso ao conceder arrependimento e fé aos eleitos, a fim de garantir sua conversão a Cristo.

Resumindo o ensino bíblico sobre este chamado irresistível, Lloyd Jones declarou:

O homem é criatura caída, com mente em estado de inimizade para com Deus. Ele é totalmente incapaz de salvar a si mesmo e se unir novamente a Deus. Todos estariam perdidos, se Deus não tivesse eleito alguns para a salvação, e isso incondicionalmente. Somente por meio da morte de Cristo é possível a estas pessoas serem salvas. Elas não veriam, nem aceitariam essa salvação se Deus, por sua graça irresistível, através do Espírito Santo, não tivesse aberto seus olhos e os persuadido (não os forçando) a aceitar esta oferta.²⁶¹

O chamado efetivo do Espírito Santo inclui a doutrina da regeneração. Em julho de 1951, o Doutor fez três discursos sobre a soberania de Deus, na terceira Conferência Galesa da InterVarsity Fellowship, em Pantyfedwen, Borth. Na terceira palestra, ele disse que a doutrina da eleição incondicional está inseparavelmente ligada à doutrina da regeneração:

Algumas pessoas persistirão em discutir a eleição separada da regeneração, mas a verdade sobre a regeneração é vital e essencial a toda a doutrina da soberania. Quando uma pessoa se torna cristã, ela é nova criatura, ela nasceu de novo. O homem natural não é regenerado. Ele é inimigo e estranho em relação a Deus. Ele não consegue ver estas verdades. Se tivesse a capacidade de vê-las, ele não precisaria ser regenerado. Temos de pensar na condição do homem, em termos de vida e morte.²⁶²

Noutras palavras, LloydJones cria claramente que o homem natural é espiritualmente morto. Sem o poder regenerador do Espírito Santo, não há nada no pecador que o capacite a clamar por Cristo. A incapacidade moral do homem não regenerado de crer em Cristo é o que faz o chamado efetivo de Deus tão vital. Somente mediante a obra do Espírito Santo é que aqueles que estavam perdidos, sem esperança, podem nascer de novo e crer em Cristo. LloydJones esclareceu:

É a operação interna do Espírito Santo sobre a alma e o coração de homens e mulheres que lhes trazem a uma condição em que o chamado pode ser efetivo. Quando o Espírito o faz, é claro, é algo absolutamente certo... O Espírito Santo implanta um princípio dentro de mim que me capacita, pela primeira vez na vida, a discernir e apreender algo dessa gloriosa, maravilhosa verdade. Ele opera em minha vontade. “É Deus que opera em vós tanto o querer quanto o realizar”. Ele não bate em mim, não me fere, não me coage. Não, graças a Deus, o que ele faz é operar sobre minha vontade, de modo que eu deseje isso, me alegre nisso e o ame. Ele dirige, ele persuade, ele age sobre minha vontade de maneira que, quando o faz, o chamado do evangelho é efetivo, é certo e é seguro. A obra de Deus jamais falhará, e quando Deus trabalha numa pessoa, sua obra é totalmente efetiva.²⁶³

A graça irresistível não é a coação do Espírito contra a vontade do homem. LloydJones entendia que o Espírito opera para mudar a vontade

da pessoa, para que ela deseje crer em Cristo. Deus ressuscita o pecador que estava espiritualmente morto para uma nova vida, e muda a inclinação de sua vontade. De repente, Cristo se torna irresistível a este, e ele o recebe pela fé. Esta confiança na poderosa obra do Espírito deu o ímpeto para o compromisso de Lloyd Jones de evangelizar, e fez bem-sucedida sua pregação do evangelho.

A GRAÇA PRESERVADORA

LloydJones afirmava a doutrina da graça preservadora, frequentemente chamada de perseverança dos santos. Esta verdade bíblica ensina que nenhum verdadeiro crente em Cristo cairá da graça. Deus segura a fé de todos que colocam sua confiança em Cristo. LloydJones insistia: “É Deus que os sustenta e guarda-os de cair. A sua salvação, portanto, é certa, porque depende, não deles e de sua capacidade, mas da graça de Deus”.²⁶⁴ Não é o crente quem segura em Cristo e se mantém salvo, mas Cristo é quem segura o crente.

Em um sermão sobre Romanos 8.28-30, LloydJones afirmou que aqueles que são cristãos autênticos não podem cair da salvação. Ele proclamou:

Nós não somos apenas perdoados; não somos meramente crentes; é Deus quem faz essas coisas conosco. Ele não somente nos concedeu nova vida; ele nos “uniu” a Cristo; somos presos a ele por laços indissolúveis. Tudo que nos é dito sobre o verdadeiro cristão torna impossível que ele caia e se afaste. As únicas pessoas que caem da Igreja são aqueles crentes temporários, falsos professantes, pessoas com fé apenas intelectual e temporária. Mas o homem a quem foi dada nova vida, que é “participante da natureza divina” e está “em Cristo”, não pode cair e se afastar.²⁶⁵

Dizer que um cristão pode cair e deixar de ser crente seria entender erroneamente a natureza abrangente da soberana graça de Deus na salvação. Neste mesmo sermão, LloydJones afirmou: “Tudo que nos é dito a respeito do cristão, a respeito do crente, carrega consigo essa implicação inevitável da ‘perseverança final dos santos’”.²⁶⁶ Negar esta verdade da graça preservadora, ele contendia, seria negar a própria natureza da graça.

LloydJones cria que a segurança da salvação não é, necessariamente, atingida facilmente. Pelo contrário, a segurança é algo que vem ao que está sendo continuamente fortalecido pelo Espírito Santo em sua vida cristã. À medida que cresce sua confiança no amor de Deus e segurança da salvação, homens e mulheres cristãos recebem grande coragem durante sofrimentos e perseguições, afirmou LloydJones.

O que é que capacitava os homens a fazerem coisas assim, e realizarem coisas ainda mais perigosas? É que eles criam naquilo que chamamos de “Doutrina da Perseverança dos Santos”; é porque eles tinham visto a si mesmos dentro do plano de Deus, que não pode ser cerceado e nem pode falhar. É tão absoluto quanto o próprio Deus, que conhece o final como também o começo. “Ninguém os arrebatará da minha mão”, disse Cristo. Isso é impensável.²⁶⁷

LloydJones sustentava que esta verdade da graça preservadora dá poder de perseverança aos crentes no meio de suas mais difíceis adversidades. Eles são capacitados a correr na corrida que está diante deles com perseverança, porque têm grande confiança no fato de que estão eternamente seguros por Deus.

232. Michael Haykin, “From the Editor”, *Eusebia* 7 (Primavera de 2007): 3.

233. Murray, *The Fight of Faith*, 193.

234. *Ibid.*

235. Murray, *Messenger of Grace*, 232.

236. *Ibid.*

237. *Ibid.*

238. *Ibid.*

239. LloydJones, *Discernindo os Tempos*.

240. D. Martyn LloydJones, *The Assurance of Our Salvation: Exploring the Depth of Jesus’ Prayer for His Own; Studies in John 17* (Wheaton, Ill.: Crossway, 2000), 46–47.

241. D. Martyn LloydJones, *God's Way of Reconciliation* (Grand Rapids, Mich.: Baker, 1972), 14.
242. LloydJones, *Great Doctrines*, 185.
243. Ibid., 198.
244. D. Martyn LloydJones, *The Plight of Man and the Power of God* (Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1945), 87
245. LloydJones, *God's Way of Reconciliation*, 15.
246. LloydJones, *Discernindo os Tempos*.
247. D. Martyn LloydJones, *Romans: Exposition of Chapter 9; God's Sovereign Purpose* (Edimburgo, Escócia: Banner of Truth, 1991), 129.
248. LloydJones, *God's Ultimate Purpose*, 83
249. Ibid.
250. Ibid.
251. Ibid, 92.
252. Ibid.
253. Ibid.
254. Ibid.
255. Ibid. 90.
256. D. Martyn LloydJones, *Romans: Exposition of Chapters 3:20–4:25; Atonement and Justification* (Edinburgh, Scotland: Banner of Truth, 1970), 93.
257. D. Martyn LloydJones, *Romans: The Perseverance of the Saints; Exposition of Capítulo 8:17–39* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1975), 361.
258. LloydJones, *The Assurance of Salvation*, 274.
259. Murray, *The Life of Martyn LloydJones*, 723.
260. Ibid.
261. LloydJones, *Discernindo os Tempos*.
262. Murray, *The Life of Martyn LloydJones*, 243-44.
263. D. Martyn LloydJones, *God the Holy Spirit* (Wheaton, Ill.: Crossway, 1997), 73
264. LloydJones, *Knowing the Times*, 35.
265. LloydJones, *The Final Perseverance of the Saints*, 344.
266. Ibid. 345.
267. *The Assurance of Our Salvation*, 66.

Espiritualmente Poderoso

*LloydJones foi um dos maiores pregadores de sua época.... um homem que passou toda sua vida pregando e pensando na pregação.*²⁶⁸

— J. LIGON DUNCAN III

Quando Martyn LloydJones subia ao púlpito da Capela de Westminster, ele portava a aparência de alguém fisicamente frágil. Era baixo e de pequena estrutura. Sua cabeça calva, circundada por cabelos ralos do lado, acrescentava a aparência de fraqueza. Aos olhos do mundo, esta não era uma pessoa poderosa que projetava força. Foi assim que o Doutor pareceu para um visitante que foi à Capela Westminster, durante a Segunda Guerra Mundial. Quando ele chegou, encontrou um bilhete posto na porta da frente. Dizia que, devido aos estragos causados pelas bombas alemãs, precisaram mudar o culto de adoração para um salão em outra localidade. Este indivíduo caminhou até o local temporário e encontrou facilmente lugar para se assentar em uma congregação esparsamente frequentada. Ao começar o culto, o visitante notou: “Um homem pequeno de gravata e gola subiu quase pedindo desculpas até a plataforma e chamou as pessoas para a adoração. Lembro-me de pensar que LloydJones certamente estava doente e fora substituído por um dos oficiais da igreja”.²⁶⁹ Não era possível que este homem em pé diante das pessoas fosse

o pregador notável que ele viera ouvir. Enquanto o culto continuava, a primeira impressão do visitante permaneceu a mesma. “Essa ilusão [de fraqueza] não foi desfeita durante a primeira parte do culto, embora eu estivesse impressionado pela calma reverência das orações e leitura da Bíblia desse homem”.²⁷⁰ Introvertido e monótono, esse homem que dirigia o culto certamente tinha de ser um substituto de última hora.

Quando chegou a hora do sermão, o mesmo homem brando subiu ao púlpito com comportamento calmo: “Acabou anunciando o seu texto e começou o sermão com a mesma voz calma”.²⁷¹ No começo do sermão, pouco mudou. Porém, o que aconteceu é o que merece nota. O visitante relata:

Então, aconteceu algo curioso. Nos próximos quarenta minutos fiquei completamente inconsciente de tudo, exceto a palavra que este homem falava--não as suas palavras, note bem, mas alguém atrás delas, e nelas e por meio delas. Naquela hora eu não entendia, mas eu estive na presença do mistério da pregação, em que um homem está perdido dentro da mensagem que ele proclama.²⁷²

Este relato de primeira mão poderia ser dado por qualquer um, entre inúmeras pessoas que ouviram a pregação de Martyn LloydJones. Como frequentemente era o caso, o Doutor era cativado pelo poder de Deus em sua exposição. Como é que esse homem de magra figura e calma apresentação podia ser transformado numa casa de força tão poderosa para Deus? Não pode existir explicação para essa transformação dramática, a não ser pela atividade dinâmica do Espírito Santo que o controlava.

Durante todo seu ministério de pregação, LloydJones estava cômico de sua completa dependência no Espírito Santo para garantir a efetividade do sermão. Sua total dependência de Deus era necessária para a iluminação divina em seu estudo e para sua energia sobrenatural no púlpito. Em sua

preparação, ele sabia que o Espírito Santo tinha de ser o seu Ensinador, o Mestre que abriria seus olhos e o instruiria no texto. Além do mais, o Espírito tinha de aprofundar as suas convicções nestas verdades. A mesma dependência era verdadeira no papel do Espírito na entrega do sermão. Lloyd Jones cria que não podia haver verdadeira pregação, a não ser pelo empoderamento interno do Espírito de Deus.

A UNÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Existe um mundo de diferenças, cria o Doutor, entre ter dons naturais para fazer um discurso e estar cheio do Espírito para pregar a Palavra. Ele sabia que alguém podia ter a capacidade natural de executar a obra da pregação, mas é algo inteiramente diferente ter o poder sobrenatural de realizar a tarefa. Iain Murray observa essa distinção, segundo a mente de LloydJones:

Em sua visão, alguém pode ter a capacidade natural e o entendimento da verdade necessários para seguir o método expositivo e, contudo, nunca ser um pregador. O Espírito Santo tem de atuar na verdadeira pregação, ativo não apenas por possuir a verdade conforme ela é ouvida, mas ativo em ungir o próprio pregador. Somente então seu coração, como também sua mente, são envolvidos corretamente, e o resultado é a fala atendida por vivacidade, por unção, e pelo elemento extemporâneo já mencionado.²⁷³

Explicando a convicção de LloydJones, Murray nota: “A verdadeira pregação não pertence à esfera de dons naturais. Não é algo que se obtém por ensino ou treinamento. É resultado da presença do Espírito de Deus”.²⁷⁴ É por isso que LloydJones cria fortemente no poder do Espírito Santo, no ato da pregação. O Doutor disse que esta obra do Espírito é “o que no Novo Testamento é chamado de ‘unção’; ele é que dá ‘unção’, entendimento, liberdade e clareza de palavra, uma autoridade”.²⁷⁵ Além disso, ele explicou:

O que se quer dizer por essa “unção do Espírito”?... O que é isto? É o Espírito Santo vindo sobre o pregador de maneira especial. É um acesso ao poder. É Deus dando poder e capacitando o pregador, pelo Espírito, para que ele realize

a obra de maneira a elevar o pregador além dos esforços e empenho do homem a uma posição em que é usado pelo Espírito e se torna canal pelo qual o Espírito trabalha. Isto é visto muito claramente nas Escrituras.²⁷⁶

Lloyd Jones defendia a unção do Espírito tanto por meio das Escrituras como através da história da igreja. A verdadeira pregação, cria ele, encontra seu poder na poderosa obra do Espírito. É esta a maior necessidade do púlpito nos dias atuais.

O ESTUDO NÃO DEVE SER NEGLIGENCIADO

Para esclarecer melhor, o Doutor não acreditava que a unção do Espírito permitia ao pregador negligenciar sua responsabilidade de estudar as Escrituras. Pelo contrário, estava convicto de que o pregador tem de preparar seu sermão com cuidado, após uma completa investigação da passagem. Ele cria que o Espírito está pessoalmente envolvido no estudo do pregador, tanto quanto está quando o pregador sobe ao púlpito.

LloydJones acrescentou: “O jeito certo de olhar a unção do Espírito é pensar nisso como aquilo que vem sobre a preparação [do sermão]... A cuidadosa preparação, e a unção do Espírito Santo, jamais devem ser considerados como alternativas, mas como complementares uma à outra”.²⁷⁷ O Espírito que é autor da Escritura é o mesmo Espírito que tem de iluminar o entendimento do pregador dessa mensagem. Ao mesmo tempo, o Espírito tem de capacitar o expositor a entregar estas verdades no ato da pregação. O Espírito tem de estar presente em cada aspecto da pregação, desde o local de estudo até o púlpito.

Enfatizando esta necessidade, ele usou o exemplo do profeta Elias no Monte Carmelo. Era responsabilidade de Elias construir o altar, cortar a lenha, e colocá-la sobre o altar. Assim, ele tinha de matar o boi, cortar em pedaços e colocá-lo sobre a madeira. Então, ele orou para que o fogo descesse, e o fogo desceu. Esta, de acordo com LloydJones, é a mesma ordem no púlpito.²⁷⁸ Primeiro, o pregador faz a sua parte na preparação do sermão. Então, Deus fará a sua parte, enviando o fogo. Ele comentou: “O jeito de ter poder é preparar cuidadosamente a sua mensagem. Estude a palavra de Deus, pense nela, analise-a, coloque em ordem, faça o seu máximo. É esta a mensagem que Deus é mais propenso a abençoar”.²⁷⁹ LloydJones cria que Deus escolhe abençoar a sólida preparação do sermão, não a sua falta.

Além do mais, LloydJones usou os exemplos de João Batista e dos Apóstolos. Ele ressaltou que, embora fossem homens redimidos, eles ainda precisavam do poder do Santo Espírito para cumprirem sua tarefa de pregar. Ao expor Atos 13.9, LloydJones notou que Paulo precisou ser cheio do Espírito Santo. Ele declarou:

Quando o relato diz ali: “cheio do Espírito Santo”, não está se referindo ao fato lá atrás, em que foi cheio do Espírito Santo, em conexão à sua conversão e resultado de seu encontro com Ananias. Seria ridículo repetir, se isso acontecesse apenas uma vez para sempre. Esta é novamente uma concessão especial de poder, uma situação especial, uma ocasião especial, e ele recebeu este poder especial para esta ocasião especial.²⁸⁰

LloydJones arrazoou que, se o Apóstolo Paulo precisava ser cheio do Espírito, então os pregadores que são menos talentosos precisam muito mais.

Da história da igreja, LloydJones ressaltou outros exemplos de homens cheios do Espírito Santo para pregar a Palavra. Ele destacou Martinho Lutero como sendo, não apenas um grande teólogo, mas também pregador extraordinário, porque estava cheio do Espírito. Acrescentou também exemplos de dois homens menos conhecidos. Referiu-se a John Livingston que, no poder do Espírito, pregou um sermão em Kirk O'Shotts, na Escócia, após o qual quinhentas pessoas foram acrescentadas às igrejas. Além disso, David Morgan, poderoso pregador no avivamento galês, em 1859, recebeu uma unção especial do Espírito e recebeu poder durante esse movimento.

Todos os pregadores precisam do poder do Espírito, quer sejam figuras gigantescas como Lutero, quer indivíduos menos conhecidos como Livingston e Morgan. LloydJones via cada pregador como tendo a mesma necessidade do poder divino.

A SOBERANIA DO ESPÍRITO

Na pregação, LloydJones reconhecia a soberana liberdade do Espírito Santo. O caminho do Espírito não pode ser previsto ou controlado. “O poder vinha, e o poder era retirado. Assim é o senhorio do Espírito! Não se pode ordenar esta bênção, não se pode comandá-la; é inteiramente um dom de Deus”.²⁸¹ Esta atividade incontrollável do Espírito soma ao mistério inexplicável da pregação.

Por esta razão, LloydJones dizia que o púlpito é o lugar mais especial em que se pode servir a Deus. Um pregador, ele contendia, nunca sabe o que esperar, quando se coloca diante da congregação para pregar:

O lugar mais romântico sobre a terra é o púlpito. Eu subo ao púlpito domingo após domingo; nunca sei o que vai acontecer. Confesso que venho nada esperando; mas, de repente, o poder é concedido. Noutras ocasiões, penso que tenho muito devido ao meu preparo; mas aí de mim! Descubro que não há nele nenhum poder. Graças a Deus que é assim. Eu me esforço ao máximo, mas ele controla o suprimento e o poder; é ele que o infunde.²⁸²

Quando um pregador cheio do Espírito está no púlpito, LloydJones explicou, ele é espiritualmente elevado, declarou: “um pregador é tomado, está no âmbito do Espírito e Deus está dando uma mensagem por meio desse homem para as pessoas”.²⁸³ Ele ainda asseverou que o Espírito dá ao pregador habilidades incomuns, que vão muito além de seus talentos naturais:

Dá clareza de pensamento, clareza de fala, facilidade de comunicação, grande senso de autoridade e confiança, enquanto se está pregando, uma consciência de poder que não é nosso e perpassa todo nosso ser, e indescritível senso de

alegria. Você é um homem “possuído”, está tomado e dominado. Gosto de colocar assim—e não conheço nada sobre a terra comparável a este sentimento—que quando isso acontece, tem-se esse sentimento de que não é você quem está pregando, mas você está olhando adiante. Está olhando para si mesmo surpreendido pelo que está acontecendo. Não é o seu esforço; você é apenas instrumento, o canal, o veículo; o Espírito lhe usa , e você está olhando com grande prazer e surpresa.²⁸⁴

Se tal unção é dom soberano do Espírito, LloydJones cria que era responsabilidade do pregador orar pedindo este divino poder. Somente Deus pode dar tal força aos seus mensageiros. Instava com todos os pregadores:

Busque-o!... Vá além de buscá-lo: espere por ele... busque o poder, espere por este poder, e quando vier, entregue-se a ele... Estou certo, e já disse isso diversas vezes, que nada, senão uma volta a esse poder do Espírito em nossa pregação, terá real valor para nós. Isso torna a pregação verdadeira, e é a maior necessidade de todas, hoje em dia—mais do que nunca antes.²⁸⁵

LloydJones estava convencido de que a pregação expositiva jamais deveria ser árida e sem vida. Seu desejo era que os que pregam a Palavra conhecessem o poder do Espírito na exposição feita em seu púlpito. As pessoas que ouvem um pregador cheio do Espírito, ele arrazoava, também sentirão a realidade do que Deus está fazendo no pregador. LloydJones explicou:

O que dizer sobre as pessoas? Elas sentem logo: conseguem ver a diferença imediatamente. Estão empolgadas, tornam-se sérias, são convictas, comovidas, humilhadas. Algumas são convencidas de seu pecado; outras são erguidas para os céus, qualquer coisa pode acontecer com qualquer uma delas. Sabem imediatamente que algo incomum e excepcional está ocorrendo. O

resultado é que começam a se alegrar nas coisas de Deus e desejam aprender, cada vez mais e mais.²⁸⁶

É por isso que inúmeras pessoas iam a cada Dia do Senhor até uma igreja no coração de Londres, onde escutavam sermões que duravam de quarenta minutos a uma hora. Sabiam que Deus estaria presente ali, de modo incomum. Discerniam o poder do Espírito sobre a pregação de Lloyd Jones. Esse sentimento de aguardar com antecipação criava um desejo mais profundo de conhecer e viver a verdade.

O PODER DO ESPÍRITO SANTO

A pregação com autoridade, LloydJones dizia, “é Deus dando poder, e capacitando-o, pelo Espírito... a fazer esta obra de maneira a levantá-la muito além dos esforços e das tentativas do homem”.²⁸⁷ O poder de Deus opera no pregador em tal pregação, dando-lhe energia para expor a Escritura com capacidade incomum, além do que ele tenha normalmente. Ele notou:

A verdadeira pregação, afinal, é o agir de Deus. Não é apenas um homem enunciando palavras; é Deus usando o pregador. Ele está sendo usado por Deus. Ele está sob influência do Santo Espírito; é o que Paulo chama, em 1 Coríntios 2, de “pregação na demonstração do Espírito de poder”. Ou, conforme ele diz, em 1 Tessalonicenses 1.5: “porque o nosso evangelho não chegou até vós tão-somente em palavra, mas, sobretudo, em poder, no Espírito Santo e em plena convicção, assim como sabeis ter sido o nosso procedimento entre vós e por amor de vós...”. Aí está o poder do Espírito, e isto é essencial para a pregação.²⁸⁸

LloydJones sabia que o Espírito provê pensamento rápido e amplo, com sentimentos e convicções mais profundos no púlpito. Ele disse: “É da própria essência do ato de pregação—essa liberdade na mente e no espírito, o ser livre para as influências do Espírito sobre você. Se cremos mesmo no Espírito Santo, temos de crer que ele age poderosamente, enquanto estamos envolvidos neste trabalho tão sério e maravilhoso”.²⁸⁹ Ele insistia com os pregadores que orassem com sinceridade, para que Deus “manifeste seu poder em vocês e através de vocês”.²⁹⁰ O Espírito tem de dar tanto liberdade quanto fervor na pregação, para que a Palavra percorra seu curso, insistia LloydJones: “Nada, senão uma volta desse

poder do Espírito sobre nossa pregação, terá qualquer valor para nós. Isso faz a verdadeira pregação”.²⁹¹ Em suma, LloydJones afirmava que, se a pregação quiser conhecer a bênção de Deus, ela tem de ter o poder de Deus.

A NECESSIDADE DO ESPÍRITO SANTO

Lloyd Jones cria que, sem o Espírito Santo, não pode haver verdadeira pregação. A pregação, com certeza, é uma habilidade dada por Deus. É por isso que nenhuma capacidade natural será suficiente para preencher a falta do poder do Espírito. Por esta razão é que Lloyd Jones enfatizava tanto a necessidade do Espírito em seu ministério—e com razão. Ele afirmou:

Muitos termos poderão ser usados, com respeito à habilidade dada por Deus para pregar. Uma citação me parece resumir bem essa questão. Provavelmente, a primeira carta que Paulo escreveu foi para a igreja em Tessalônica, e no primeiro capítulo da primeira epístola, ele relembra aos crentes como o Evangelho chegou até eles: “porque o nosso evangelho não chegou até vós tão-somente em palavra, mas, sobretudo, em poder, no Espírito Santo e em plena convicção, assim como sabeis ter sido o nosso procedimento entre vós e por amor de vós” (1 Tessalonicenses 1.5). Paulo estava dizendo: “Eu falava, mas não era eu. Fui usado”. Enquanto ele falava, sabia que era meramente o meio, o canal, o instrumento que o Espírito Santo usava. Ele foi tomado, estava fora de si, era como que possuído pelo Espírito, e sabia que estava pregando com “plena convicção”.²⁹²

Mesmo depois do trabalho preparatório ter sido feito, e o sermão estar sendo pregado, o Espírito tem de operar no pregador para aprofundar o seu entendimento do texto. Ele explicou:

A pregação sempre deve ser sempre sob o Espírito—seu poder e controle... Você descobrirá que o Espírito que o ajudou na sua preparação, agora o ajudará enquanto você fala, de modo totalmente novo, revelando-lhe coisas que você não havia visto, enquanto estava preparando seu sermão.²⁹³

LloydJones insistia que, sem o poder do Espírito, um homem no púlpito estaria apenas lendo suas notas e repetindo as palavras. Simplesmente: “Se não houver poder não é pregação”.²⁹⁴ Mas, onde o Espírito estiver operando, Deus está presente com poder. Onde o Espírito estiver operando, existe mais que apenas falar as palavras, existe a influência do poder sobre ambas as partes, o pregador e os seus ouvintes. O ministério interior do Espírito Santo, LloydJones cria, dá ao pregador tudo de que precisa para efetivamente proclamar a Palavra.

Em sua própria pregação, LloydJones reconhecia uma espontaneidade de pensamento e clareza de expressão, quando o Espírito estava operando nele. Ele enfatizou que frequentemente isso era o que ele não havia planejado dizer, mas declarou no púlpito, que teve maior impacto sobre seus ouvintes. Ele notou: “Uma das coisas mais surpreendentes sobre a pregação é que frequentemente se descobre que dizemos coisas que não foram premeditadas, e sobre as quais nem pensamos na preparação do sermão, mas são dadas enquanto estamos falando e pregando”.²⁹⁵ Por isso, LloydJones acreditava que o pregador jamais deveria ser restrito por suas anotações.

Depois de ter se preparado suficientemente, o pregador deverá expor seu texto bíblico no poder do Espírito. Deus deve conceder a capacidade de falar claramente mediante sua Palavra. Isto dá uma grande liberdade ao pregador. LloydJones comentou:

A grande coisa é a liberdade. Não posso exagerar a ênfase disso. É da própria essência do ato da pregação—essa liberdade em nossa própria mente e espírito, estar livre para as influências do Espírito sobre você.²⁹⁶

Quando o Espírito de Deus anima o pregador, ele frequentemente acrescenta às suas anotações. “Se realmente cremos no Espírito Santo,

temos de crer que ele age poderosamente, enquanto estamos envolvidos nesta obra tão séria e maravilhosa. Temos, portanto, de estar abertos às suas influências”.²⁹⁷ No poder do Espírito, o pregador fala o que é novo, aplicável, e relevante aos seus ouvintes. É de importância vital que o pregador compreenda a necessidade do Espírito na pregação.

A DUPLA AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Com tudo que LloydJones cria com respeito à unção do Espírito Santo sobre o pregador, ele também acreditava que não bastava tal concessão de poder. O Espírito teria de fazer algo dentro de seus ouvintes, enquanto eles escutavam a pregação da Palavra de Deus. Ele declarou: “Se o Espírito Santo somente agisse sobre o pregador, não haveria conversões”.²⁹⁸ Noutras palavras, ser um pregador cheio do Espírito é somente o primeiro passo para produzir o resultado da salvação de almas. Deve haver também o poder convincente do Espírito Santo operando nos corações dos ouvintes.²⁹⁹ LloydJones cria que naquilo que chamava de “ação dupla” do Espírito. Ele disse:

Esta é, portanto, a dupla ação do Espírito. Ele toma o pregador, aquele que fala, quer em púlpito ou em particular, e dá essa capacitação. Então, o Espírito Santo age sobre aqueles que ouvem e transforma suas mentes, corações e vontades. As duas coisas acontecem ao mesmo tempo.³⁰⁰

A certeza de que o Espírito Santo opera nos corações dos ouvintes deve dar ao pregador muito mais confiança em que os resultados não dependam da sua capacidade. Quando LloydJones se colocava em pé para proclamar a Palavra inerrante de Deus, ele estava cômico de sua necessidade do poder do Espírito Santo. Também estava plenamente convicto de que, a não ser que o Espírito tomasse as suas palavras e as pusesse nos corações de sua congregação, como pregos na madeira, não haveria salvação e não haveria transformação.

Martyn LloydJones possuía muitos dons e capacidades dados por Deus, mas estava plenamente consciente de que esses dons não eram o cerne de

sua utilidade. Sabia possuir habilidades, mas cria que só quando Deus se agrada em operar é que o bem eterno pode ser realizado. Era humildemente sabedor de que era “não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o SENHOR dos Exércitos” (Zacarias 4.6 ARA).

Não sejamos confiantes em nossas próprias capacidades naturais, talentos de oratória, ou habilidades de elocução, mas que dependamos inteiramente do poder do Espírito para propagar a Palavra de Deus, conforme ela for pregada nos corações e nas mentes dos que a ouvem. Portanto, estando plenamente convencidos de que o Espírito “sopra onde quer” (João 3.8), teremos liberdade para proclamarmos a mensagem da Escritura com ousadia e clareza.

268. Ligon Duncan III, “Some Things to Look For and Wrestle With”. in LloydJones, *Preaching and Preachers: 40th Anniversary Edition*, 33.

269. Murray, *Messenger of Grace*, 30.

270. Ibid.

271. Ibid.

272. Ibid.

273. Murray, *The Fight of Faith*, 262.

274. Murray, *Messenger of Grace*, 31.

275. D. Martyn LloydJones, *Courageous Christianity* (Wheaton, Ill.: Crossway, 2001), 190–91.

276. Lloyd -Jones, *Pregação e Pregadores*.

277. Ibid.

278. Ibid.

279. D. Martyn LloydJones, *The Life of Peace* (Grand Rapids, Mich.: Baker, 1992), 225.

280. LloydJones, *Pregação e Pregadores*.

281. Ibid.

282. D. Martyn LloydJones, *Spiritual Depression: Its Causes and Cures* (Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1965), 299–300.

283. D. Martyn LloydJones, *Discernindo os Tempos*.

284. LloydJones, *Pregação e Pregadores*.
285. Ibid..
286. Ibid.
287. Ibid.
288. Ibid.
289. Ibid.
290. Ibid.
291. Ibid.
292. LloydJones, *Courageous Christianity*, 191.
293. LloydJones, *Pregação e Pregadores*.
294. Ibid. 95.
295. Ibid.
296. Ibid.
297. Ibid.
298. LloydJones, *Courageous Christianity*, 192.
299. Ibid. 193.
300. Ibid.

Desejamos Novamente Pessoas como LloydJones!

Não estamos assim tão longe dos tempos de Martyn LloydJones. De fato, muitos dos que leem estas páginas estavam vivos durante o ápice do seu ministério em Londres, ou tiveram o privilégio de assentar-se sob sua pregação. Certamente, estamos em um período da história que carece da pregação expositiva, muito semelhante ao que experimentou LloydJones, quando começou seu próprio ministério de pregação. Em muitas igrejas, o entretenimento controla o palco central, a mensagem de prosperidade tem-se tornado dominante, e, tristemente, a clara exposição bíblica está quase extinta.

O que devemos fazer? Temos de fazer como LloydJones. Mais uma vez, temos de cativar a primazia e o poder da pregação bíblica. Deve haver um retorno decisivo à pregação centrada na Palavra, que exalte a Deus, centrada em Cristo e no poder do Espírito. Precisamos de homens dedicados à difícil e elaborada obra da exposição bíblica. Necessitamos de homens que destrinchem a Escritura, versículo por versículo, e a preguem como demonstração do poder do Espírito Santo para o crescimento e a santidade do povo de Deus. Em suma, precisamos novamente de homens como LloydJones, que se coloquem nos púlpitos por toda nossa terra e, sem pedir desculpas, proclamem a Palavra do Deus vivo.

Martyn LloydJones terá aqui a palavra final. De que espécie de pregador precisamos hoje? Este mestre de púlpito responde:

A coisa principal é o amor de Deus, o amor pelas almas, o conhecimento da Verdade, e o Espírito Santo dentro de você. São estas as características que fazem o pregador. Se ele tem o amor de Deus no coração, e se tem amor por Deus; se tem o amor pelas almas dos homens, e se preocupa com eles; se ele conhece a verdade das Escrituras; e tem dentro de si o Espírito de Deus, esse homem pregará.³⁰¹

Que a descrição de LloydJones sobre o pregador esteja incorporada à nova geração de arautos do evangelho em nossos dias. Realmente, desejamos ter novamente pessoas como LloydJones. *Precisamos* novamente de pessoas como LloydJones. E, pela graça de Deus, nós os veremos levantados nesta hora. Que o Cabeça da igreja nos dê um exército de expositores bíblicos, homens de Deus totalmente entregues a uma nova reforma.

Soli Deo Gloria.

301. LloydJones, *Pregação e Pregadores*.



O Ministério Fiel visa apoiar a igreja de Deus, fornecendo conteúdo fiel às Escrituras através de conferências, cursos teológicos, literatura, ministério Adote um Pastor e conteúdo online gratuito.

Disponibilizamos em nosso site centenas de recursos, como vídeos de pregações e conferências, artigos, e-books, audiolivros, blog e muito mais. Lá também é possível assinar nosso informativo e se tornar parte da comunidade Fiel, recebendo acesso a esses e outros materiais, além de promoções exclusivas.

Visite nosso website www.ministeriofiel.com.br